

# guia de percursos pedestres do algarve



# índice geral

- 1** Prefácio
- 2** Introdução
- 4** Caracterização ambiental da região
- 8** Conselhos aos caminhantes
- 10** Ficha-tipo
- 12** Mapa-índice de percursos
  
- 14** Costa Vicentina
- 36** Litoral Sul
- 78** Barrocal
- 104** Serra
- 162** Guadiana
- 212** Grandes Rotas
  
- 232** Lista de espécies
- 236** Glossário
- 238** Contactos úteis
- 240** Referências bibliográficas

# Um Algarve imenso para descobrir

Se gosta de caminhar, preza o contacto com a natureza, aprecia descobrir coisas novas e tem espírito de aventura, então este “Guia de Percursos Pedestres”, editado pelo Turismo do Algarve, ser-lhe-á seguramente útil. O clima ameno, marcadamente mediterrânico, com mais de 300 dias de sol por ano, permite desfrutar de qualquer destes percursos na altura que mais lhe convier. As únicas coisas essenciais serão mesmo o calçado apropriado, roupas leves e adequadas à época e uma pequena mochila às costas. Sem esquecer, claro, a máquina fotográfica para registar muitos momentos únicos e os binóculos para se fixar nos pormenores que a vista desarmada não alcança.

Aventurar-se ao ar livre, por entre serras, bosques, dunas, falésias, lagos e rios é uma experiência enriquecedora que cada vez mais visitantes procuram no anseio de descobrir um território que está longe de se esgotar nos seus famosos areais e praias de veraneio. A diversidade paisagística do Algarve é inquestionável, tal como a riqueza do seu património natural e edificado e a abundância das suas tradições. Mil e um caminhos esperam por si: ora de terra, ora asfaltados, seja por troços empedrados ou passadiços de madeira.

Nos 47 percursos que integram este Guia a paisagem pode mudar de local para local. Zonas húmidas, lagos de água doce e sapais sujeitos à influência das marés podem contrastar com campos de sequeiro, onde proliferam amendoeiras, alfarrobeiras ou figueiras. Passagens por antigos moinhos e celeiros que testemunham o passado agrícola da região não fazem esquecer os mariscadores na apanha de bivalves nas zonas costeiras. Pelo meio, muitos casarios brancos de aldeias com ruas estreitas, conservando o traço urbanístico tradicional. No horizonte, as aves aquáticas ou de rapina, dependendo do percurso escolhido; no chão, os coelhos-bravos que se podem atravessar no nosso caminho.

O Algarve é esta mescla de experiências, a que se juntam a hospitalidade das suas gentes, a sua gastronomia e o seu património cultural. Tudo isto contribui para fazer da região um destino turístico de excelência, muito para além do sempre apreciado Sol & Mar. Um turismo, diga-se, que se quer cada vez mais sustentável económica, social e ambientalmente.

O turismo de natureza é, neste contexto, um dos pilares basilares para um desenvolvimento integrado da região.

A si, caro leitor deste Guia, cabe-lhe decidir se quer começar pela Costa Vicentina ou pelo Barrocal, pela Serra ou pelo Guadiana. Importante é que siga pelo seu próprio pé. Faça-se ao caminho, é o desafio que aqui lhe deixamos. Aprecie as nossas sugestões, são os nossos votos.

**O Presidente da Região de Turismo do Algarve**

# Introdução

O Algarve é a região mais meridional de Portugal Continental, sendo delimitado a oeste e a sul pelo Oceano Atlântico e a norte pela ribeira de Odeceixe, pelas cristas das Serras de Monchique e Caldeirão e pela Ribeira do Vascão; a este o Algarve está separado de Espanha pelo Rio Guadiana. A sua particular localização, e a forte influência do Mar Mediterrâneo, conferem à região uma riqueza ambiental única, que se reflete na elevada diversidade paisagística, em que os valores da natureza e a intervenção humana sobre o território ao longo dos tempos proporcionaram características especiais.

Nesse sentido, é fundamental criar condições para que se protejam os valores mais autênticos da região, para que as paisagens diversificadas e esteticamente atraentes sejam preservadas como zonas de equilíbrio bio-cultural. Essas paisagens são consideradas necessárias ao desenvolvimento sustentável do território, nomeadamente como locais de atração e de diversificação da oferta turística do Algarve, comprovada pela visita de milhares de turistas que todos os anos afluem à região em busca da observação da natureza, de tradições genuínas e de costumes diferentes.

O pedestrianismo, definido como a atividade desportiva de percorrer distâncias a pé, permite um estreito contacto com a natureza e pode sensibilizar as pessoas para a importância da proteção dos recursos

naturais e culturais, promovendo o bem-estar e qualidade de vida dos que o praticam. Essa atividade revela-se ainda particularmente atrativa, uma vez que pode ser desenvolvida noutras vertentes, nomeadamente ao nível pedagógico, científico, lúdico e turístico.

No “Guia de Percursos Pedestres do Algarve” foram incluídos 47 percursos de Pequena Rota (percursos com menos de 30 km) e resumos dos percursos de Grande Rota (com mais de 30 km) existentes na região. Esta seleção foi realizada após um levantamento dos percursos e se terem realizado inúmeras saídas de campo com vista à sua validação. A escolha dos percursos a incluir no guia baseou-se na análise de um conjunto de critérios, nomeadamente a seleção de pelo menos um percurso por concelho, o seu estado de conservação, a segurança, a existência de material de divulgação, de painéis de informação e sinalética, a presença de valores naturais, paisagísticos e culturais relevantes, e a existência de singularidades.

Para as Pequenas Rotas o guia está organizado de acordo com cinco áreas: Costa Vicentina, Litoral Sul, Barrocal, Serra e Guadiana. No final foram incluídos resumos da Via Algarviana, Rota Vicentina, Grande Rota do Guadiana e Percurso Descoberta. Antes de se aventurar nas Grandes Rotas é essencial a consulta de guias pormenorizados e informações específicas para cada, assim como a consulta dos respetivos sites.



# Caracterização ambiental da região

O Algarve é composto por uma grande diversidade paisagística. Matos e matagais mediterrâneos, bosques de carvalhos e florestas ripícolas nas zonas serranas, ambientes cársicos e pomares de sequeiro no Barrocal, ou falésias, sistemas dunares e lagunares na zona costeira, são alguns dos aspetos paisagísticos característicos da região.

Grande parte do território é ocupada por zonas agrícolas e florestais. O coberto vegetal atualmente existente resulta da alteração do coberto natural desta região, composto sobretudo por bosques de carvalhos, nomea-

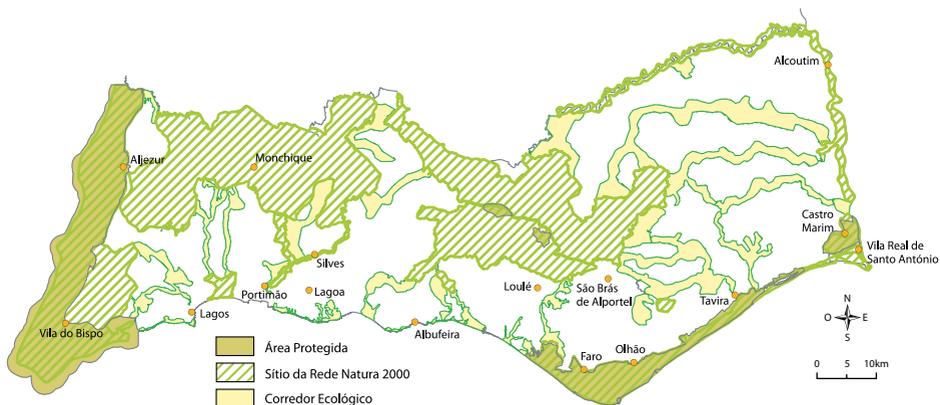
damente sobreirais e azinhais, em resultado direto e indireto das atividades humanas na região ao longo de milhares de anos, embora mais relevante em função das alterações realizadas no último século. Ao nível da vegetação natural, o Algarve apresenta os elementos típicos da vegetação mediterrânica com algumas das espécies associadas a esta designação, como sejam o sobreiro, o carrasco, o alecrim, a aroeira, o trovisco-fêmea, o loendro, ou o medronheiro.



Como sítios especialmente importantes para plantas endémicas destacam-se a Costa Sudoeste e, em particular, o promontório de Sagres, assim como a metade superior da Serra de Monchique. Em relação à vegetação cultivada existem grandes extensões de pomar, nomeadamente pomares de sequeiro, com a utilização de oliveira, alfarrobeira, figueira, e amendoeira. Nas regiões serranas subsistem os carvalhais e os matagais, assim como extensas plantações de pinheiro e eucalipto.

Ao nível da fauna, a riqueza específica, em particular de vertebrados, é elevada, em resultado também da elevada diversidade de biótopos desta região. Espécies como o saramugo e o escalo-do-Arade (peixes), o lagarto-de-água, o camaleão e o cágado-mediterrânico (répteis), o rato-de-Cabrera ou o gato-bravo (mamíferos), o camão e a águia-de-Bonelli (aves), são algumas das muitas espécies registadas no Algarve, algumas delas de ocorrência limitada a Portugal ou à Península Ibérica.

As zonas húmidas desempenham um papel importante para a fauna, nomeadamente as zonas estuarinas e rias (Ria Formosa, Ria de Alvor, estuário do Rio Arade, estuário do Guadiana) já que sustentam uma importante comunidade piscícola que, juntamente com outras zonas húmidas como lagos, caniçais, rios e ribeiras, apresentam importantes concentrações de aves a nível nacional e mesmo internacional, seja como locais de criação, de invernada, ou durante as migrações. Grande parte dos principais rios e ribeiras representam também corredores ecológicos fundamentais para a sobrevivência não somente de peixes, mas também de mamíferos, répteis e anfíbios, interligando os espaços naturais da região.



No Algarve, estão consagradas como áreas protegidas o Parque Natural da Ria Formosa, o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (parcialmente implantado na região), a Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António, para além das Paisagens Protegidas da Rocha da Pena e da Fonte Benémola. Com a integração dos 14 sítios da Rede Natura 2000, cerca de 38% da área total do Algarve terá um estatuto de conservação o que consagra a sua importância biológica e paisagística ao nível europeu. Estas áreas protegidas, juntamente com os corredores ecológicos constituem a Estrutura Regional de Proteção e Valorização Ambiental, proposta pelo Plano Regional de Ordenamento do Território do Algarve, que tem como funções definir orientações de planeamento e gestão de modo a salvaguardar a compatibilidade recíproca entre a conservação da natureza e as atividades humanas, nomeadamente o desenvolvimento do turismo da natureza.

Os percursos selecionados, em função da sua localização e características, permitem observar grande parte dos valores naturais referidos.

## O clima do Algarve

A região tem um clima marcadamente mediterrâneo, caracterizado por verões quentes e longos e invernos curtos e amenos, elevado número de horas de sol, precipitação baixa ao longo do ano e concentrada em poucos dias de outono e inverno. Há, porém, variabilidade climática em função da influência atlântica e altitude e, nos últimos anos, têm-se vindo a manifestar alterações a estes padrões, verificando-se maior ocorrência de situações extremas, com períodos mais curtos de precipitação intensa e períodos mais longos com ausência de precipitação.



A temperatura média do litoral sotavento e do centro do Algarve é a mais elevada do país com valores a rondar os 18°C. É também nesta parte da região que são registadas temperaturas máximas médias acima dos 30°C e períodos do dia acima dos 40°C, durante os meses de verão. Ainda durante o período estival, o litoral do sotavento atinge frequentemente temperaturas mínimas elevadas nas chamadas noites tropicais, com valores iguais ou superiores a 20°C. O litoral a barlavento e a costa vicentina, em resultado da influência mais marcadamente atlântica, invadido por massas de ar marítimo de sudoeste, apresenta valores de temperatura relativamente mais baixos. Na serra, e em particular nas zonas mais elevadas dos principais relevos, nas serras de Espinhaço de Cão,

Monchique e Caldeirão, verifica-se uma grande variabilidade climática, com uma tendência sub-húmida a húmida no setor ocidental e seca continental na bacia do Guadiana.

A precipitação tem frequentemente carácter torrencial e ocorre sobretudo entre outubro e fevereiro. Mesmo no inverno, a seguir a dias chuvosos, sucedem-se dias soalheiros, ótimos para praticar atividades ao ar livre. Nos meses de junho a setembro quase não ocorre precipitação na região.





# Conselhos aos caminhantes

## Antes de partir

### Equipamento e vestuário a considerar

- › Chapéu, óculos de sol e protetor solar.
- › Calçado apropriado para o percurso que vai realizar.
- › Peças de roupa leves e adequadas à época do ano.
- › Mochila pequena e leve para transportar água, refeições ligeiras e energéticas, estojo básico de primeiros socorros, bússola, lanterna (para o caso de se encontrar no percurso depois do anoitecer), telemóvel com bateria carregada (em algumas zonas do interior pode não ter rede de telemóvel), e o guia de percursos.
- › Máquina fotográfica, binóculos.

### Outros conselhos

- › Informar-se sobre a previsão meteorológica.
- › Verificar a hora de partida e se pode terminar o percurso antes do anoitecer.
- › Para os percursos inseridos em zona de caça ter atenção nos meses de outono e inverno, em particular às quintas-feiras, fins de semana e feriados (para mais informações contactar o ICNF).
- › Não leve consigo objetos de valor desnecessários.
- › Não partir sozinho para um percurso.



Caminhos na Carrapateira

### No percurso

- › Siga sempre os percursos sinalizados.
- › Quando atravessar povoações e áreas cultivadas respeite os costumes, tradições e bens.
- › Respeite as normas em vigor nas áreas protegidas.
- › Não faça barulhos desnecessários.
- › Não caminhe pelas dunas e nunca estacione sobre o topo das arribas.
- › Não colha plantas ou rochas nem perturbe a fauna.
- › Quando confrontado com um animal agressivo, não corra. Continue a andar.
- › Nunca faça fogueiras.
- › Faça pausas, tome refeições ligeiras e beba água.
- › Não deixe lixo. Transporte-o consigo e deposite-o num local onde haja serviço de recolha.
- › Esteja atento ao que o rodeia.

### Contactos de emergência

- › Alerta para qualquer emergência - 112
- › Alerta de incêndio - 117
- › SOS Ambiente e Território - 808 200 520
- › SEPNA - Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente da GNR - 217 503 080

# Ficha-tipo

**Nome:** nome por que é conhecido o percurso.

**Concelho/ Freguesia(s):** áreas administrativas onde o percurso está implantado.

**Local:** localidade ou sítio.

**Acesso:** indicações sobre como chegar ao percurso.

**Tipo de percurso:** circular, linear.

**Ponto de partida:** especificações sobre o sítio onde inicia o percurso.

**Distância:** distância total a percorrer (há que contar com a ida e volta nos percursos lineares).

**Duração média:** cálculo aproximado com base nas características do percurso (distância, tipo de terreno, altimetria).

**Subida acumulada:** quantidade acumulada, em metros, de todas as subidas do percurso. De referir que nos percursos lineares o sentido da caminhada pode representar subidas (e descidas) acumuladas bastante diferentes.

**Tipo de caminho:** terra, gravilha, areia, estrada, etc...

**Quando visitar:** época aconselhada em função das características do percurso e das condições climatéricas previsíveis.

**Homologado:** indica se o percurso possui a marca de homologação atribuída pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. As marcas de homologação e sinalética das Rotas homologadas são as seguintes:

## Pequena Rota (PR)



*Caminho certo*



*Caminho errado*



*Mudança de direção (esquerda)*



*Pequena e Grande Rota*

### Grande Rota (GR)



*Caminho certo*



*Caminho errado*



*Mudança de direção (direita)*

**Sinalizado:** quando o percurso dispõe de elementos visuais informativos, como painéis e sinalética direcional. Em alguns casos, como nas praias, só estão afixados painéis informativos.

**Particularidades:** integração em áreas protegidas. Existência de infraestruturas de apoio ou informação adicional útil ao caminhante.

**Pontos de interesse:** valores naturais ou culturais relevantes para o visitante.

**Proprietários:** se o percurso é feito total ou parcialmente por terrenos privados e/ou públicos.

**Entidade responsável:** entidades ou pessoas responsáveis pelo percurso.

**Observações:** informações adicionais, como a possibilidade de fazer o percurso por outros meios (ex. BTT ou a cavalo) ou, por exemplo, a passagem por zonas de caça.

**Descrição:** texto descritivo do percurso e dos valores naturais e culturais mais relevantes.



# mapa-índice de percursos

*Nota: a numeração dos percursos corresponde aos números de página onde estão inseridos.*

- 16. Cerros da Carrapateira
- 20. Da Bordeira até ao Mar
- 24. Endiabrada e os Lagos Escondidos
- 28. Circuito Cultural e Ambiental de Aljezur
- 32. Trilho Ambiental do Castelejo
- 38. A Rocha Delicada
- 42. Ao Sabor da Maré
- 46. Caminho dos Promontórios
- 50. Percurso dos Sete Vales Suspensos
- 54. Percurso de Interpretação da Praia Grande
- 58. Trilho de São Lourenço

- 62. Percursos do Ludo
- 66. Ilha da Culatra
- 70. Percurso Pedestre do Centro de Educação Ambiental de Marim
- 74. Trilho da Praia do Barril
- 80. Percurso do Parque Municipal do Sítio das Fontes
- 84. Percurso do Castelo de Paderne
- 88. Percurso da Rocha da Pena
- 92. Percurso da Tõr
- 96. Percurso da Fonte da Benémola
- 100. Caminhos e Encruzilhadas de ir à Fonte







## Percursos

- 16. Cerros da Carrapateira
- 20. Da Bordeira até ao Mar
- 24. Endiabrada e os Lagos Escondidos
- 28. Circuito Cultural e Ambiental de Aljezur
- 32. Trilho Ambiental do Castelejo



# 1. Costa Vicentina

# Cerros da Carrapateira



Vista panorâmica sobre a costa e a praia da Bordeira

**Freguesia:** Bordeira

**Concelho:** Aljezur

**Localização:** Carrapateira

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) até Lagos, seguindo depois pela N125 até Vila de Bispo. Aí, seguir para norte pela N268, até à Carrapateira.

**Tipo:** pedestre

**Percurso Circular:** sim

**Distância:** 13,2 km

**Duração média:** 3h30m a 4h

**Subida acumulada:** 400 metros D+

**Tipo de caminho:** caminho de terra.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina e integrado na Rota Vicentina.

**Pontos de interesse:** paisagem e vistas panorâmicas, vegetação e fauna nos barrancos que conduzem ao vale da Vilarinha, campos agrícolas e turismo rural.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Rota Vicentina.

**Observações:** o percurso atravessa matas de produção de madeira.



Vale e aldeia da Vilarinha



Barranco de acesso à aldeia da Vilarinha

A caminhada percorre paisagens ondulantes, entre vales, barrancos e cerros, oferecendo vistas panorâmicas sobre a linha de costa, as aldeias da Carrapateira e Vilarinha, e a serra de Monchique.

**A** – Partindo da Carrapateira, o percurso segue por campos abertos, pastagens e matos baixos, onde se destaca a colorida jovina-das-praias. Aqui encontram-se gralhas-de-nuca-cinzenta e uma ou outra ave de rapina. Na subida ao primeiro cerro, avistam-se a praia do Amado e as vastas dunas da Carrapateira.

**B** – A paisagem continua ondulante, agora revestida por um bosque jovem de pinheiro-manso, acompanhado por matos onde abundam a esteva, o rosmaninho, o tojo-prateado e o tojo-do-Sul de exuberante floração amarela.

**C** – Atravessada a N268 e depois de nova subida, avista-se o vale da Vilarinha e, em pano de fundo, a serra de Monchique que

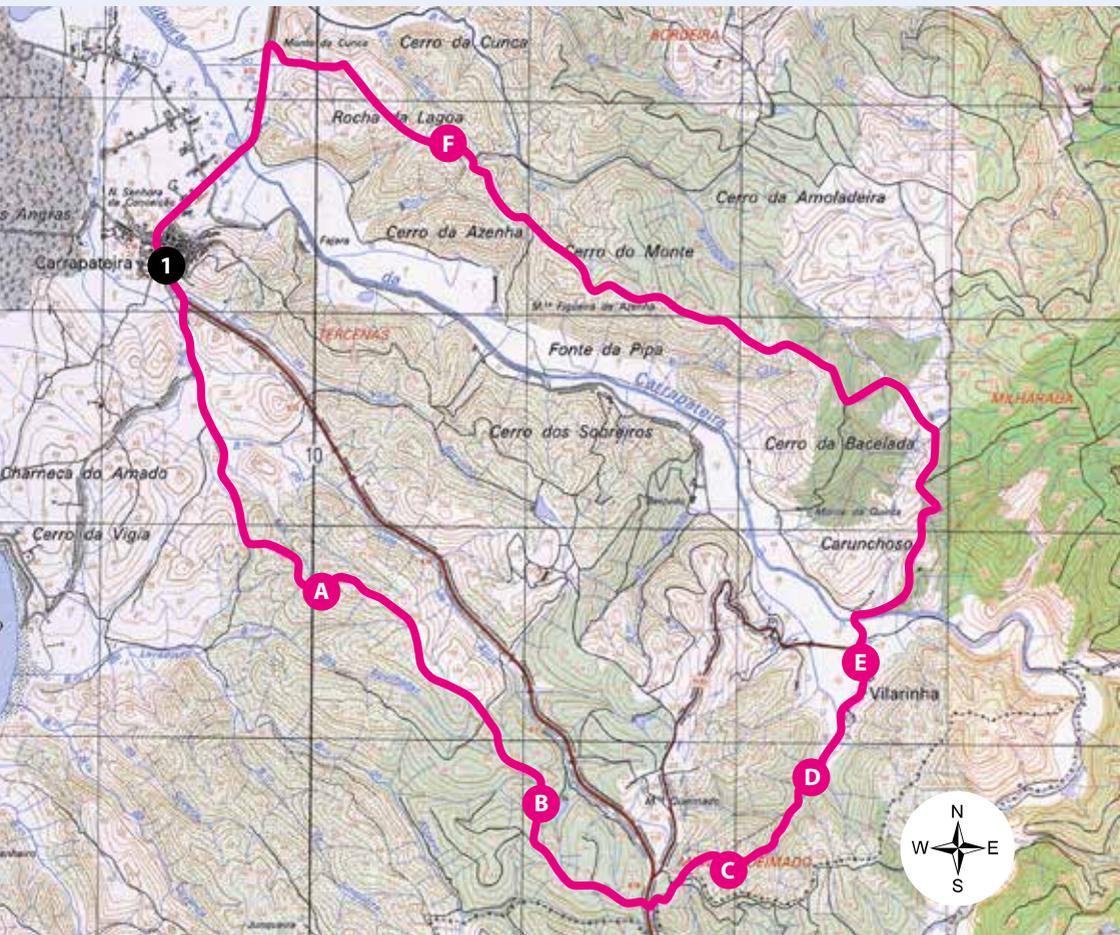
exibe o ponto mais alto do Algarve, a Fóia com 902 m de altitude.

**D** – Um trilho de pé-posto desce ao vale da Vilarinha, encaixado num barranco revestido por um exuberante bosque de sobreiro e medronheiro. No matagal denso encontram-se urzais, sargaçais, silvados e lianas como a aromática madressilva. Cantos de diversas aves povoam o ar: trepadeiras, rouxinóis e pica-paus, entre outras.

**E** – Atravessa-se o vale de vocação agrícola que ainda exhibe árvores de fruto e campos de cultivo. Atualmente, na aldeia da Vilarinha, concilia-se o turismo rural com os campos de pastagem para gado.

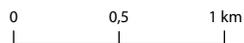
**F** – Sobe-se ao cerro norte através de um caminho ladeado por pinheiro-manso e esteval. Para trás fica o amplo vale da Vilarinha e o carvalho cerrado das suas encostas. Seguindo sempre por linhas de cumeada, contempla-se a sucessão de vales e cerros, até que a vista alcança o mar e as vastas dunas da Carrapateira.

# Cerros da Carrapateira



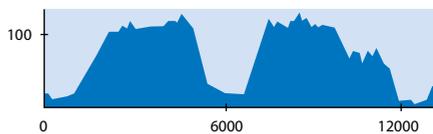
## 1 Início do percurso

37° 11' 01.00" N 8° 53' 43.14" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



# Da Bordeira até ao Mar



Campos de pastagem no monte do Bordalete. Sinalética para opção de caminhada pelo percurso mais longo ou mais curto

**Freguesia:** Bordeira

**Concelho:** Aljezur

**Localização:** Bordeira

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) até Lagos, seguindo depois pela N125 até Vila de Bispo. Aí, seguir para norte pela N268, até à Bordeira.

**Tipo:** pedestre

**Percurso Circular:** sim

**Distância:** 13,5 km (ou em alternativa 6 km)

**Duração média:** 4h a 4h30m (ou 2h)

**Subida acumulada:** 325 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e areia.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina e integrado na Rota Vicentina.

**Pontos de interesse:** pinhal do Bordalete, campos dunares suspensos sobre arribas, afloramentos geológicos, vistas sobre a linha de costa.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Rota Vicentina

**Observações:** pode optar por fazer um percurso de apenas 6 km, seguindo as indicações no monte do Bordalete, ao km 3,5. Os troços junto à costa e no pinhal do Bordalete têm muita areia.



Praia da Bordeira vista da arriba

O percurso atravessa o vale da Bordeira, o antiquíssimo pinhal do Bordalete e um campo dunar suspenso sobre a arriba da praia, onde nos surpreendem plantas exclusivas desta costa.

**A** – Partindo da carismática aldeia da Bordeira, caminha-se entre os matos esparsos das encostas soalheiras e os juncais e bunhais da várzea da ribeira da Bordeira. A galeria ribeirinha forma um corredor frondoso de choupos, freixos, salgueiros e silvados, onde se abriga fauna diversa. A várzea é usada como área de pastagem do gado que se avista no monte do Bordalete.

**B** – Subindo até à plataforma costeira, alcança-se o marco geodésico da Mesquita onde se alonga o olhar pela linha de costa, para norte até à baía de xisto negro da Arrifana, e para sul, onde sobressaem os calcários claros do Pontal da Carrapateira. Olhando mais perto, encontram-se os matos baixos, moldados pelo vento, da aromática esteva-de-Sagres.

**C** – Ao longo da arriba da Carrapateira, atravessa-se um notável campo dunar suspenso, rico em plantas raras. São exemplos as espinhosas tojo-de-Sagres, *Stauracanthus vicentinus* e *Astragalus vicentinus*, ou os aromáticos *Teucrium vicentinum* e tomilho-canforado (ou tomilho-de-Sagres), cujos nomes específicos aludem à Costa Vicentina. Aromas fortes misturam-se no ar: plantas como estas e a perpétua-das areias, o zimbros, o rosmaninho, a camarinha e a sargaça-amarela, adaptadas à secura e aos ventos marítimos, produzem óleos e resinas para evitar perdas de água.



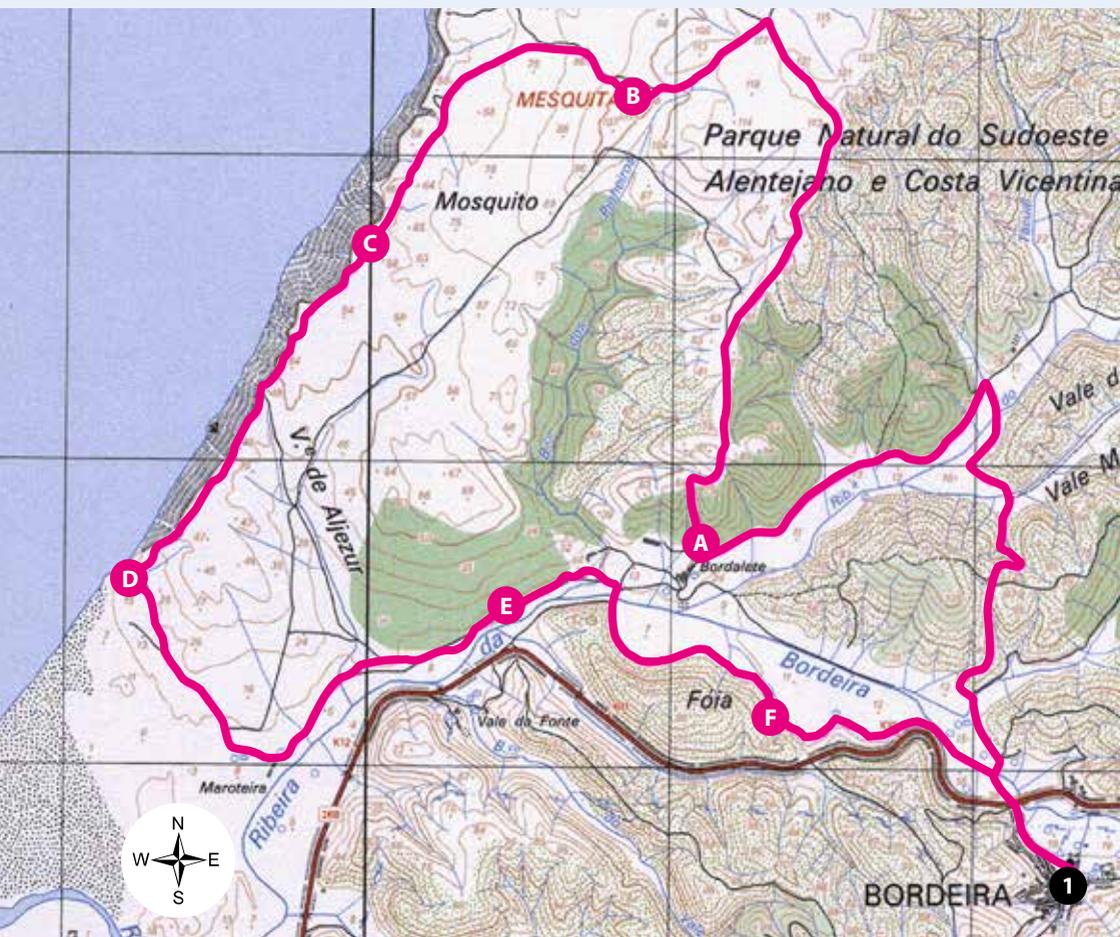
Alquitira-do-Algarve (*Astragalus vicentinus*).  
Endemismo da Costa Vicentina, confinado à orla costeira entre Sagres e a praia da Bordeira

**D** – Neste local, os tons rosados substituem o cinzento habitual do xisto desta arriba; são arenitos da formação Grés-de-Silves que aqui aflora. De volta ao interior, aprecia-se a admirável extensão de areias e dunas da Carrapateira.

**E** – O Pinhal do Bordalete, com cerca 40 hectares, foi plantado para exploração da pinha e de madeira para construção naval. Com pinheiros-mansos monumentais, é também um valioso habitat para aves, já que se encontra em pleno corredor migratório.

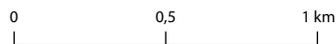
**F** – De volta à Bordeira, percorre-se um trilho no sopé de encostas declivosas, revestidas por bosque de sobreiro com os seus típicos urzais, estevais e tojais.

# Da Bordeira até ao Mar



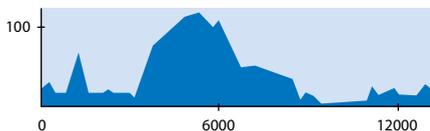
## 1 Início do percurso

37° 11' 46.00" N 8° 51' 39.48" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



# Endiabrada e os Lagos Escondidos



Lagoa de barragem de terra (um dos "lagos escondidos"). A encosta umbria encontra-se revestida com carvalho nativo

**Freguesia:** Bordeira

**Concelho:** Aljezur

**Localização:** Bordeira

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) até Lagos, seguindo depois pela N125 até Vila de Bispo. Aí, seguir para norte pela N268, até à Bordeira.

**Tipo:** pedestre

**Percorso circular:** sim

**Distância:** 16 km (ou em alternativa 7 km).

**Duração média:** 5h (ou 2h)

**Subida acumulada:** 415 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina e integrado na Rota Vicentina.

**Pontos de interesse:** floresta de carvalhos bem conservada e fauna associada, zonas húmidas de água doce - lagoas e ribeira da Bordeira, vegetação ripícola.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Rota Vicentina.

**Observações:** pode optar por fazer um percurso de apenas 7 km, seguindo as indicações nas proximidades do sítio da Samouqueira, ao km 3,7. O percurso atravessa matas de produção de madeira.



Pastagem na várzea da Ribeira da Bordeira.

Esta caminhada explora a região interior da carismática aldeia da Bordeira, numa viagem no tempo pelos raros bosques de vegetação nativa existentes na região algarvia.

**A** – O percurso sobe suavemente até à Endiabrada (local onde se cruzam seis caminhos), seguindo então por um bosque de sobre fresco e sombrio, onde o subcoberto é composto por exuberantes feteiras.

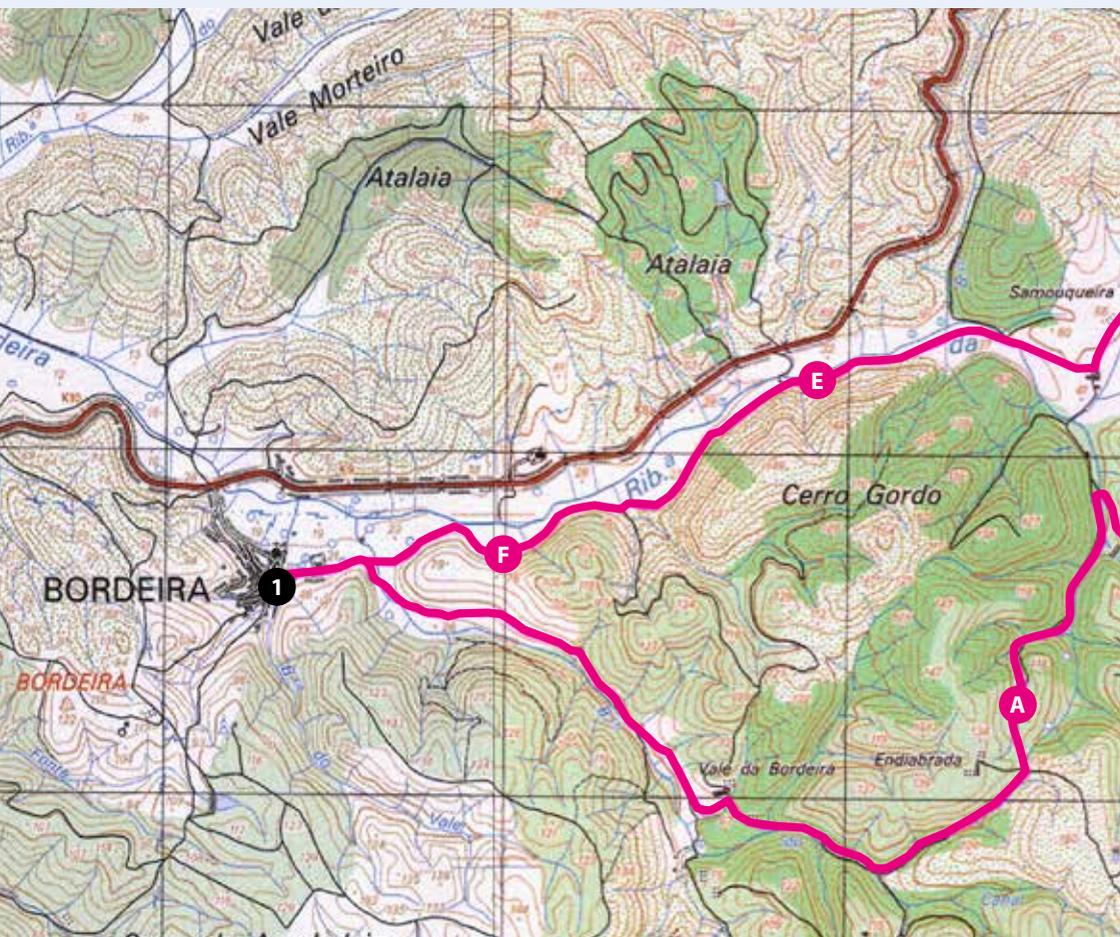
**B** – Passando um pequeno riacho, o caminho avança por um vale bem conservado, no qual represas de terra deram origem a dois lagos. A vegetação torna-se luxuriante, tanto em redor dos lagos, como nas encostas umbrias, revestidas pelos carvalhais nativos da região, quase impenetráveis pela profusão de fetos e lianas. Na margem dos lagos, surgem, a par com sobreiros monumentais, os salgueiros e freixos, bem como vegetação palustre, sobretudo tabual e relvados. Ao longo do caminho, o bosque de sobre faz-se acompanhar por urzais, silvados, roseiras bravas e plantas típicas do matagal mediterrânico.

**C** – A ruína de uma casa de taipa assinala a entrada do percurso numa área de matas de produção (pinheiro-bravo e eucalipto).

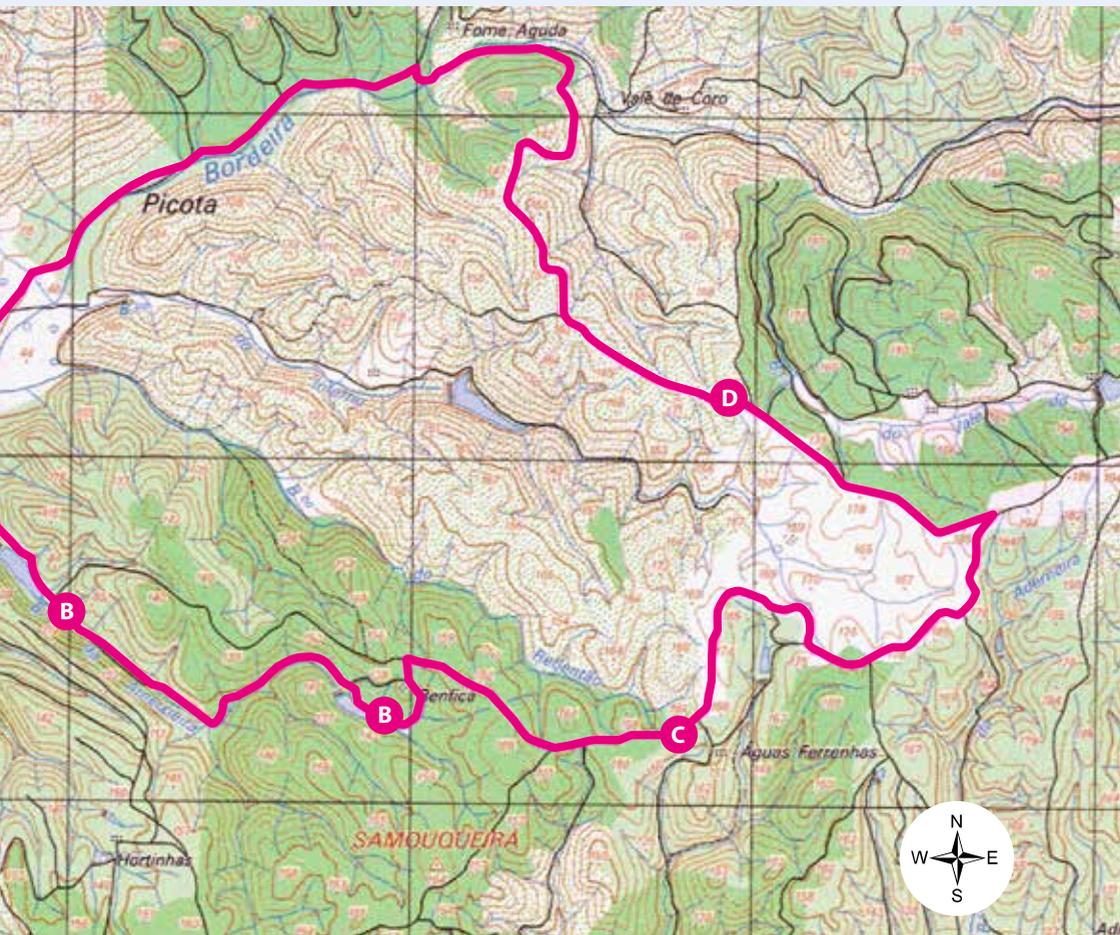
**D** – O percurso desce em direção ao litoral e avistam-se sucessivos cerros com o mar ao fundo. Apesar dos eucaliptais dominarem a paisagem, algumas destas matas são antigas e a vegetação nativa começa a recuperar.

**E** – Chegando à Samouqueira, o caminho segue pela várzea da ribeira da Bordeira. Na galeria ripícola dominam a tamargueira, o salgueiro e o sobreiro, acompanhados por canavial e silvados. Nas áreas de pastagem da várzea abundam os juncais e bunhais.

**F** – Perto da Bordeira, o vale revela um mosaico de hortas, áreas de pastagem e pomares. A encosta umbria do vale exhibe um antigo e frondoso bosque de carvalhos, onde facilmente se identifica o sobreiro, o medronheiro, o folhado, a urze-branca e o tojo-gatum, envoltos em fetos e lianas. Estas encostas sombrias oferecem abundantes refúgios e alimento para a fauna, o que se reflete na presença de mamíferos carnívoros: geneta, saca-rabos, texugo, fuinha, raposa e, não há muitas décadas, o lince-ibérico.

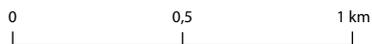


# Endiabrada e os Lagos Escondidos



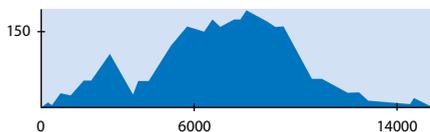
## 1 Início do percurso

37° 11' 46.00" N 8° 51' 39.48" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



# Circuito Cultural e Ambiental de Aljezur



Castelo de Aljezur

**Freguesia:** Aljezur

**Concelho:** Aljezur

**Localização:** Aljezur

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) até Bensafrim e seguir pela N120 em direção a Aljezur.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 6,4 km (incluindo o Circuito Cultural e Ambiental com 3,7 km e o Percorso da Ribeira de Aljezur com 2,7 km).

**Duração média:** 1h30m a 2h

**Subida acumulada:** 200 metros D+

**Tipo de caminho:** estrada asfaltada e empedrada. Caminhos de terra.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. Existe uma publicação e um áudio-guia de apoio ao percurso, edições da Câmara Municipal de Aljezur.

**Pontos de interesse:** Ribeira de Aljezur e galeria ripícola, património histórico e cultural.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Aljezur.



Campos agrícolas na várzea que separa os dois núcleos urbanos de Aljezur



Galeria ripícola com amial

O percurso percorre o centro histórico de Aljezur, revelando a antiga ocupação humana da vila, e acompanha o troço inicial da ribeira de Aljezur.

**A** – Outrora navegável, a ribeira de Aljezur segue entre o casario branco de origem islâmica e o mosaico de campos agrícolas instalado na fértil várzea. Os amieiros dominam a fresca galeria ribeirinha; esta é uma árvore exclusiva de terrenos permanentemente encharcados, sendo rara em território algarvio.

**B** – Na confluência entre as ribeiras de Aljezur e do Areeiro, encontram-se vestígios de uma represa, o Escama-peixe, que alimentava o moinho do Serradinho. Nesta represa pescava-se, lavava-se roupa e ia-se a banhos. Aqui abundam insetos, anfíbios e aves e, pontualmente, verifica-se a presença de lontra. É nestas ribeiras do Sudoeste que a população de lontra é conhecida por fazer incursões de pesca até ao mar.

**C** – Até ao século XVI, naus e caravelas que transportavam mercadorias entre Europa e África usavam o porto fluvial de Aljezur. Neste local situava-se a Casa da Portagem onde se procedia ao controlo das mercadorias e pagamento das taxas portuárias.

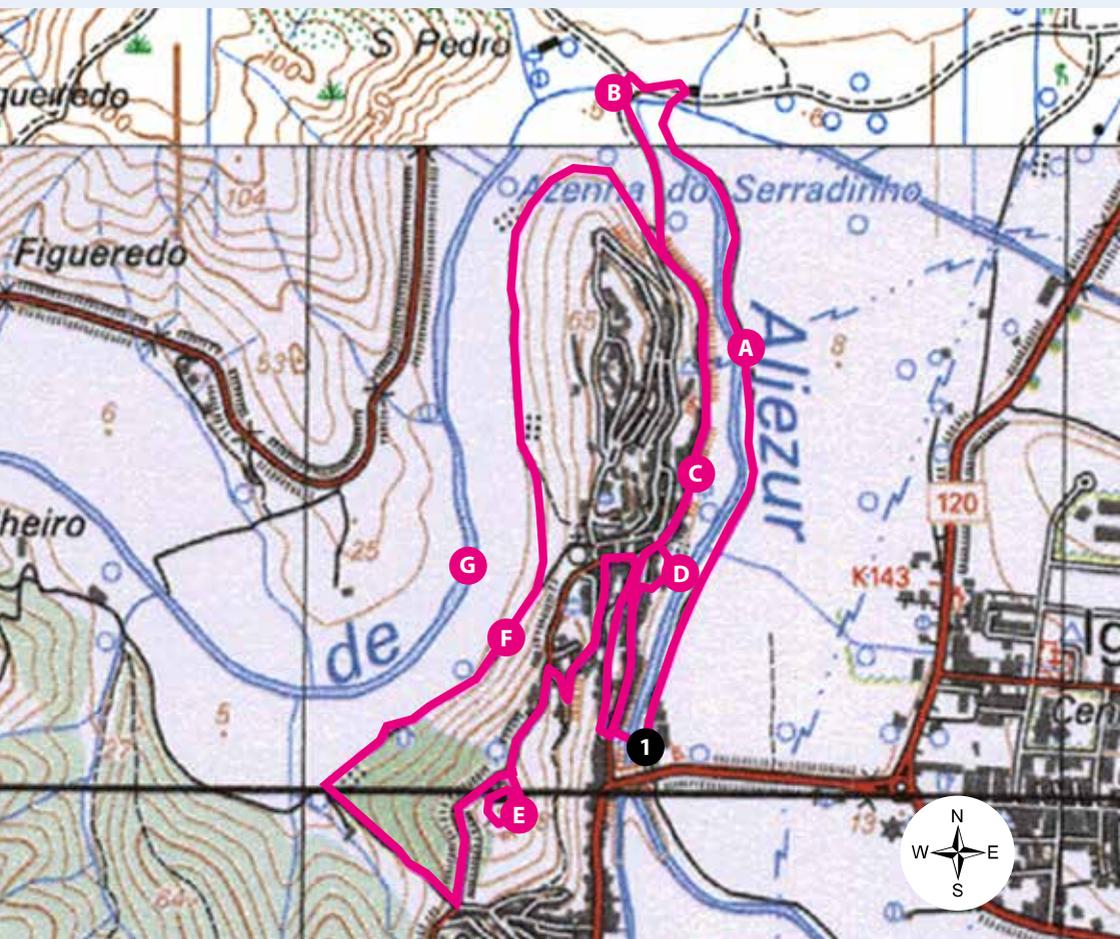
**D** – Para além do cais do Desembarcadouro no vale D. Sancho, onde fundeavam as embarcações de maior porte, existiam pontos fixos de amarração ao longo da zona ribeirinha da vila. Estas azinhagas estreitas davam acesso a esses padrões de amarração.

**E** – O castelo revela ocupação desde a Idade do Bronze, mas terá sido nos períodos Islâmico e Cristão que adquiriu a configuração atual. Com localização sobranceira aos vales de Aljezur, asseguraria a proteção deste importante porto fluvial.

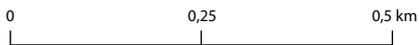
**F** – Uma fonte de pedra, a Fonte das Mentiras, é alvo de diversas lendas locais, na sua maioria aludindo a corredores subterrâneos de ligação até ao castelo.

**G** – No vale D. Sancho, dominam os sapais e as pastagens húmidas, acompanhados pela vegetação da galeria ribeirinha, onde dominam salgueiros e freixos, árvores tolerantes a variações de água. A galeria forma um corredor denso que serve de abrigo a vários mamíferos e à nidificação de aves.

# Circuito Cultural e Ambiental de Aljezur

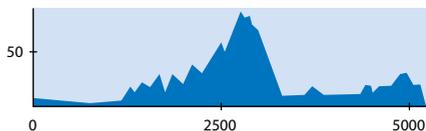


**1** Início do percurso  
37° 19' 01.17" N 8° 48' 11.13" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Trilho Ambiental do Castelejo



Ponto de descanso com vista para o barranco do Castelejo

**Freguesia:** Vila do Bispo

**Concelho:** Vila do Bispo

**Localização:** área de lazer do Castelejo

**Acessos:** a partir de Vila do Bispo, tomar a estrada M1265 para a praia do Castelejo. A cerca de 2 km, antes de chegar à praia, encontra-se o parque de merendas / área de lazer do Castelejo.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 3,5 km

**Duração média:** 1 hora

**Subida acumulada:** 110 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido no Perímetro Florestal de Vila do Bispo e no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. A Junta de Freguesia publica um guia de campo, em papel e em CD-ROM, sobre o trilho.

**Pontos de interesse:** paisagem, barranco do Castelejo, flora e avifauna típica de pinhais costeiros.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Junta de Freguesia de Vila do Bispo.



Barranco do Castelejo



Início do percurso, junto ao parque de merendas

O percurso atravessa um bosque de pinheiro-manso que se estende ao longo do barranco da praia do Castelejo.

**A** – A área de lazer do Castelejo insere-se numa mancha de pinheiro-manso e pinheiro-bravo que se fazem acompanhar pelos matos típicos da região, sobretudo estevais (onde dominam a esteva, a roselha e o sanganho-mouro), tojais (tojo-prateado e tojo-do-Sul) e urzais (onde abunda a queiró).

**B** – O pinheiro-manso domina o bosque, trata-se de uma plantação florestal que recria os antigos pinhais costeiros da costa sul do país. Embora a esteva seja uma presença constante, encontram-se aqui plantas raras como o tomilho-canforado,

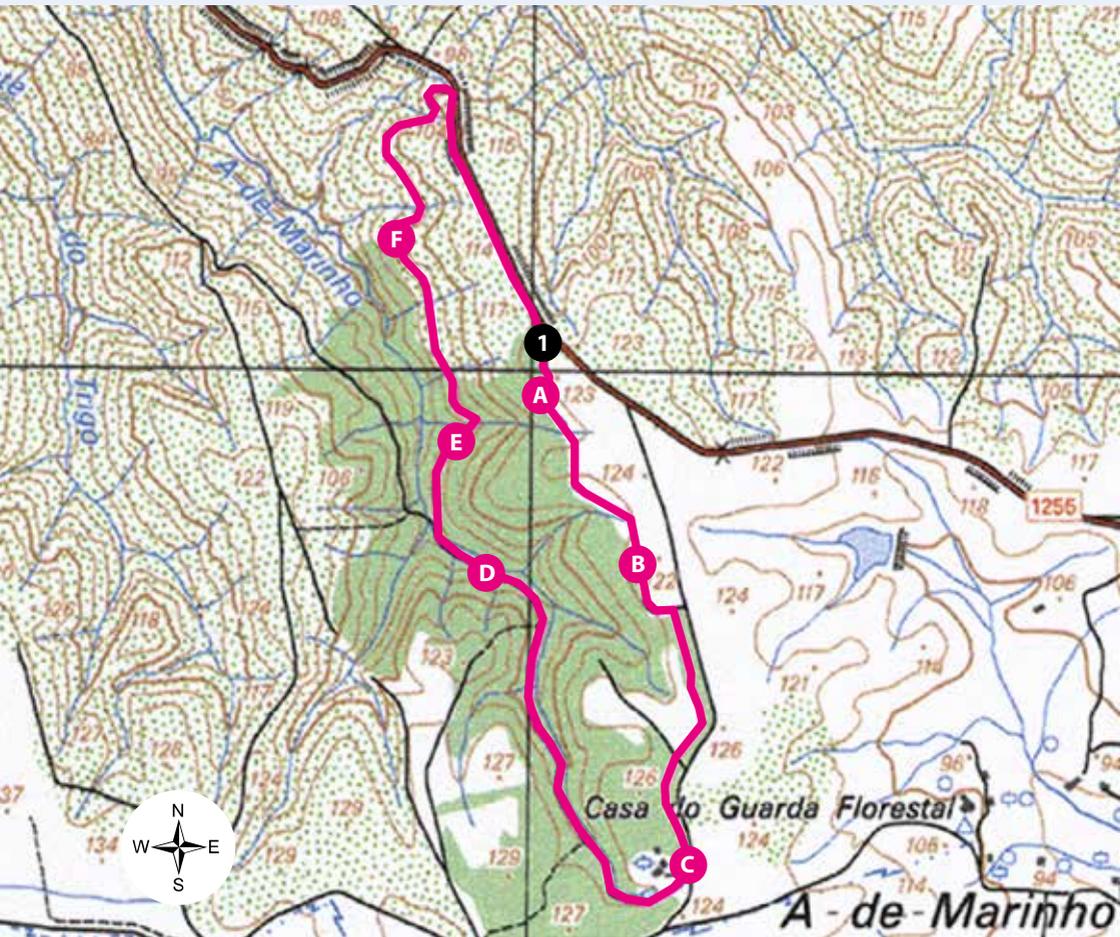
endémico desta costa. A fauna é constituída por aves como o pica-pau-malhado, o gaido ou o chapim-real. Nas zonas mais abertas, a perdiz ou a águia-de-asa-redonda são presença regular. A observação atenta dos sinais ou pegadas pode revelar a presença de mamíferos como a raposa ou o javali. Durante o passeio pode vislumbrar coelhos-bravos que atravessem o caminho.

**C** – Nas proximidades da antiga casa do guarda-florestal, avista-se, na linha de costa, o marco geodésico da Torre de Aspa. Esta torre terá feito parte de uma rede de fortificações, permanecendo ativa para defesa costeira até finais do séc. XVI. No local onde outrora se erguia a torre foi assinalado o ponto mais elevado da costa algarvia, a 156 m de altitude.

**D** – Descendo o barranco escavado pela linha de água que desagua na praia do Castelejo, a vegetação adensa-se nas encostas húmidas formando matagais com medronheiro, lentisco-bastardo, urzes e lianas. Tamargueiras, caniços, tabúas e choupos, assinalam a presença de uma pequena lagoa. Rãs e libelinhas podem ser observados neste local que será também um importante ponto de água doce para os mamíferos.

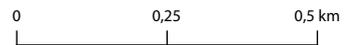
**E** – A subida de volta ao planalto vicentino oferece amplas vistas sobre o barranco do Castelejo, com o mar ao fundo, e sobre a sucessão de copas arredondadas do pinhal-manso.

# Trilho Ambiental do Castelejo



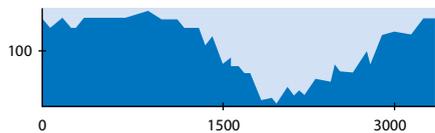
## 1 Início do percurso

37° 05' 28.80" N 8° 55' 56.10" W



 Percurso

perfil topográfico (m)







## Percursos

- 38. A Rocha Delicada
- 42. Ao Sabor da Maré
- 46. Caminho dos Promontórios
- 50. Percurso dos Sete Vales Suspensos
- 54. Percurso de Interpretação da Praia Grande
- 58. Trilho de São Lourenço
- 62. Percursos do Ludo
- 66. Ilha da Culatra
- 70. Percurso Pedestre do Centro de Educação Ambiental de Marim
- 74. Trilho da Praia do Barril



# 2. Litoral Sul

# A Rocha Delicada



Promontório da Quinta da Rocha junto à ria

**Freguesia:** Mexilhoeira Grande

**Concelho:** Portimão

**Localização:** Quinta da Rocha

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a N125 na direção de Portimão e da Mexilhoeira Grande, chegando a essa localidade virar à esquerda para a estação de comboios.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 6,5 km

**Duração média:** 2h30m

**Subida acumulada:** 80 metros D+

**Tipo de caminho:** caminho de terra.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso integrado na Via Algarviana.

**Pontos de interesse:** sapais e salinas da Ria de Alvor, avifauna aquática, Centro de Interpretação *A Rocha*, paisagens agrícolas.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Portimão e Associação Almargem.





Bancos de sapal e prados salgados

Esta caminhada percorre uma península no coração do sistema estuarino-lagunar da Ria de Alvor. O local é designado genericamente por Quinta da Rocha, já que esta península termina num pequeno promontório calcário. O percurso é muito interessante para a observação de aves aquáticas, aves de rapina e passeriformes, em particular durante as migrações e nos meses de inverno.

**A** – Com maior expressão aqui, mas visíveis um pouco por todo o percurso, surgem os campos agrícolas característicos do Algarve. São antigos pomares de sequeiro de inspiração árabe, onde ainda crescem a alfarrobeira, a amendoeira, a figueira e a oliveira, a par com os mais recentes pomares de citrinos.

**B** – Neste local encontra-se uma antiga tapada e um complexo de salinas, em processo de renaturalização. A vegetação de sapal que coloniza estes espaços é importante pela elevada produtividade biológica e pela capacidade de depuração das águas. Nestes ambientes alimentam-se e descansam muitas espécies de aves limícolas como o pernillongo, o perna-vermelha, ou

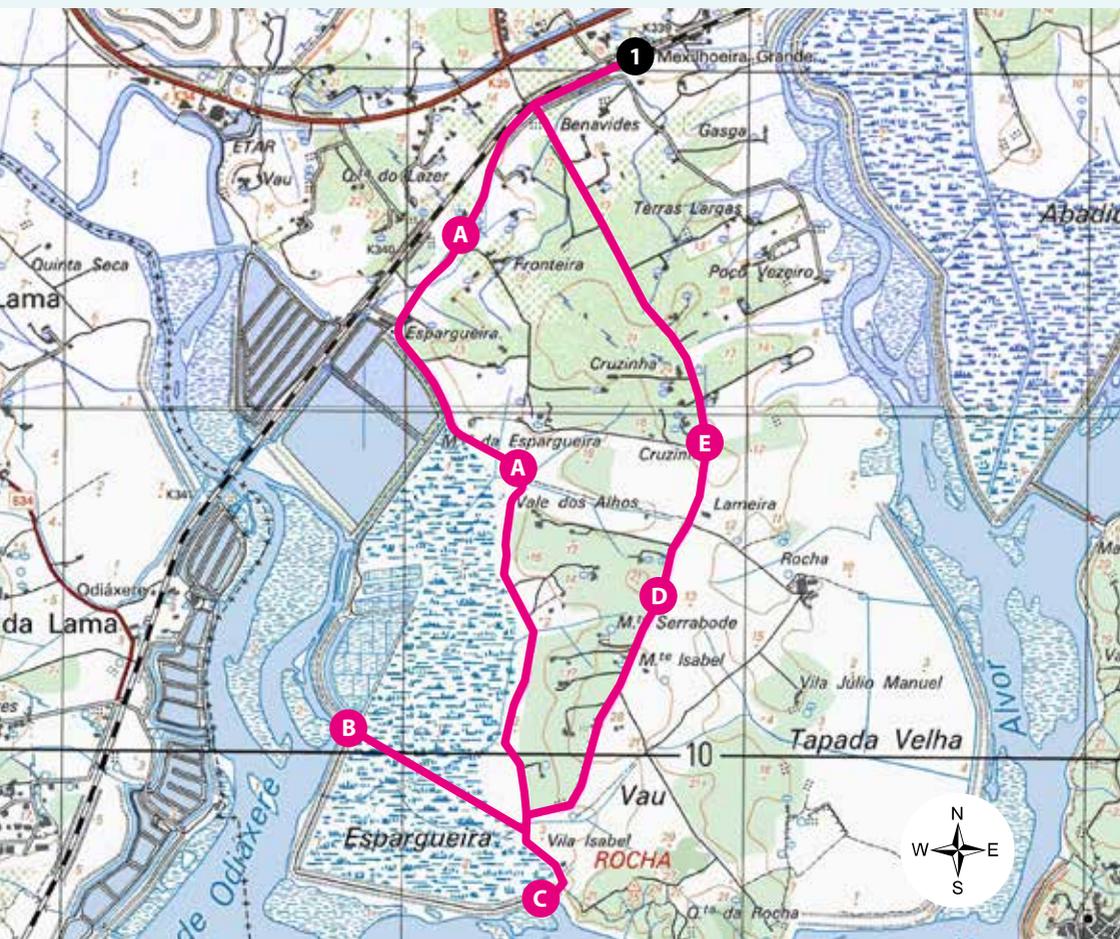
as diversas espécies de pilritos, borrelhos e maçaricos.

**C** – Na arriba do promontório da Quinta da Rocha, formada por rochas calcárias do período Miocénico, podem ser observados fósseis e conchas de bivalves. Esta formação diversifica uma paisagem composta pela linha rasa da laguna com os seus bancos de sapal e areia. A crista da arriba encontra-se revestida por pinhal-manso e pelos matos mediterrânicos típicos destas paragens, onde se destaca o tojo-do-sul, a roselha-grande, o carrasco, a aroeira e o tomilho-canforado que aqui alcança a sua distribuição mais meridional.

**D** – Uma grande propriedade agrícola exhibe um mosaico de habitats que propicia a existência de fauna diversa: pastagens, campos incultos, pinhal-manso e, a cotas mais baixas, bancos de sapal e prados salgados.

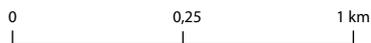
**E** – O Centro de Estudos e Observação da Natureza, fundado em 1983 pela ONG A Rocha, tem sido responsável por vários estudos na Ria de Alvor e por atividades regulares de anilhagem de aves e atividades de educação ambiental.

# A Rocha Delicada



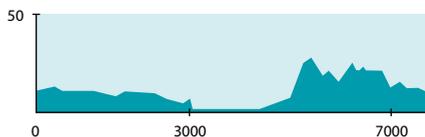
## 1 Início do percurso

37° 09' 14.75" N 8° 36' 34.69" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Ao Sabor da Maré



Passadiço de madeira onde se desenvolve grande parte do percurso pedestre

**Freguesia:** Alvor

**Concelho:** Portimão

**Localização:** Praia de Alvor

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a N125 na direção de Portimão e de Alvor.

Seguir depois para a praia de Alvor; antes da praia encontram-se as Piscinas e o Porto de Pesca.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percursos circular:** sim

**Distância:** 4,8 km

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 30 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra batida e passadiço de madeira.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso integrado na Via Algarviana.

**Pontos de interesse:** sistema estuarino-lagunar da Ria de Alvor, avifauna costeira, flora e fauna das dunas, comunidades piscatória e viveirista.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Portimão e Associação Almargem.

**Observações:** o percurso inclui troços sobre areias.



Vegetação de sapal e vista sobre a zona ribeirinha da vila do Alvor



Chilreita

O percurso desenvolve-se ao longo de um cordão dunar - a restinga poente da Ria de Alvor - que protege a laguna do mar.

**A** – A Ria de Alvor constitui o mais importante estuário do barlavento algarvio; é um espaço propício ao crescimento de peixe jovem e de larvas de crustáceos e moluscos, funcionando como maternidade para muitas espécies marinhas de valor comercial. Atividades tradicionalmente ligadas à ria, como o cultivo de bivalves, confirmam a produtividade da laguna e o seu interesse socioeconómico. A comunidade piscatória mantém viva a pesca artesanal, utilizando artes como os aparelhos para peixe, o cerco e os covos para o polvo.

**B** – Notabilizam-se aqui diversos habitats de salgados. Nos sapais crescem plantas tolerantes ao sal e abrigam-se seres vivos que sustentam complexas relações tróficas. Para além da função de proteção costeira, os sapais retêm e degradam nutrientes e poluentes, sendo considerados os rins da terra.

**C** – A vida no estuário corre ao sabor do ciclo das marés. Quando a maré vaza, e enquanto os mariscadores apanham berbigão e ameijoas-boas, as aves aquáticas (sobretudo garças e limícolas, como os pilritos e os maçaricos) banqueteam-se com os organismos que encontram nos rasos-de-maré.

**D** – Duas aves emblemáticas destas dunas são a chilreita e o borrelho-de-coleira-interrompida. Sendo residentes habituais nestas paragens, nidificam nas areias dunares. Quando querem fazer ninho, estas aves escavam uma pequena cova na areia e juntam pedacinhos de conchas.

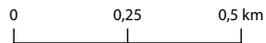
**E** – Os sistemas dunares constituem habitats muito dinâmicos em que a areia e as plantas se encontram em permanente equilíbrio. A vegetação apresenta uma sequência típica ao longo da duna: o feno-das-areias e a eruca-das-praias são plantas pioneiras que crescem na linha da maré, já o vistoso narciso-das-areias e o estorno colonizam a crista dunar, fixando e estabilizando as areias.

# Ao Sabor da Maré

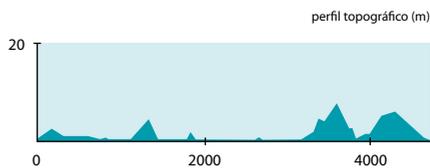


## 1 Início do percurso

37° 07' 35.26" N 8° 35' 45.26" W



 Percurso



# Caminho dos Promontórios



Torre da Lapa

**Freguesias:** Ferragudo, Estômbar e Parchal, Lagoa e Carvoeiro.

**Concelho:** Lagoa

**Localização:** faixa costeira entre a Praia do Molhe e o Carvoeiro

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) até Lagoa, seguindo depois na direção de Ferragudo, até à Praia do Molhe.

**Tipo:** pedestre

**Percurso circular:** não

**Distância:** 6 km (12 km ida e volta)

**Duração média:** 3 h (6 h ida e volta)

**Subida acumulada:** 365 metros D+ (início em Praia do Molhe) e 340 metros D+ (início em Ferragudo).

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e algo pedregosos.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito chuvosos e/ou ventosos.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim e com painéis informativos.

**Particularidades:** o Leixão da Gaivota encontra-se classificado como Zona de Proteção Especial (ZPE) ao abrigo da Diretiva Aves (Rede Natura 2000), sendo a mais pequena ZPE de Portugal com uma área de cerca de 0,16 ha.

**Pontos de interesse:** paisagem cársica, flora e fauna das arribas costeiras, património histórico e cultural.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Lagoa.

**Observações:** as arribas desta orla costeira são instáveis pelo que deverá guardar uma distância de segurança do rebordo (crista) das mesmas.



Ravinamento junto ao Carvoeiro

A caminhada acompanha o contorno da costa entre a Praia do Molhe, junto à foz do rio Arade, e a praia do Paraíso. Para nascente da Ponta do Altar, uma sucessão de promontórios alterna com reentrâncias que acolhem pequenos areais.

**A** – A Ponta do Altar avança 260 metros mar adentro, delimitando a foz do Arade a nascente. Estas arribas são talhadas num maciço calcário do Miocénico, facilmente esculpido pelas águas doces e salgadas, originando o que designa por paisagem cársica. Na Ponta do Altar assinalam-se grutas e algares, geoformas de erosão resultantes da circulação subterrânea de água doce.

**B** – O Leixão da Gaiivota é um dos numerosos rochedos destacados deste litoral. Apesar da modesta dimensão, é uma

importante área de criação para garças, abrigando colónias de garça-branca e de graça-boeira.

**C** – As arribas calcárias, muito fissuradas e inacessíveis a predadores terrestres, são locais de abrigo para o pombo-das-rochas, a gaiivota-de-patas-amarelas, o peneireiro-comum ou o falcão-peregrino.

**D** – A Torre da Lapa foi construída no séc. XVII, em alvenaria de pedra e argamassa. Daqui vigiava-se o mar, sobretudo a barra do Arade. Em caso de perigo, os facheiros faziam sinais de fumo durante o dia e de fogo à noite, alertando as populações e outras fortificações da região.

**E** – Neste local encontram-se vestígios do açude da Presa da Moura, de origem romana. Esta represa faria parte de um complexo de salga e conservação de peixe, hoje desaparecido em consequência do recuo da linha de costa.

**F** – Nos matagais que colonizam estas bancadas calcárias dominam o zimbro e o carrasco, acompanhados por plantas típicas do barrocal, como a palmeira-anã e a aroeira. No rebordo das arribas, encontram-se plantas como a salgadeira, adaptadas à influência marítima.



Leixão da Gaiivota



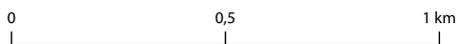
# Caminho dos Promontórios



## Início do percurso

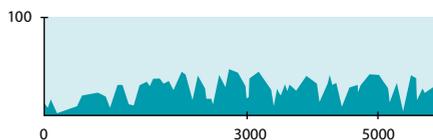
1 – 37° 06' 34.69 N 8° 31' 09.60" W

1a – 37° 05' 49.04" N 8° 28' 29.61" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



# Percurso dos Sete Vales Suspensos



Paisagem cársica da Praia da Marinha

**Freguesia:** Lagoa e Carvoeiro

**Concelho:** Lagoa

**Localização:** faixa costeira entre a Praia da Marinha e a de Vale Centeanes.

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) até Lagoa, seguindo depois na direção das praias para a Praia da Marinha.

**Tipo:** pedestre

**Percorso circular:** não

**Distância:** 6 km (12 km ida e volta)

**Duração média:** 3 h (6 h ida e volta).

**Subida acumulada:** 360 metros D+ (início na Praia da Marinha), 370 metros D+ (início na Praia de Vale Centeanes).

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e algo pedregosos.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito chuvosos e/ou ventosos.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim e com painéis informativos.

**Pontos de interesse:** paisagem cársica, incluindo arcos, algares, leixões e vales suspensos; flora e fauna das arribas costeiras; património cultural.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Lagoa.

**Observações:** as arribas desta orla costeira são instáveis pelo que deverá guardar uma distância de segurança do rebordo (crista) das mesmas.

Este percurso desce e sobe barrancos que quase sempre desembocam acima do nível do mar - *os vales suspensos*. Num passado distante, cada *vale suspenso* esteve associado à foz de uma ribeira, devendo a sua formação a um recuo rápido do litoral não acompanhado pelo entalhe da linha de água.

**A** – A ação das águas doces e salgadas resulta na formação de um modelado rendilhado da costa, designado por paisagem cársica, com uma notável diversidade de geoformas que se podem observar na Praia da Marinha: arcos, grutas, algares e leixões.

**B** – A Praia de Benagil surge associada à foz de uma ribeira torrencial que esculpiu um barranco estreito na arriba. Esta praia abrigou uma comunidade piscatória dedicada às artes artesanais; hoje em dia, as embarcações ocupam-se sobretudo das visitas às grutas marinhas.

**C** – Na Praia do Carvalho, acede-se ao areal por um túnel escavado nos calcários macios do Miocénico, onde se observa a profusão de conchas marinhas agregadas na matriz da rocha. No matagal costeiro de cariz



Gaivota-argêntea



Caminho no topo da arriba em direção ao Farol de Alfanzina

mediterrânico, encontra-se a palmeira-anã, a única palmeira europeia, e avista-se a toutinegra-de-cabeça-preta, uma pequena ave típica da região.

**D** – Ao verde denso da vegetação mediterrânica sucede-se uma paisagem de características lunares, onde domina a rocha clara e nua. Sobre este grande penedo, o Leixão do Ladrão, contam-se lendas antigas, como a da princesa moura que chora a morte do amante, originando com as suas lágrimas o rendilhado típico da rocha calcária.

**E** – Na envolvente do Farol de Alfanzina, cresce um bosque de pinheiro-de-Alepo, uma das poucas árvores que coloniza estes terrenos pedregosos e áridos. Aqui, os pinhais funcionam como ilhas ecológicas para os chapins, o melro ou o mocho-galego. A vegetação densa favorece mamíferos como o coelho, o saca-rabos ou a raposa.



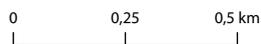
# Percurso dos Sete Vales Suspensos



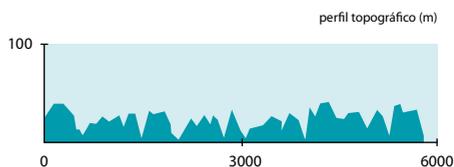
## Início do percurso

1 – 37° 05' 24.59" N 8° 24' 46.74" W

1a – 37° 05' 29.31" N 8° 27' 14.33" W



 Percurso



# Percurso de Interpretação da Praia Grande



Juncal e bunhal nas margens da Lagoa dos Salgados

**Freguesia:** Pera

**Concelho:** Silves

**Localização:** Pera / Praia Grande

**Acessos:** pela N125, seguir até Algoz. Virar para Pera e seguir na direção da Praia Grande, para o estacionamento junto à Lagoa dos Salgados.

**Tipo:** pedestre e, em parte, ciclável.

**Percorso circular:** não

**Distância:** 5,2 km

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 60 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e areia e passadiço de madeira.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** não. Existem alguns painéis de interpretação sobre o percurso.

**Particularidades:** a Lagoa dos Salgados está classificada com IBA – *Important Bird Area* (Área Importante para a Preservação de Aves), pela *BirdLife International*. Existe um trilho linear, opcional, que acompanha a margem poente da Lagoa dos Salgados.

**Pontos de interesse:** zona húmida (sapal e lagoa costeira), avifauna, cordão dunar, arriba fóssil e duna fóssil.

**Proprietários:** caminhos públicos e privados.

**Entidade responsável:** Agência Portuguesa do Ambiente / ARH do Algarve.

**Observações:** alguns troços do percurso são utilizados para realização de passeios equestres.



Arenitos e a planta cravo-das-areias



Pato-trombeteiro, uma das muitas aves aquáticas da Lagoa dos Salgados

Dando acesso à Lagoa dos Salgados, uma das zonas húmidas mais emblemáticas do Algarve para a observação de avifauna, este percurso percorre um mosaico harmonioso de habitats com elevado valor ecológico.

**A** – Na Lagoa dos Salgados, as manchas densas de junçal e caniçal escondem avifauna diversa. Esta lagoa costeira, alimentada pela ribeira de Espiche, é conhecida por abrigar espécies tão interessantes como o zarro-castanho, o camão, o colhereiro, o pernilongo ou a garça-vermelha. Regularmente encontram-se aqui grandes bandos de flamingos que utilizam a lagoa para descanso e alimentação.

**B** – A foz da ribeira de Espiche, de ligação intermitente com o mar, estabelece o limite entre os concelhos de Albufeira e Silves e as praias Grande e dos Salgados. Percorre-se o extenso areal até ao passadiço de madeira que atravessa o cordão dunar da praia Grande.

**C** – Nestas areias afloram arenitos, uma rocha muito rendilhada que testemunha a existência de duna fóssil com cerca de

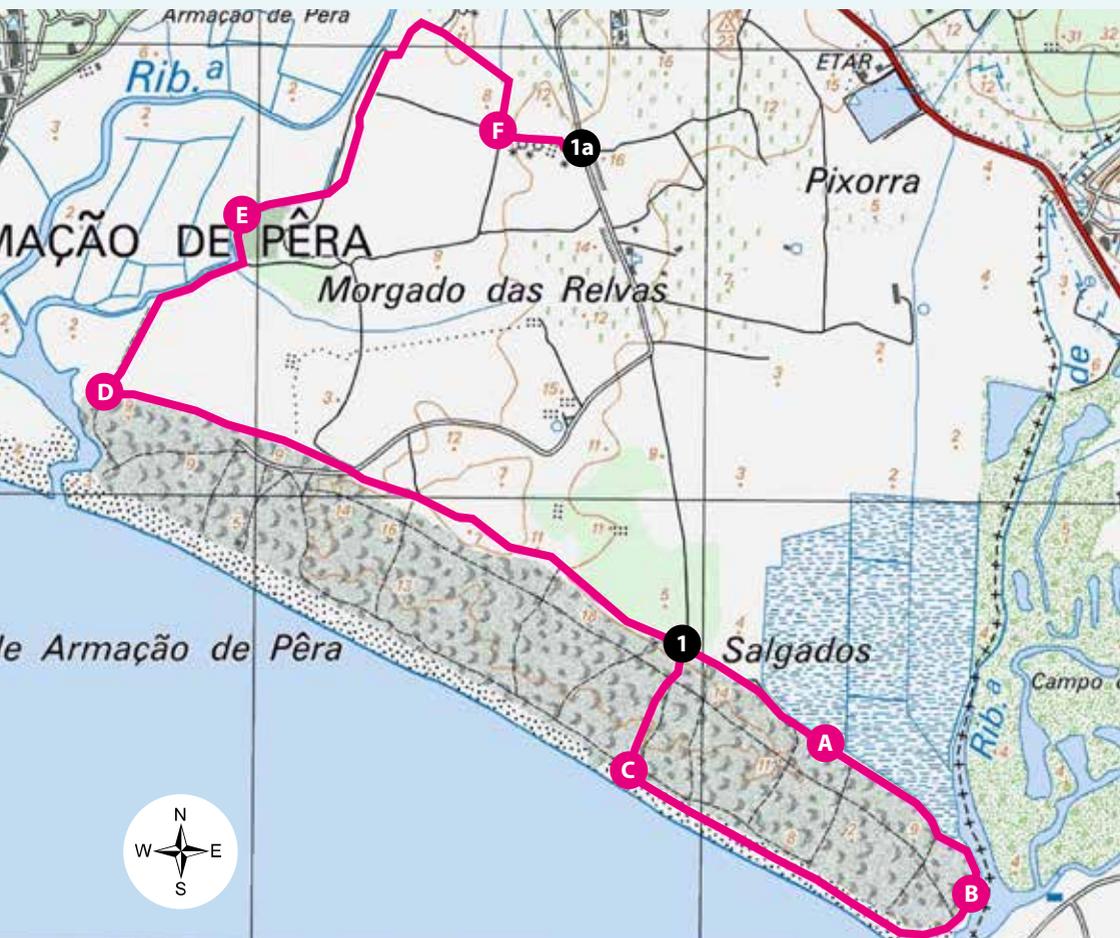
4000 anos. Na vertente marítima da duna observam-se plantas como os vistosos narciso-das-areias e cravo-das-areias. Fixando a crista dunar, surge o estorno, e, para o interior, sucede-se uma ondulante extensão arenosa onde domina a aromática perpétua-das-areias.

**D** – No sapal de Pera, junto à foz da ribeira de Alcantarilha, encontram-se as típicas comunidades de salgados: juncais, matos halófitos e prados salgados mediterrânicos. É frequente observarem-se aves como a gaivota-argêntea e o guincho, e limícolas investigando a vasa com os seus longos bicos.

**E** – Uma mancha de pinheiro-manso reveste uma arriba fóssil. Este afloramento rochoso data do Miocénico e constitui um concheiro, sendo abundantes os fósseis marinhos, como ostras, ouriços-do-mar e dentes de tubarão.

**F** – Nos campos de sequeiro de inspiração árabe, agora abandonados e ocupados por retamal, encontram-se ainda algumas amendoeiras, alfarrobeiras e figueiras. Avistam-se aqui antigos moinhos e celeiros que testemunham o passado agrícola da região.

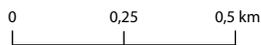
# Percurso de Interpretação da Praia Grande



## Início do percurso

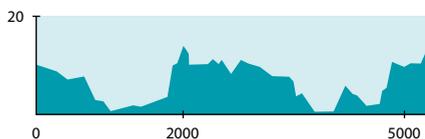
1 – 37° 06' 19.58" N 8° 20' 20.90" W

1a – 37° 05' 44.04" N 8° 20' 11.70" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



# Trilho de São Lourenço



Ponte de acesso à praia do Ancão, no início do percurso pedestre

**Freguesia:** Almancil

**Concelho:** Loulé

**Localização:** Quinta do Lago

**Acessos:** na N125 seguir em direção a Almancil, virando depois para a Quinta do Lago e seguindo as placas indicativas até ao parque de estacionamento da praia da Quinta do Lago.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percurso circular:** não, linear.

**Distância:** 3,3 km (ida e volta)

**Duração média:** 1h30m

**Subida acumulada:** 55 metros D+

**Tipo de caminho:** caminho de terra

**Quando visitar:** todo o ano

**Homologado:** não

**Sinalizado:** percurso não sinalizado embora exiba alguns painéis informativos e setas direcionais.

**Particularidades:** percurso inserido no Parque Natural da Ria Formosa (PNRF) e no sítio da Rede Natura 2000 Ria Formosa / Castro Marim.

**Pontos de interesse:** zonas húmidas - sapais e lagos de água doce, observação de avifauna aquática. Este é um dos percursos mais interessantes para conhecer a fauna e flora da Ria Formosa.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Infraquinta - Empresa de Infraestruturas da Quinta do Lago, E.M.

**Observações:** o percurso pode ficar por vezes submerso, uma vez que o sapal é uma zona sujeita à influência de marés. Atenção às bolas perdidas quando passar junto ao campo de golfe.



Galinha-sultana ou Camão, a ave aquática símbolo do Parque Natural da Ria Formosa



Lagoa de água doce integrada no golfe de São Lourenço

O percurso percorre habitats típicos da Ria Formosa, oferecendo a possibilidade de observação de avifauna aquática.

**A** - Ao longo do caminho entre o sapal e o campo de golfe, na baixa-mar, observam-se nos bancos de vasa os atarefados caranguejos boca-cava-terra, muitas espécies de limícolas (por exemplo, o alfaiate e o pernilongo), e ocasionalmente, mariscadores na apanha de bivalves. Na margem da água, e com atenção, é possível detetar um dos inúmeros *olheiros* da ria a borbulhar (surgências de água doce). Observam-se aqui as típicas plantas suculentas adaptadas aos solos salinos encharcados e, em terreno mais enxuto, o *Limoniastrum monopetalum*, um arbusto exclusivo da costa sul que exibe exuberante floração lilás.

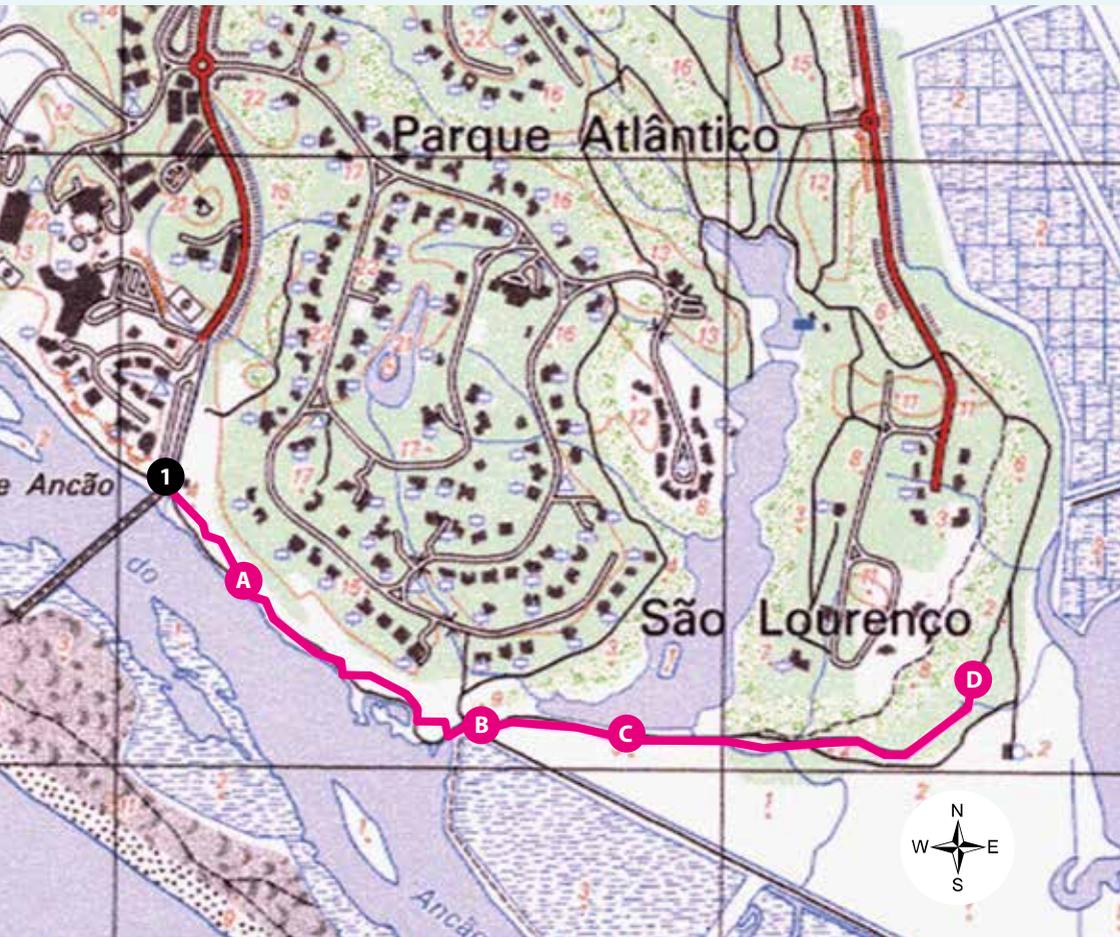
**B** - Na mancha de pinhal manso surgem plantas como a aroeira, a esteva, o saganho-mouro, aromáticas como o tomilho e o rosmaninho, e a palmeira-anã, a única palmeira nativa da flora europeia. Aves como a pega-azul ou a poupa são comuns

e, com sorte, pode até observar-se o camaleão, um réptil adaptado aos pinhais costeiros do Algarve.

**C** - Um lago de água doce com densa vegetação palustre (sobretudo tabúa e caniço) apresenta-se como um dos sítios mais interessantes do Algarve para observar aves, entre as quais o camão (símbolo do PNR) e outros ralídeos, bem como patos, garças, mergulhões, gaivotas e andorinhas-do-mar, entre outras. O observatório de aves proporciona ao visitante um bom ponto de observação para o lago. Na época estival poderá ainda ver as espécies de cágados nativas de Portugal: cágado-mediterrânico e cágado-de-carapaça-estriada.

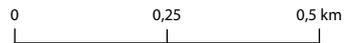
**D** - Neste local, bem enquadrado por grandes alfarrobeiras típicas da região mediterrânea, as ruínas de tanques de salga de peixe (cetárias) testemunham a presença romana na região; nestes tanques fabricava-se o *garum*, um molho resultante da maceração de peixes e crustáceos, muito apreciado pelos romanos.

# Trilho de São Lourenço

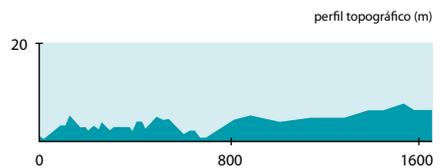


## 1 Início do percurso

37° 01' 41.76" N 8° 01' 15.72" W



 Percurso



# Percursos do Ludo



Vista sobre os meandros de uma zona de sapal do Ludo

**Freguesias:** Montenegro (Faro) e Almancil (Loulé)

**Concelho:** Faro e Loulé

**Localização:** Ludo

**Acessos:** na N125 seguir em direção ao Aeroporto de Faro e depois para a Praia de Faro. Virar à direita para Estrada da Praia (para iniciar a caminhada no Vale das Almas) ou seguir em frente até ao estacionamento de acesso à praia (para iniciar a caminhada junto ao estacionamento da praia).

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percorso circular:** não, linear.

**Distância:** 8,4 km

**Duração média:** 2 h a 3 h

**Subida acumulada:** 40 metros D+ (início junto ao Vale das Almas), 70 metros D+ (início junto ao aeroporto).

**Tipo de caminho:** caminho de terra.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** percurso não sinalizado embora exiba alguns painéis informativos e setas direcionais.

**Particularidades:** percurso inserido no Parque Natural da Ria Formosa (PNRF) e no sítio da Rede Natura 2000 Ria Formosa / Castro Marim.

**Pontos de interesse:** avifauna aquática, pinhal e habitats lagunares (bancos de vasa, sapais e dunas), complexo de salinas.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Sociedade Polis Litoral Ria Formosa, S.A.



A cistanca, uma das mais vistosas espécies do sapal



Depósito de sal extraído das salinas do Ludo

Esta caminhada percorre a fronteira entre o ambiente terrestre e o sistema lagunar da Ria Formosa, dando a conhecer habitats diversos: manchas florestais, zonas de sapal e salinas.

**A** – No Vale das Almas, caminha-se por uma fresca mancha de pinhal-manso, onde também se encontra pinheiro-bravo e alguns eucaliptos, observando-se facilmente o chapim-real, a poupa e a pega-azul. Este é o habitat de duas plantas raras e exclusivas do Algarve, o tomilho-cabeçudo e o alcar-do-Algarve.

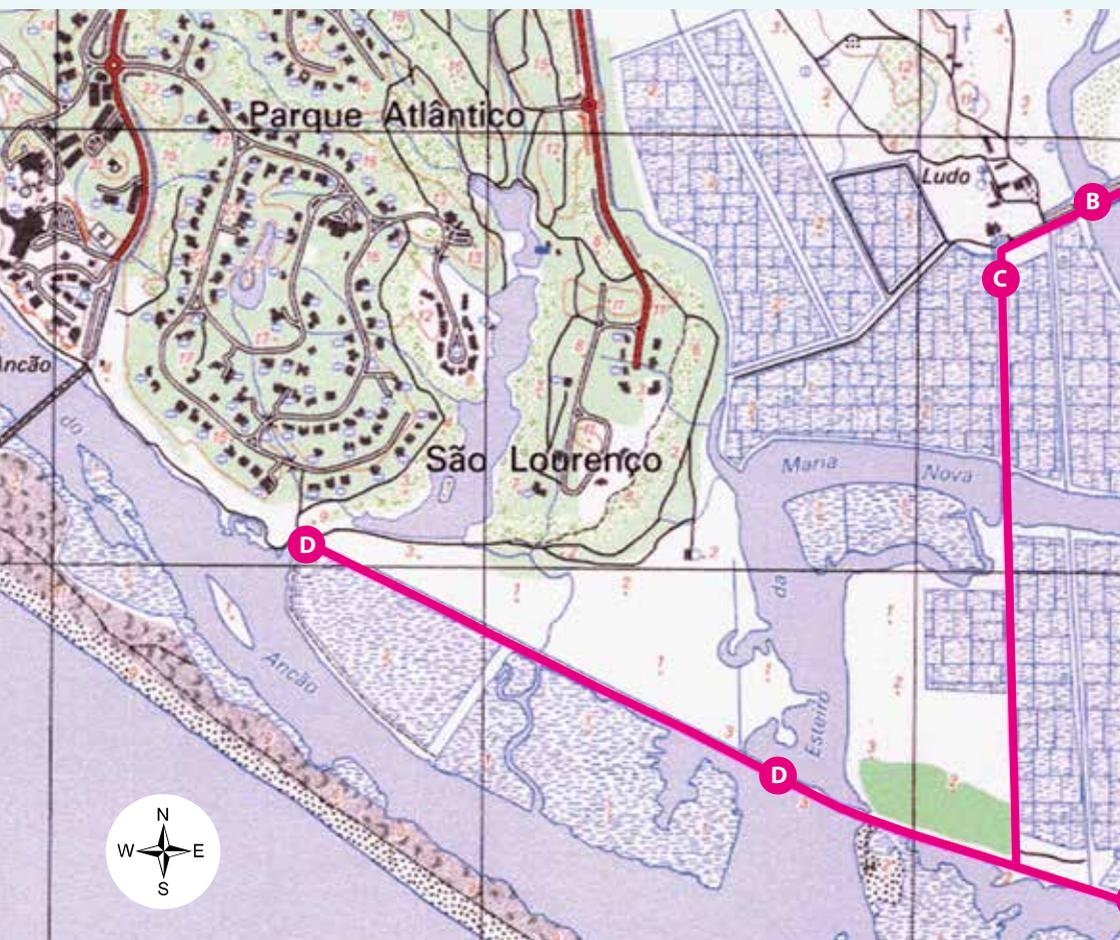
**B** – O troço final da ribeira de São Lourenço, a norte do caminho de terra, constitui o único plano de água doce nas imediações. Uma comporta garante que não há mistura entre águas doces e salgadas. Neste local desenvolve-se densa vegetação palustre e são comuns aves aquáticas como patos, zarros, mergulhões e galeirões. No inverno encontram-se aqui grandes concentrações de piadeiras e patos-trombeteiros.

**C** – A vista alonga-se sobre um amplo complexo de esteiros e de salinas de onde se extrai o já chamado *ouro branco*. Junto

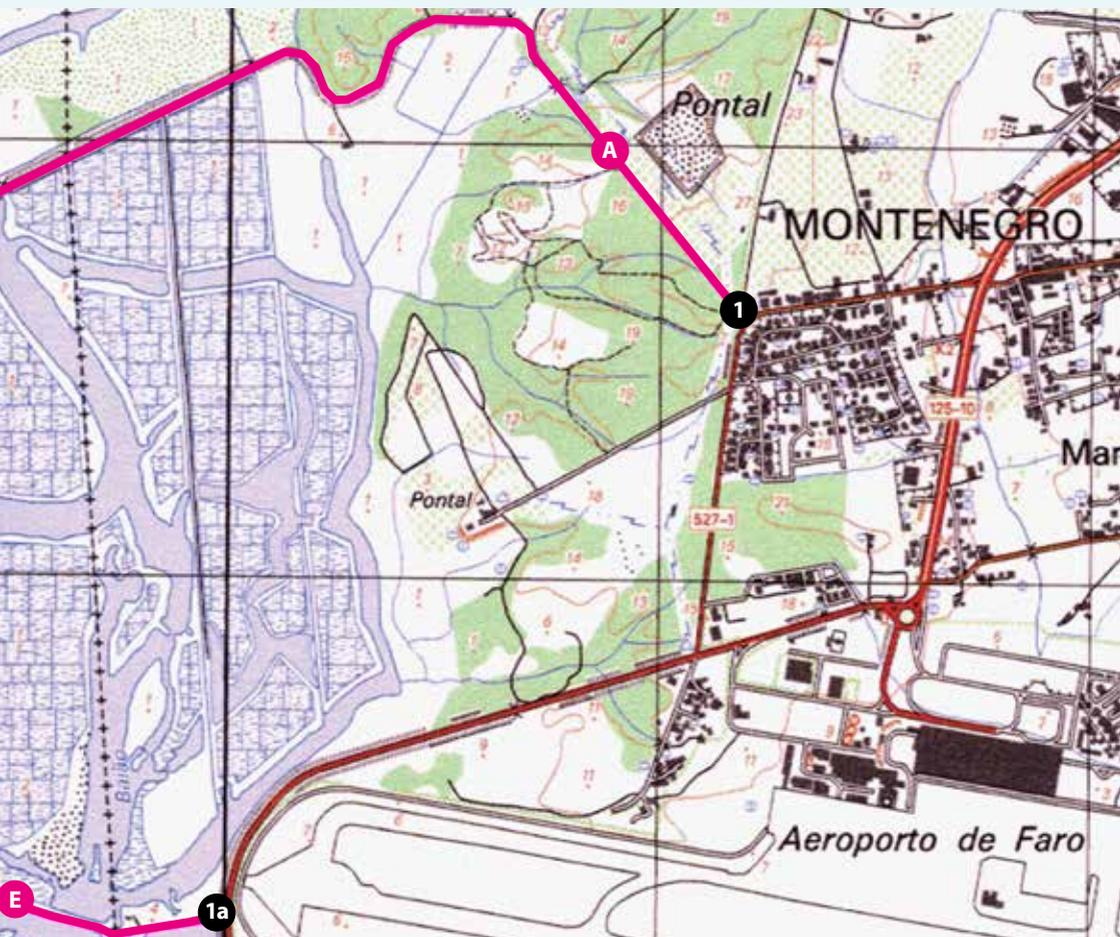
ao caminho, um alto e claro monte de sal brilha ao sol; aqui a salinicultura possui carácter industrial. Ainda assim, aves como o flamingo, apreciam estes tanques de águas baixas e hipersalinas onde proliferam invertebrados nutritivos.

**D** – Para alcançar o observatório de aves, atravessa-se a zona lagunar e os seus sapais. Nos bancos de vasa, durante a baixa-mar, é possível observar os caranguejos boca-cava-terra, as aves limícolas (equipadas com bicos especiais para investigarem os lodos) e os mariscadores na apanha do berbigão e da ameijoabo.

**E** – Ao longo do caminho que separa a propriedade do Ludo da laguna, a vista estende-se até à península do Ancão e às suas dunas. Progressivamente, o sistema dunar cede lugar a um pequeno núcleo piscatório e ao casario de veraneio. Os muretes que ladeiam o caminho encontram-se revestidos por uma planta exclusiva do Sul, o *Limoniastrum monopetalum*, um arbusto de exuberante floração lilás, muito tolerante à salinidade do meio.



# Percursos do Ludo

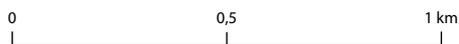


## Início do percurso

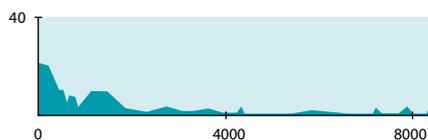
1 – 37° 01' 45.86" N 7° 58' 29.71" W

1a – 37° 01' 00.59" N 7° 59' 17.97" W

 Percurso



perfil topográfico (m)



# Ilha da Culatra



Vista panorâmica da extensa zona dunar

**Freguesia:** Sé

**Concelho:** Faro

**Localização:** Ilha da Culatra

**Acesso:** transporte por barco a partir do cais de embarque de Olhão; existe transporte durante todo o ano para a Culatra.

**Tipo:** pedestre

**Percorso circular:** não, linear.

**Distância:** 5,6 km (ida e volta)

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 20 metros D+

**Tipo de caminho:** passadiços de madeira e areal.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** não

**Particularidades:** percurso inserido no

Parque Natural da Ria Formosa (PNRF) e no sítio da Rede Natura 2000 Ria Formosa / Castro Marim.

**Pontos de interesse:** avifauna aquática, habitats lagunares (bancos de vasa, sapais e dunas), praia.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Faro.

**Observações:** o percurso percorre uma frente de praia com cerca de 1,5 km.



Praia da Culatra durante a baixa-mar



Barco de pesca e Igreja Capela Ilha da Culatra, no início do percurso pedestre

Para alcançar a Culatra atravessa-se a área lagunar da Ria Formosa. Vale a pena alongar a vista pela paisagem marítima e, na baixa-mar, observar os sapais e as inúmeras aves que buscam alimento na vasa.

**A** – O desembarque faz-se na povoação da Culatra; este núcleo piscatório remonta a finais do séc. XIX e dava apoio às campanhas sazonais das armações de atum. Atualmente destacam-se as embarcações e artes do porto de pesca a nascente do cais de embarque, e os viveiros onde se cultiva ameijoia-boia e ostra, a poente do cais.

**B** – Atravessada a povoação, um passadiço transporta os visitantes através do amplo sistema dunar. Alguns canais cruzam as areias, tornando-se alagadiços na preia-mar. Nestes locais crescem plantas de sapal, por exemplo o valverde-dos-sapais e uma planta parasita de floração exuberante, a *Cistanche phelypaea*.

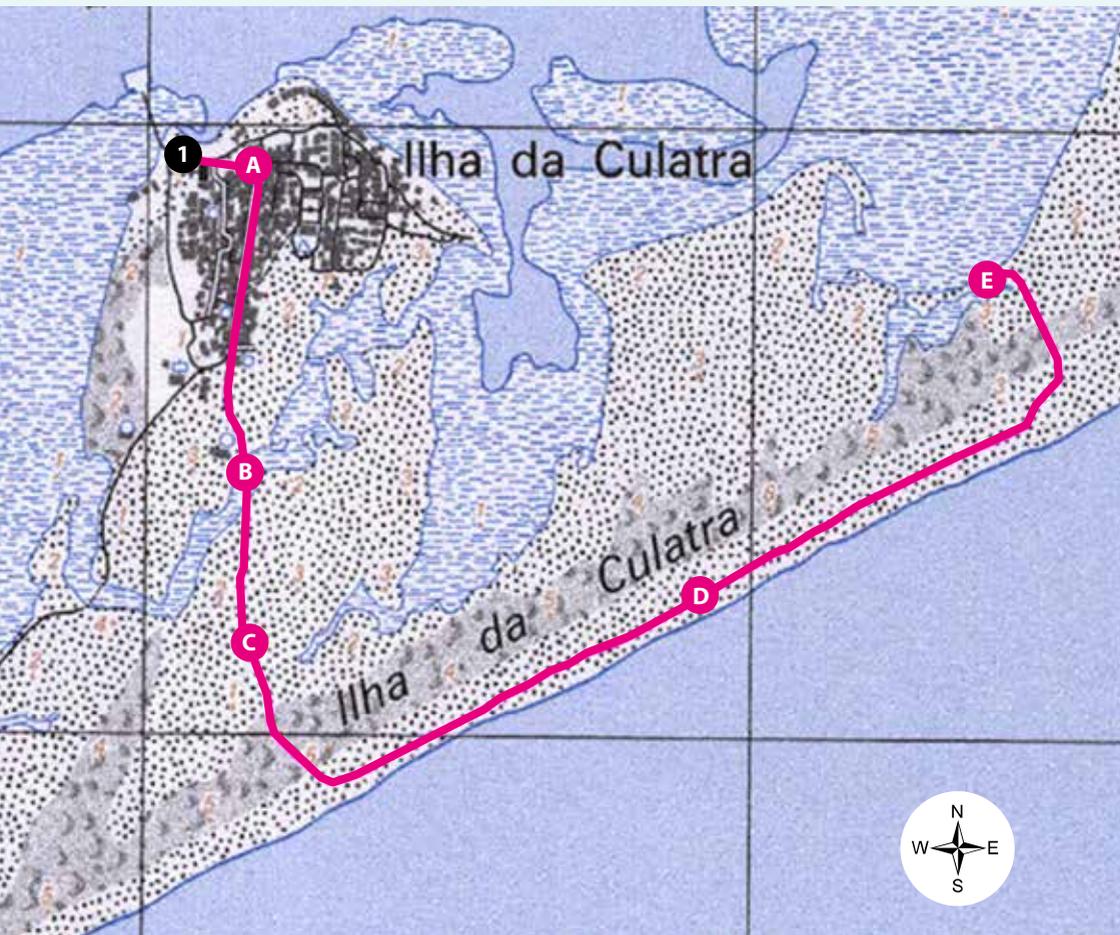
**C** – As condições ambientais nas dunas são duras: insolação e aridez, ventos salinizados, escassez de nutrientes e mobilidade das areias. Apenas espécies muito especializadas

conseguem colonizar este meio. Ao longo da duna encontram-se plantas como o malmequer-das-praias e os aromáticos perpétua-das-areias e tomilho-carnudo (um tomilho exclusivo da costa sul). As espécies da fauna mais facilmente observáveis são insetos (borboletas e escaravelhos) e répteis (lagartixas e o sardão).

**D** – Ao longo da caminhada pelo areal observa-se a crista frontal da duna, onde domina o estorno e as plantas pioneiras que crescem na linha da maré, como o cardo-marítimo, a eruca-marítima e a soda-espinhosa. Outros habitantes das dunas incluem as gaivotas, as gaivinas, como a chilreta, e, ainda, micromamíferos como os ratinhos-do-campo e os musaranhos.

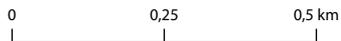
**E** – O passadiço que atravessa a duna dá acesso a um miradouro debruçado sobre um dos recovos da Culatra. Os recovos são locais muito produtivos (bancos naturais de bivalves), de águas baixas, e favoráveis à observação de aves como o perna-vermelha, o maçarico-real, o pilrito-comum, a garça-branca, e a garça-real, entre muitas outras.

# Ilha da Culatra

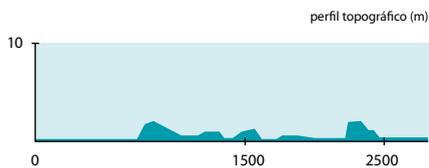


## 1 Início do percurso

$36^{\circ} 59' 41.94'' \text{ N}$   $7^{\circ} 50' 29.87'' \text{ W}$



 Percurso



# Percurso Pedestre do Centro de Educação Ambiental de Marim



Percurso no interior do pinhal que cobre grande parte da Quinta de Marim

**Freguesia:** Quelfes

**Concelho:** Olhão

**Localização:** Quinta de Marim

**Acesso:** a partir de Faro: tomar a N125 na direção de Olhão / Tavira e virar na seta direcional Parque Natural da Ria Formosa, cerca de 1 km depois de passar Olhão.

**Tipo:** pedestre

**Percurso circular:** sim

**Distância:** 3,5 km

**Duração média:** 2h30

**Subida acumulada:** 50 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e passagem de madeira.

**Quando visitar:** todo o ano. Horário da Quinta de Marim: dias úteis das 8h às 20h; fins de semana e feriados das 10h às 20h.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim, com marcas indicativas amarelas.

**Particularidades:** percurso inserido no Parque Natural da Ria Formosa (PNRF) e no sítio da Rede Natura 2000 Ria Formosa / Castro Marim; existem equipamentos e infraestruturas de apoio a atividades de educação ambiental.

**Pontos de interesse:** pinhal, sapais e lago de água doce, moinho-de-maré, observação de avifauna.

**Proprietários:** Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

**Entidade responsável:** ICNF / Parque Natural da Ria Formosa.

**Observações:** a sede do PNRF, que integra o CEAM (Centro de Educação Ambiental de Marim), encontra-se aberta apenas nos dias úteis.



Pernilongo, uma das aves limícolas que nidificam na Ria Formosa



Moinho de maré

A Quinta de Marim é uma propriedade com cerca de 60 hectares que acolhe a sede do PNRF e o CEAM. A quinta exhibe muitos dos valores naturais mais significativos da ria, sendo um local de excelência para a observação de passeriformes e de aves aquáticas.

**A** – O caminho conduz os visitantes até à sede do PNRF; aqui podem-se ver exposições, obter informações e adquirir publicações.

**B** – Alcança-se um passadiço que acompanha a transição entre o ambiente terrestre e o sistema lagunar. Aqui, entre os terrenos alagadiços e o pinhal, formou-se uma pequena duna onde domina a aromática perpétua-das-areias. Para além das cristas dunares, na baixa-mar observam-se viveiros, locais de cultivo de bivalves.

**C** – O moinho-de-maré de Marim laborou até 1970, sendo o último moinho a cessar atividade na ria. É atualmente possível visitar este engenho hidráulico que tira partido das marés para acionar as mós e moer o cereal. Vale a pena subir ao terraço do edifício e usufruir da magnífica vista sobre o espaço

envolvente.

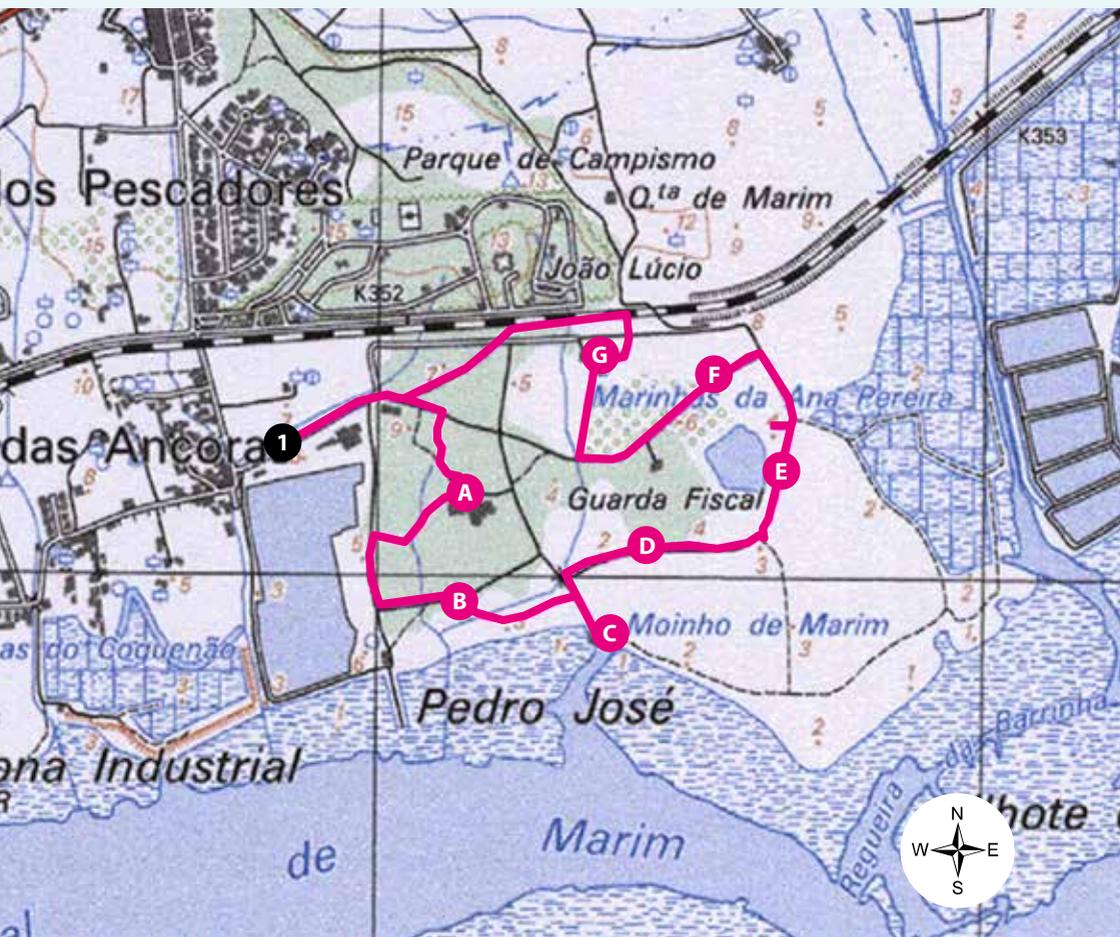
**D** – Ao abrigo do pinhal cresce um matagal denso onde dominam o medronheiro, a aroeira, o tojo-gatum, o saganho-mouro e a palmeira-anã.

**E** – Os observatórios são locais privilegiados para a observação de muitas das aves da ria, desde os passeriformes típicos dos pinhais e pomares, até às espécies que utilizam a laguna e as salinas. Um dos observatórios encontra-se junto a um tejo de uma salina, de onde se avistam limícolas em busca de alimento na vasa. Do outro observatório observa-se um lago de água doce que abriga grande diversidade de aves aquáticas, sendo local de nidificação do galeirão, da galinha-d'água, do guarda-rios ou do mergulhão-pequeno.

**F** – Neste local funciona o RIAS - Centro de Recuperação e Investigação de Animais Selvagens, o qual tem uma pequena sala de receção aos visitantes.

**G** – Na proximidade das casas tradicionais e da nora recuperada, é possível avistar a Casa-Museu do poeta João Lúcio, onde está sediada a Ecoteca de Olhão.

# Percurso Pedestre do Centro de Educação Ambiental de Marim

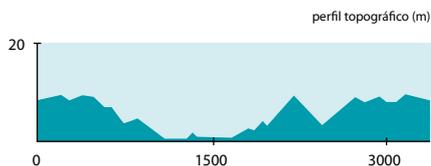


## 1 Início do percurso

37° 01' 58.75" N 7° 49' 18.07" W



 Percurso



## Trilho da Praia do Barril



Antigas instalações do arraial e o cemitério das âncoras

**Freguesia:** Santa Luzia

**Concelho:** Tavira

**Localização:** Pedras d'El Rei

**Acesso:** a partir de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) ou a N125 em direção a Tavira; cerca de 2 km a nascente da povoação Luz de Tavira, aceder ao aldeamento Pedras d'El Rei. É possível estacionar no parque de acesso à praia e ao longo da estrada que liga o aldeamento a Santa Luzia.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** não, linear.

**Distância:** 3 km (ida e volta)

**Duração média:** 2h

**Subida acumulada:** 20 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e cimento, passadiço de madeira e areal.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** não, mas dispõe de painéis informativos.

**Particularidades:** percurso inserido no Parque Natural da Ria Formosa (PNRF) e no sítio da Rede Natura 2000 Ria Formosa / Castro Marim.

**Pontos de interesse:** flora e fauna de sapal e dunas, avifauna aquática, paisagens da Ria Formosa.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Tavira.



Ponte pedonal de ligação entre Pedras d'El Rei e a Ilha de Tavira



Caranguejos boca-cava-terra, visíveis nos lodos durante a baixa-mar

Nesta caminhada percorre-se o caminho até à praia do Barril, à qual também é possível chegar por comboio elétrico. O percurso atravessa o canal de Tavira, pela ponte levadiça do Barril, e uma extensão considerável de sapal e de sistema dunar.

**A** – Os primeiros 600 m do percurso percorrem os sapais típicos da Ria Formosa, com a sua complexa rede de meandros e bancos de vasa e a peculiar vegetação de sapal. O caminho encontra-se ladeado por uma planta exclusiva do Sul, o *Limoniastrum monopetalum*, um arbusto de exuberante floração lilás. Nesta travessia, observam-se facilmente, sobretudo na baixa-mar, animais emblemáticos como o caranguejo boca-cava-terra e as aves aquáticas como as garças, pilritos, gaivinas, tarambolas, borrelhos, a seixoeira, o pernillongo ou o alfaiate, na sua azáfama em busca de alimento.

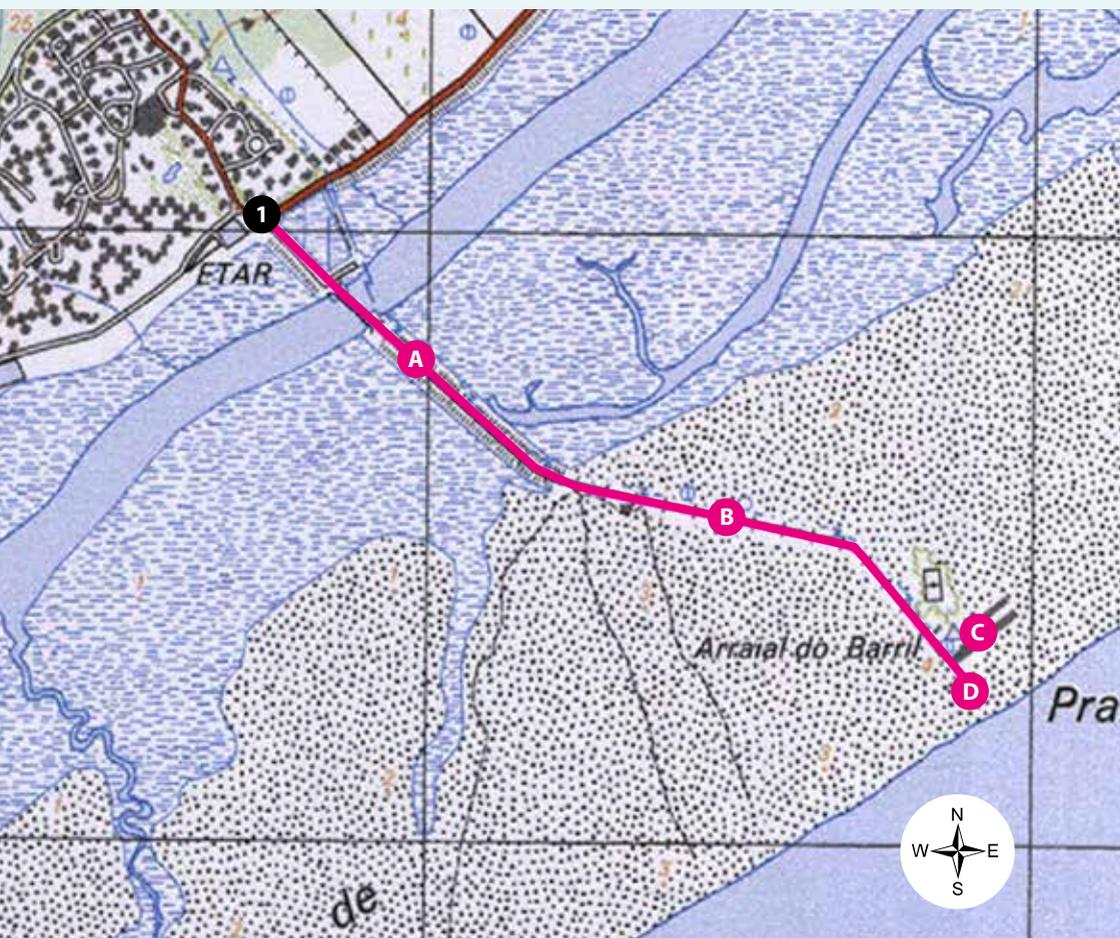
**B** – Às plantas suculentas típicas dos terrenos salinizados, sucedem-se gradualmente juncais e bunhais, indicadores de surgências de água doce / salobra.

O caminho segue então através de uma extensa duna com vegetação amoitada, típica de areias mais estáveis. A perpétua-das-areias, uma pequena moita doirada de intenso odor a caril, domina a paisagem e os aromas.

**C** – Na praia encontram-se diversos equipamentos de apoio ao uso balnear. Estes ocupam um antigo Arraial, estrutura de apoio às armações de pesca que funcionavam nos meses de verão (sobretudo para captura do atum). Neste arraial, fundado em 1841, terão chegado a viver cerca de 80 pescadores e as suas famílias. É possível observar na praia um cemitério das âncoras que eram usadas na armação.

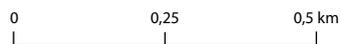
**D** – Na frente marítima da duna crescem pequenas plantas bem adaptadas às areias móveis, como a couve-das-praias, o cardo-marítimo e a eruca-marítima. Mais atrás surgem o vistoso narciso-das-areias e o estorno que com as suas longas raízes ajuda a edificar a crista dunar. Na praia, a gaivota-argêntea, a gaivota-de-cabeça-preta e as andorinhas-do-mar são visitantes comuns.

# Trilho da Praia do Barril

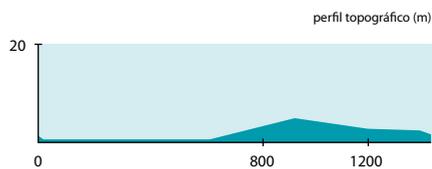


## 1 Início do percurso

37° 05' 35.02" N 7° 40' 30.79" W



 Percurso







## Percursos

- 80.** Percurso do Parque Municipal do Sítio das Fontes
- 84.** Percurso do Castelo de Paderne
- 88.** Percurso da Rocha da Pena
- 92.** Percurso da Tôr
- 96.** Percurso da Fonte da Benémola
- 100.** Caminhos e Encruzilhadas de ir à Fonte



# 3. Barrocal

# Percurso do Parque Municipal do Sítio das Fontes



Açude, moinho de maré e antiga casa do moleiro

**Freguesia:** Estômbar

**Concelho:** Lagoa

**Localização:** Sítio das Fontes

**Acesso:** partindo de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) até à saída de Silves, seguindo depois na direção de Estômbar. Nesta localidade, virar para norte até encontrar a placa com a indicação do Parque Municipal.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 1,3 km

**Duração média:** 1 h

**Subida acumulada:** 30 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e algo pedregosos.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido em área da Rede Natura 2000 (Sítio Arade/Odelouca). Existem no local infraestruturas de apoio aos visitantes como o CIN - Centro de Interpretação da Natureza, um parque de merendas, um anfiteatro e uma estação meteorológica.

**Pontos de interesse:** nascentes de água do aquífero Querença-Silves, património hidráulico, sapais do Arade, fauna local (aves aquáticas e aves associadas ao matagal mediterrânico).

**Proprietários:** caminhos camarários e públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Lagoa.

**Observações:** percurso inserido no Parque Municipal do Sítio das Fontes, coincidindo com um circuito de manutenção.



Margem de um dos lagos coberta por tamargueiras



Rã-verde, um anfíbio comum das zonas húmidas de água doce

O Parque Municipal do Sítio das Fontes fica localizado nas margens de um esteiro do Rio Arade. O percurso percorre uma pequena área com elevada diversidade de ambientes como zonas de sapal, paul, matagal mediterrâneo, vegetação ripícola e planos de água doce, salobra e salgada.

**A** – O Centro de Interpretação da Natureza (CIN) funciona num antigo edifício rural restaurado e por norma disponibiliza informação sobre o local ou exposições culturais ao público. Perto deste edifício encontra-se uma nora recuperada, a qual serviu em tempos para regar campos agrícolas e hortas.

**B** – Na proximidade da Casa do Guarda, e ao longo da encosta sul do vale, o matagal mediterrânico é bem desenvolvido, dominando a aroeira, o tojo-do-Sul, a palmeira-anã, o carrasco, o rosmaninho e

orquídeas várias (observáveis na Primavera), entre outras plantas, e as típicas árvores dos campos de sequeiro algarvios, a alfarrobeira, a figueira, a amendoeira e a oliveira.

**C** - Junto à margem do rio, na zona alagadiça salgada, é possível observar algumas espécies típicas dos sapais como a suculenta *Sarcocornia fruticosa*, a gramata-branca, a salgadeira, o *Limoniastrum monopetalum* (exuberante na sua floração) e várias espécies de juncos. Caminhando até ao final do trilho alcança-se ampla vista sobre o rio e observam-se vestígios de um antigo moinho-de-maré na outra margem.

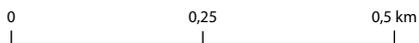
**D** – Já na proximidade do parque de merendas, encontra-se o açude e o respetivo moinho-de-água, alimentados pelas fontes de água que emprestam o nome ao parque. Nestas nascentes, ou surgências, jorra água do maior reservatório subterrâneo do Algarve, o aquífero Querença-Silves, com área aproximada de 317 km<sup>2</sup>. No moinho de água, ainda hoje se mói cereal e se coze pão, atividades promovidas pelo CIN.

**E** – Atravessando a ponte do açude, de onde se observa a água límpida das nascentes, o caminho conduz aos olhos de água e aos pequenos lagos que se formam nas imediações. Alguns pequenos peixes podem ser vistos e as libélulas patrulham as águas em busca de presas. A vegetação ribeirinha é densa, formando uma cortina de tamargueiras, tabúas, juncos e bunhos e outras espécies aquáticas, através da qual se espreitam as rãs que saltarão para a água assim que se sintam observadas. Um bosque ripícola de choupos e freixos foi plantado para ladear o caminho de volta até à entrada do parque.

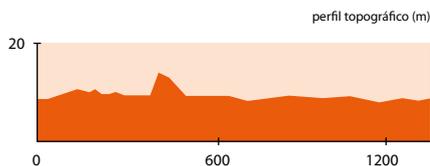
# Percurso do Parque Municipal do Sítio das Fontes



1 Início do percurso  
37° 09' 40.98" N 8° 29' 07.05" W



 Percurso



# Percurso do Castelo de Paderne



Vista do interior do Castelo de Paderne

**Freguesia:** Paderne

**Concelho:** Albufeira

**Localização:** Castelo de Paderne

**Acessos:** a partir de Faro: tomar a EN125 na direção de Albufeira, seguir em direção a Ferreiras e depois para Paderne; nesta povoação, seguir as indicações para os percursos pedestres e Castelo de Paderne.

**Tipo:** pedestre.

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 3,2 km

**Duração média:** 1h30

**Subida acumulada:** 117 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e algo pedregosos.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido em Rede Natura 2000 - Sítio Ribeira de Quarteira e na rede nacional de biodiversidade como Estação da Biodiversidade da Ribeira de Quarteira. Uma rede de percursos, tanto pedestres como cicláveis, cruzam-se neste local.

**Pontos de interesse:** Castelo de Paderne, Ribeira da Quarteira, património hidráulico de inspiração árabe, matagal mediterrânico, flora endémica e fauna associada aos habitats ribeirinhos.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Albufeira

**Observações:** nos períodos chuvosos pode ser difícil atravessar o açude da ribeira.



Uma borboleta (*Zerynthia rumina*) e flores de alecrim na beira do caminho pedestre



Ribeira do Algibre junto ao açude e moinho de água

A caminhada percorre um vale estreito, no qual serpenteia a Ribeira de Quarteira, e sobe ao Castelo de Paderne, imóvel de interesse público. A ribeira exhibe um dos seus troços mais bem conservados e encontram-se alguns dos engenhos ligados à gestão tradicional da água.

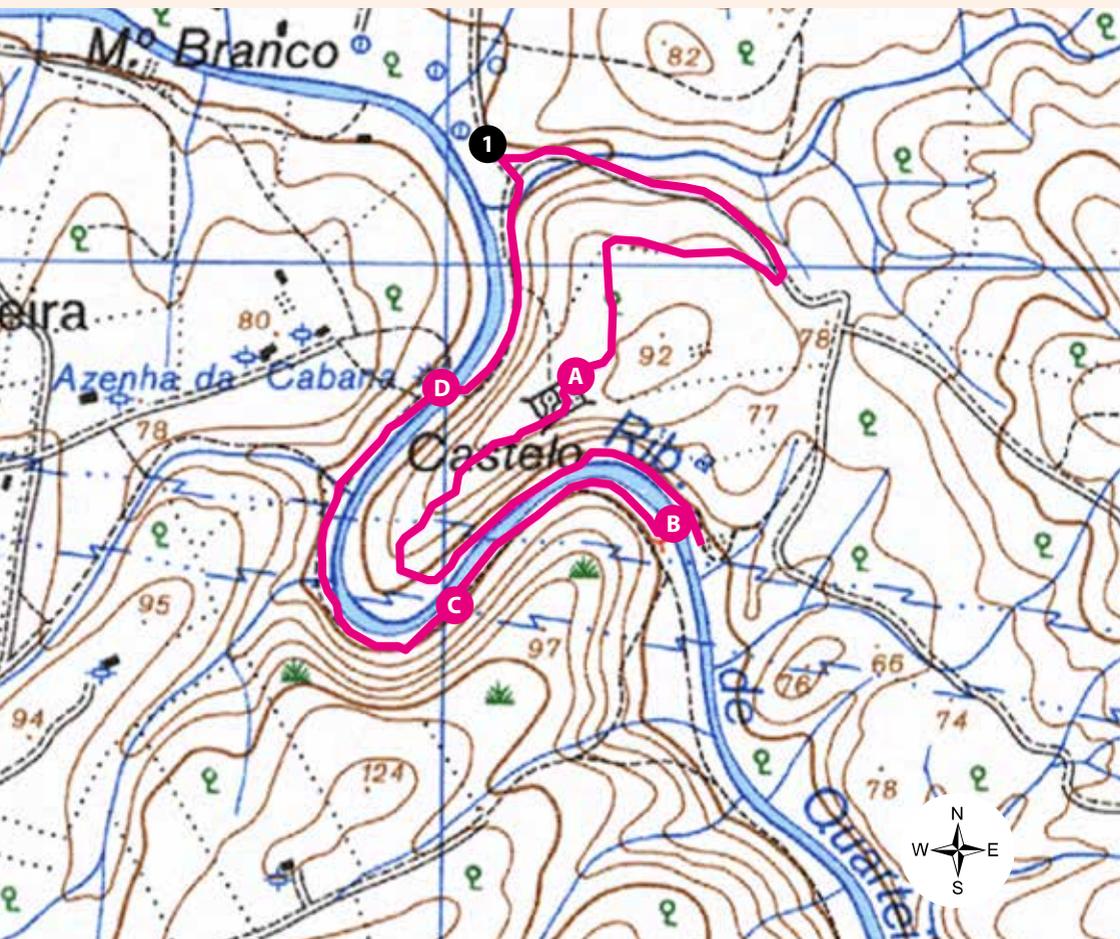
**A** – O Castelo de Paderne constitui um dos melhores exemplares nacionais de construção em taipa militar. Data do séc. XII (Califado Almóada) e foi um dos últimos castelos tomados na reconquista cristã. O castelo configura um polígono irregular, tendo apenas uma torre, exterior e maciça, a torre albarrã. Destaca-se a intensa cor ocre que contrasta com o verde denso do matagal mediterrânico.

**B** – A Ponte do Castelo, de feição romana, tem origem medieval e foi construída para dar apoio ao castelo. Mantém 3 arcos e 2 talha-mares em forma de prisma triangular. Na proximidade da ponte, encontram-se as ruínas de um moinho de água (Moinho da Alfarrobeira), bem como da antiga casa do moleiro e do forno.

**C** – Na vertente umbria do vale, desenvolve-se um matagal onde dominam o zimbro, o carrasco, o medronheiro, a palmeira-anã, a aroeira e lianas diversas. Alfarrobeiras e oliveiras antigas ladeiam o caminho, e, nas margens da ribeira, encontra-se a única população mundial conhecida de um pequeno narciso (*Narcissus willkommii*). A vertente soalheira do vale exhibe matos mais esparsos: sargaçais, tomilhais e rosmaninhais. Aqui encontra-se a *Centaurea occasus*, um cardo endémico do barrocal algarvio.

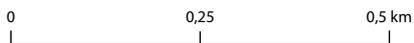
**D** – Junto ao açude do castelo, encontra-se uma azenha, herança do período árabe. Também a fauna faz bom uso da presença de água na ribeira; há registos da presença da lontra, da doninha e do ouriço-cacheiro, bem como de anfíbios e de inúmeras aves aquáticas (como a garça-real e a garça-branca) e passeriformes (alvéolas, rouxinóis, toutinegras, tentilhões, entre outros). A vegetação ripícola inclui as espécies típicas das linhas de água torrenciais: freixo, loendro, tamargueira e canavial.

# Percurso do Castelo de Paderne

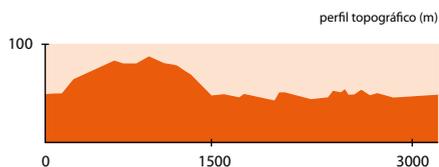


1 Início do percurso

37° 09' 36.40" N 8° 12' 03.80" W



 Percurso



## Percurso da Rocha da Pena



O bútio-comum, também conhecida como águia-de-asa-redonda, é uma das aves de rapina observada regularmente na Rocha da Pena

**Freguesia:** Salir e Benafim

**Concelho:** Loulé

**Localização:** Rocha da Pena

**Acessos:** a partir de Loulé, seguir até Salir e tomar a EN124 em direção a Alte; antes de chegar à aldeia da Pena, seguir para a Rocha da Pena.

**Tipo:** pedestre.

**Percurso circular:** sim

**Distância:** 6,4 km

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 275 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e algo pedregosos.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido na Paisagem Protegida Local da Rocha da Pena e em Rede Natura 2000 - Sítio Barrocal.

**Pontos de interesse:** afloramento rochoso monumental, paisagem cársica, matagal mediterrânico, flora e fauna.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Loulé



Caminho na vertente sul



Rosa-albardeira, uma planta arbustiva típica de zonas sombrias e pedregosas

A Rocha da Pena é um afloramento rochoso notável do barrocal algarvio. A sua orografia particular propicia a existência de uma notável diversidade de fauna e flora numa área relativamente pequena.

**A** – Bosques mistos de alfarrobeira, zambujeiro e azinheira revestem as vertentes do afloramento; aqui crescem plantas raríssimas como a *Doronicum tournefortii*, à sombra das azinheiras, ou a *Narcissus calcicola* e a *Bellevalia hackelii* em terreno aberto.

**B** – Neste local avista-se o ondulado da Serra do Caldeirão para norte. Nas imediações encontra-se o Algar dos Mouros, uma das mais extensas galerias cársicas do Algarve. Conta a lenda que os mouros se refugiaram aqui durante a reconquista de Salir por D. Paio Peres Correia, em meados do século XIII. Mas são espécies como o morcego-de-peluche e o morcego-rato-pequeno, considerados em perigo de extinção, que habitam atualmente as

galerias, constituindo colónias relevantes para a conservação destas espécies.

**C** – No planalto dominam os matagais endémicos de zimbro e carrasco; quando se abrem clareiras surgem aromáticas como o rosmaninho, o alecrim, o funcho e o tomilho, e observam-se as fuçadas dos javalis em busca de rizomas e bolbos. O percurso cruza aqui dois interessantes amuralhamentos rochosos cuja origem remonta à Idade do Ferro.

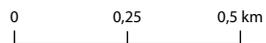
**D** – No Talefe, a 479 metros de altitude, contemplam-se os contornos suaves do barrocal até ao mar. Com sorte avistam-se aves de rapina, algumas de passagem, durante as migrações, como o grifo, a águia-calçada ou a águia-de-Bonelli, e outras residentes, como o búteo-comum e o bufo-real.

**E** – A descida faz-se passando pela tradicional aldeia da Penina, seguindo o caminho até à Rocha e ao longo do qual se pode contemplar a rocha nua da escarpa sul.

# Percurso da Rocha da Pena

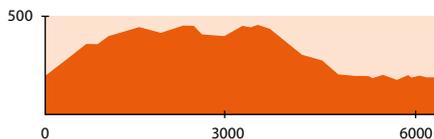


**1 Início do percurso**  
37° 15' 01.15" N 8° 05' 52.53" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Percurso da Tôr



Abelha recolhe nectar de abrótea-de-primavera, uma das muitas plantas com flor que ladeiam os caminhos deste percurso

**Freguesia:** Tôr

**Concelho:** Loulé

**Localização:** Tôr

**Acessos:** a partir de Loulé, seguir em direção a Salir; a cerca de 6 km de Loulé, virar em direção à Tôr.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percorso circular:** sim

**Distância:** 5,2 km

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 112 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra, asfaltados e empedrados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto períodos chuvosos.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido em Rede Natura 2000 - Sítio Barrocal.

**Pontos de interesse:** Ribeira do Algibre (aqui também designada por Ribeira da Tôr) e galeria ripícola, património cultural, paisagem algarvia de inspiração árabe, matagal mediterrânico.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Loulé

**Entidade responsável:** o percurso atravessa a ribeira da Tôr numa passagem a vau.



Bosque de carvalhos e alfarrobeiras nas proximidades da aldeia da Tôr



Passagem a vau pela ribeira da Tôr

O percurso desenvolve-se a partir da aldeia da Tôr, descendo até à várzea e à ribeira da Tôr, percorrendo paisagens rurais onde se conservam tradições antigas.

**A** – A aldeia da Tôr acomoda-se na encosta sul de uma colina do barrocal algarvio. O casario branco e as ruas estreitas e sinuosas, conservam o traço urbanístico tradicional. Apesar da ligação da economia local à produção de frutos secos, nesta aldeia antiga, mas dinâmica, desenvolve-se hoje a indústria, o artesanato e o comércio.

**B** – A ponte de Tôr terá sido construída na Baixa Idade Média sobre uma pré-existência romana, integrada na romana que ligava Milreu (em Estoi) a Salir. Atualmente são visíveis três arcos de volta perfeita, organizados entre si de forma harmónica, com o arco central de maior amplitude e os laterais simétricos e de menor abertura.

**C** – A paisagem rural é composta por pequenas hortas e pomares em redor da aldeia, por vinhas, e pelos tradicionais campos de sequeiro de inspiração árabe, aqui dominados pela figueira, oliveira e alfarrobeira.

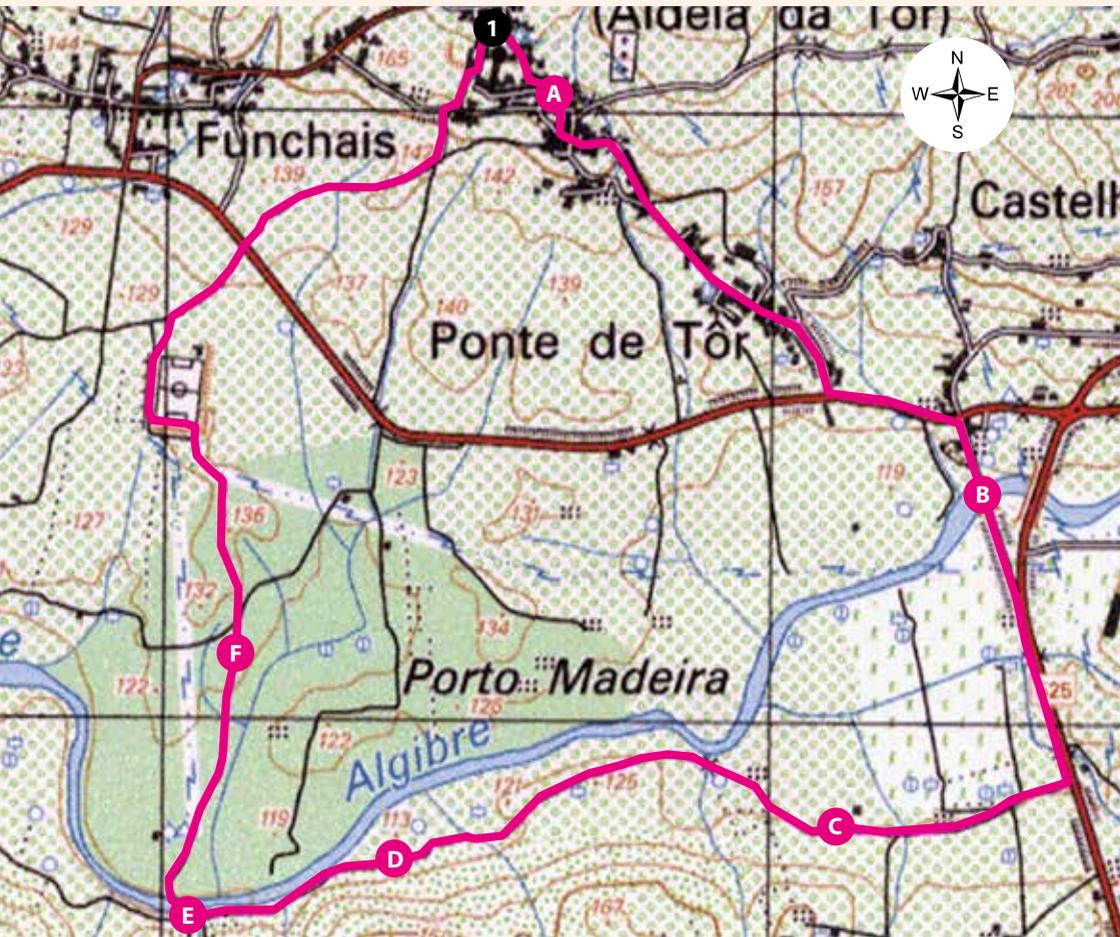
**D** – A várzea da ribeira da Tôr é ladeada por

matagal mediterrânico, onde exemplares monumentais de oliveira e azinheira sobressaem entre os arbustos de tojo-do-Sul, aroeira, trovisco, rosmaninho, saganho-mouro e rosilha-grande.

**E** – A atmosfera torna-se fresca perto da ribeira da Tôr. Passa-se a ribeira a vau, entre densa cortina ribeirinha onde se observam as plantas típicas destas linhas de água torrenciais: o loendro, a tamargueira, o freixo. Aproveitando o ambiente sombrio, instalam-se outras espécies, como o pilriteiro, a murta e a gilbardeira. A lontra, nos mamíferos, ou o guarda-rios, nas aves, são duas das espécies de fauna, emblemáticas para a conservação da natureza do Algarve, que utilizam esta ribeira como local de criação ou passagem entre territórios.

**F** – De volta à Tôr, a paisagem é dominada por frondosos bosques mistos de sobreiro, azinho e alfarrobeira, acompanhados pelo medronheiro. A avifauna é notável nestes bosques. Com alguma paciência e binóculos podem ser observadas espécies como o papa-figos, a pega-azul, o gaio, o melro-azul, ou ainda várias espécies de felosas, rouxinóis, pica-paus e toutinegras, entre outras.

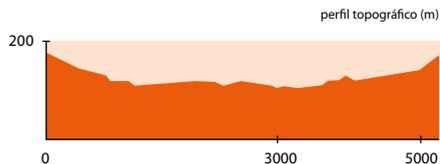
# Percurso da Tôr



1 Início do percurso  
37° 11' 48.27" N 8° 02' 10.52" W



~ Percurso



## Percurso da Fonte da Benémola



Galeria ripícola exemplar da ribeira da Benémola

**Freguesia:** Querença

**Concelho:** Loulé

**Localização:** Fonte da Benémola

**Acessos:** a partir de Loulé, seguir em direção a Salir; a cerca de 6 km de Loulé, virar em direção a Querença. Ao passar a ponte sobre a ribeira, percorrem-se 400 metros até ao parque de estacionamento de início do percurso.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percurso circular:** sim

**Distância:** 4,1 km

**Duração média:** 1h30

**Subida acumulada:** 154 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido na Paisagem Protegida Local da Fonte Benémola em Rede Natura 2000 - Sítio Barrocal.

**Pontos de interesse:** Ribeira da Benémola e galeria ripícola bem conservada, nascentes da Benémola, património hidráulico de inspiração árabe. Fauna associada aos campos agrícolas e ao habitat ribeirinho.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Loulé



Nascente junto das margens da ribeira



Vista sobre o vale na zona de transição entre solos típicos do Barrocal e da Serra

Esta Paisagem Protegida abrange quase 400 hectares entre Querença e Tôr. É um local privilegiado para observar paisagens rurais e património hidráulico, bem como fauna e flora dos habitats ribeirinhos da Benémola.

**A** – O percurso inicia no sítio Fica Bem, perto de um antigo forno de cal, onde se produzia cal através da cozedura dos calcários.

Seguindo ao longo do vale, observa-se o aproveitamento rural da várzea da ribeira e a frondosa galeria ripícola.

**B** – Na envolvente da ribeira podem ser encontradas noras, azenhas, açudes e levadas. Estas infraestruturas de inspiração árabe testemunham o complexo sistema hidráulico que outrora tornou possível a gestão comunitária da água e o seu transporte pelas levadas até aos campos de regadio.

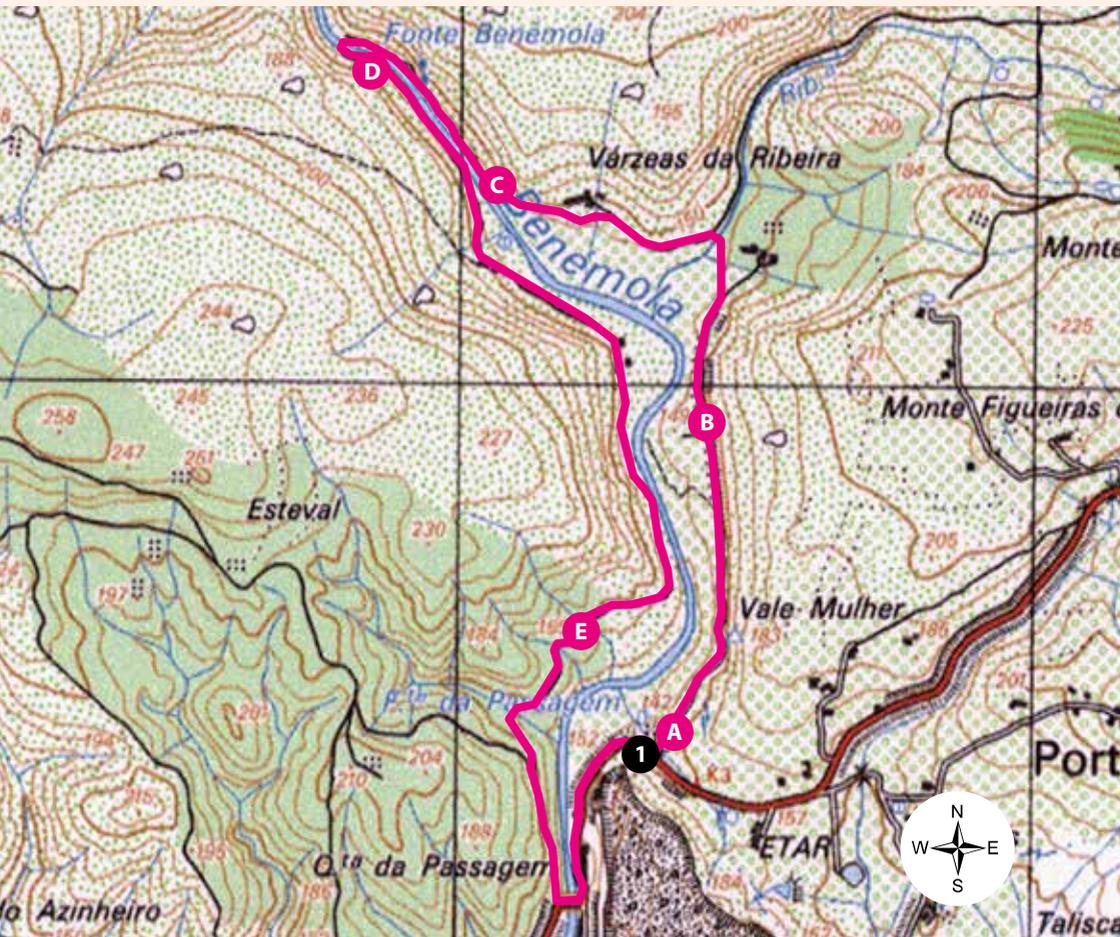
**C** – Abastecida por nascentes como o *Olho* e a *Fonte da Benémola*, das mais caudalosas do aquífero Querença-Silves, a ribeira da Benémola mantém o caudal em cerca de 60 % durante a época estival. A ribeira exhibe uma cortina densa de salgueiros, freixos, choupos, folhados, loendros,

tamargueiras, silvados e canaviais. Junto às margens nidificam o guarda-rios, o rouxinol e a alvéola-cinzenta. A água atrai também outras aves como felosas, toutinegras, pardais, pica-paus, o gaio e o abelharuco. O vale encaixado propicia a presença de rapinas, sobretudo águias e mochos.

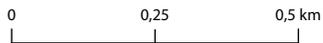
**D** – As encostas calcárias do vale encontram-se revestidas por uma comunidade endémica onde dominam o zimbro e o carrasco, acompanhados por plantas aromáticas como o alecrim, o rosmaninho, o funcho e o tomilho nas encostas soalheiras, e pelo medronheiro, aroeira, loureiro, zambujeiro e alfarrobeira nas encostas umbrias.

**E** – Os cerros na extrema sudoeste da Paisagem Protegida são talhados em terrenos xistosos e encontram-se revestidos por bosques de sobreiro e azinheira, sendo interessante observar a transição entre o barrocal e este ambiente. Neste local encontra-se a ruína de um moinho de água que serviu as populações na moagem dos cereais.

# Percurso da Fonte da Benémola

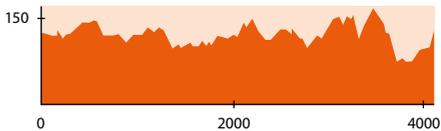


1 Início do percurso  
37° 11' 55.06" N 8° 00' 15.96" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



# Caminhos e Encruzilhadas de ir à Fonte



Grande parte deste percurso pedestre é realizado em caminhos murados

**Freguesia:** São Brás de Alportel

**Concelho:** São Brás de Alportel

**Localização:** Fonte da Mesquita

**Acessos:** a partir de Faro, tomar a EN2 em direção a S. Brás de Alportel e depois a EN270 em direção a Tavira, até à povoação Fonte da Mesquita.

**Tipo:** pedestre

**Percorso circular:** sim

**Distância:** 8,4 km

**Duração média:** 3 h

**Subida acumulada:** 310 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos rurais e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso insere-se numa zona de transição entre o barrocal e a serra, atravessando diferentes territórios geomorfológicos que se sucedem de sul para norte: o barrocal calcário, os arenitos vermelhos da formação *Grés de Silves*, e o maciço antigo de xistos e grauvaques.

**Pontos de interesse:** paisagem rural, Vale do Bengado, património hidráulico, formações geológicas *Grés de Silves* e *Brecha avermelhada da Mesquita* (formação Cerro da cabeça), Geoponto da Mesquita, fábricas de terracota.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de São Brás de Alportel.



Geoponto da Mesquita, junto da pedreira de "Brecha Algarvia"



Passagem e poldra no cruzamento da ribeira no vale do Bengado

O percurso desenvolve-se ao longo de uma rede de caminhos seculares que serpenteiam entre o barrocal e a serra, dando a conhecer tradições ancestrais agrícolas, de gestão da água, e do aproveitamento de matérias-primas como a argila.

**A** – Em plena paisagem rural, percorrem-se caminhos frescos ladeados por muros de pedra seca e frondosas oliveiras, alfarrobeiras e azinheiras, até se alcançar um poço secular, o Poço do Monte Negro que exhibe exímios detalhes construtivos.

**B** – No Vale do Bengado faz-se a fronteira entre o *Algarve de prata* (domínio do barrocal calcário) e o *Algarve pardo* (território serrano, de xistos e grauaques), e as encostas encontram-se já revestidas por bosque de sobreiro, árvore calcifuga (que foge dos solos calcários), observando-se sobreiros monumentais. Passando a ribeira a vau, observa-se a típica vegetação ribeirinha da região: silvados, loendral, freixial, choupal, e, no leito, a aromática hortelã-da-ribeira.

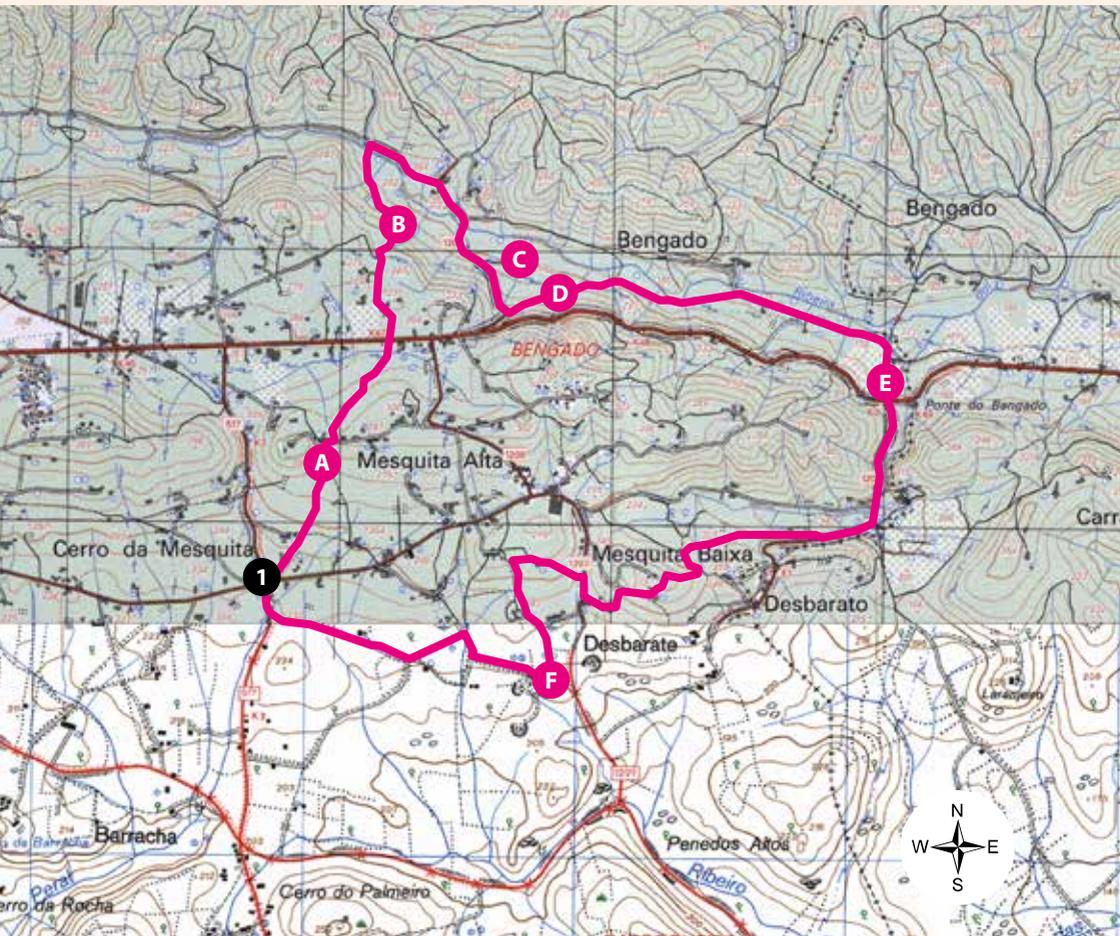
**C** – Um pequeno desvio dá a conhecer uma das inúmeras minas de água deste vale. As minas abastecem de água as culturas de regadio do Bengado; nestas hortas férteis cultiva-se tomate, pimento, melão e melancia, milho, batata-doce e couves, e plantam-se pomares de citrinos.

**D** – No *Caminho Bárbara Dias*, percorre-se um troço de caminho romano, apercebendo-se o visitante da bem estruturada rede de caminhos rurais que dá acesso a fontes, hortas, moinhos e vilas.

**E** – No telheiro do terracota do Bengado utilizam-se as argilas vermelhas do *Grés de Silves* para produzir artesanalmente telha mourisca, azulejos e tijolo burro, materiais característicos da arquitetura mediterrânica.

**F** – De volta ao Barrocal, vale a pena visitar o Geoponto da Mesquita onde se observa a extração de grandes blocos calcários ricos em fósseis marinhos, sobretudo espongiários, crinoides e corais. Trata-se da formação *Brecha avermelhada da Mesquita*, uma rocha ornamental de beleza singular.

# Caminhos e Encruzilhadas de ir à Fonte



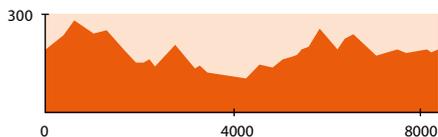
## 1 Início do percurso

37° 08' 49.16" N 7° 51' 16.31" W



 Percurso

perfil topográfico (m)





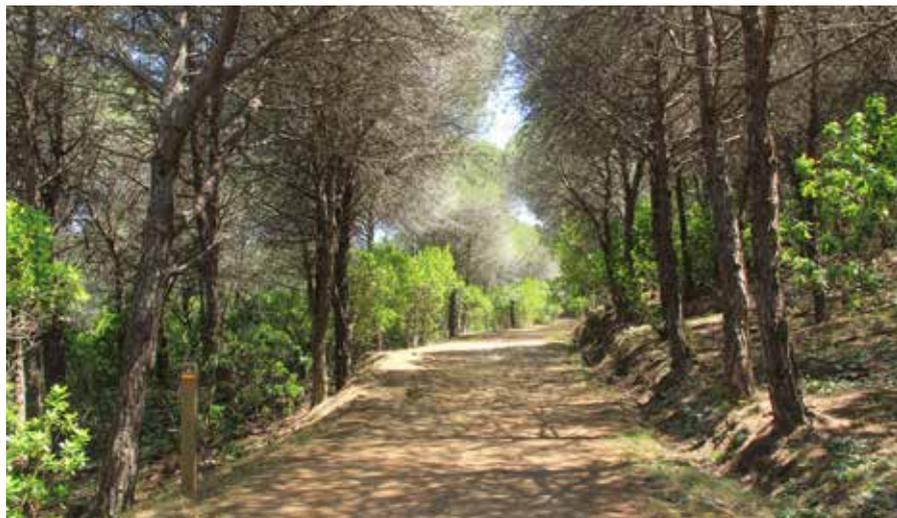


- 106. Percurso da Pedra do Galo
- 110. Trilho das Cascatas
- 114. Trilho da Fóia
- 118. Trilho dos Moinhos
- 122. Percurso do Lagoão
- 126. Circuito Arqueológico da Vilarinha  
– Vale Fuzeiros
- 130. Percurso Pedestre Ameixial
- 134. Percurso Pedestre Revezes
- 138. Trilho da Ribeira de Alportel
- 142. Passeio Ornitológico *O Ninho*
- 146. Barranco das Lajes
- 150. Percurso da Reserva
- 154. Percurso da Masmorra
- 158. Percurso dos Montes Serranos



## 4. Serra

## Percurso da Pedra do Galo



Percurso no interior da mata

**Freguesias:** Bensafrim e Barão de São João

**Concelho:** Lagos

**Localização:** Barão de São João

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a A22 (Via do Infante) até Bensafrim, seguir depois na direção de Sagres / Barão de São João. Nessa povoação seguir as indicações para a Mata Nacional.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percurso Circular:** parcialmente, troço linear com cerca de 1 km.

**Distância:** 6,3 km

**Duração média:** 1h30

**Subida acumulada:** 177 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso encontra-se inserido em Rede Natura 2000, Sítio Costa Sudoeste e na Mata Nacional do Barão de São João (Perímetro Florestal, estando, ainda, integrado na Via Algarviana.

**Pontos de interesse:** Perímetro Florestal do Barão de São João – pinhal e sobreiral e fauna associada; Pedra do Galo; paisagem da Serra do Espinhaço de Cão.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Lagos.

**Observações:** o percurso atravessa matas de produção de madeira.



Lagartixa-do-mato-comum, um réptil associado a locais com abundante cobertura arbustiva



Menir da Pedra do Galo

A caminhada avança mata adentro, pelo Perímetro Florestal do Barão de São João, percorrendo pinhais e bosques de sobreiro, até à Pedra do Galo, um vestígio da cultura megalítica da Península ibérica.

**A** – Na proximidade da povoação, que vale a pena percorrer para apreciar a arquitetura tradicional das casas térreas com as típicas chaminés algarvias, o caminho faz-se ladear por eucaliptal e acacial.

**B** – O parque de merendas da Mata Nacional instalou-se à sombra do pinhal-manso. A partir deste ponto, inicia-se uma descida que acompanha um barranco sombrio e fresco. Sob as copas dos pinheiros surgem medronhais, tojais (sobretudo tojo-gatum) e estevais onde dominam a esteva e o sargaço.

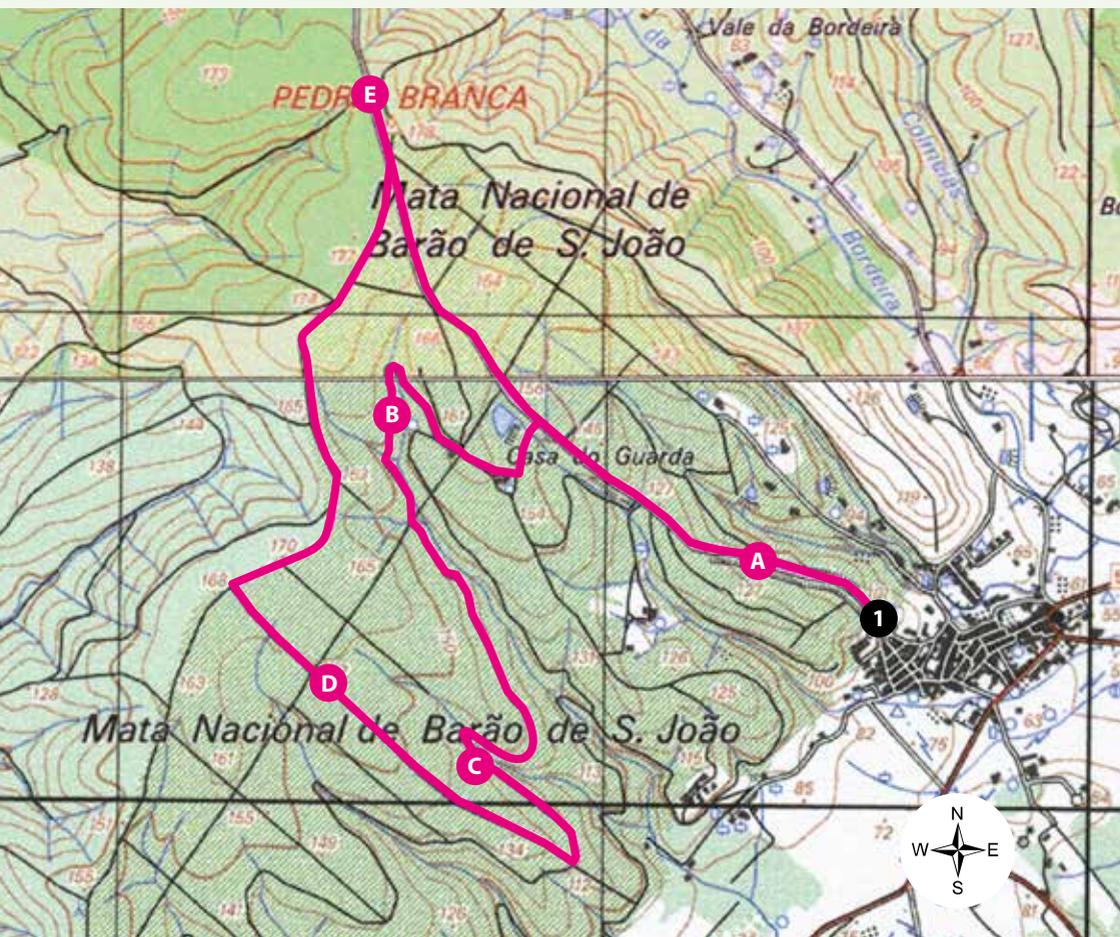
**C** – O caminho embrenha-se bosque adentro e a atmosfera torna-se húmida. A vegetação mediterrânica cresce em altura e diversifica-se: surgem sobreiros e medronheiros frondosos, acompanhados por aroeira e aderno-bastardo. Os urzais, com queiró e urze-vermelha, e os tojais com

tojo-prateado, adensam-se. Nas clareiras encontram-se estevais, rosmaninho e tojo-do-Sul.

**D** – À medida que se sobe em direção aos aerogeradores dispostos pela cumeada de um cerro do Espinhaço de Cão, percorre-se uma vasta mancha de pinhal com tojais e estevais. Aqui podem observar-se lebres e coelhos-bravos, ou sinais de javali e de carnívoros como a raposa, a geneta ou o sacarrabos.

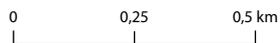
**E** – Perto do estradão que acompanha a linha de aerogeradores, alcança-se, já em plena área de mata de produção, a Pedra do Galo, fragmento de um menir talhado em calcário (presumivelmente do Neolítico). Neste local, avistam-se os sucessivos cerros do Espinhaço de Cão, bem como a Serra de Monchique e o ponto mais alto do Algarve, a Fóia. Nos bosques envolventes, é possível detetar um conjunto alargado de passeriformes e de aves de rapina como o mocho-galego, a águia-de-asa-redonda e até a águia-de-Bonelli.

# Percurso da Pedra do Galo

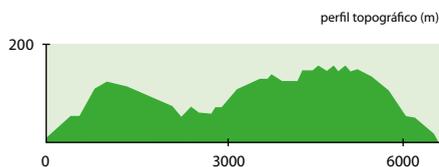


## 1 Início do percurso

37° 18' 22.67" N 8° 46' 46.90" W



 Percurso



# Trilho das Cascatas



Vista da vertente norte da Serra de Monchique

**Freguesia:** Monchique

**Concelho:** Monchique

**Localização:** Monchique

**Acessos:** partindo de Faro: seguir pela EN125 ou pela A22 (Via do Infante) até perto de Portimão (Porto de Lagos), seguindo depois as indicações para a EN266 até Monchique e à Fóia.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim, incluindo um troço linear com cerca de 1,5 km.

**Distância:** 17,6 km

**Duração média:** 5 h

**Subida acumulada:** 787 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e estrada.

**Quando visitar:** todo o ano, evitando dias muito ventosos e/ou chuvosos.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso encontra-se inserido em Rede Natura 2000, Sítio Monchique e integrado na Via Algarviana.

**Pontos de interesse:** povoações e paisagens serranas, cascatas de Monchique, flora e fauna.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Monchique.

**Observações:** o percurso atravessa matas de produção de madeira.



Cascata do Barbelote

O percurso percorre a vertente norte da serra, dando a conhecer as cascatas mais emblemáticas de Monchique e a flora e fauna associadas a este microclima de exceção no contexto algarvio.

**A** – A caminhada inicia na Fóia onde se pode apreciar o caos de blocos de sienito, paisagem característica do maciço ígneo de Monchique. Neste local, a vegetação assume um porte amoitado; são sobretudo tojais e urzais onde se observam algumas das plantas exclusivas da serra: o tojo-molar, a rosa-albardeira, a adelfeira e a delicada arenária.

**B** – A Cascata do Penedo do Buraco corre apenas na época das chuvas; trata-se de uma linha de água de regime temporário que se precipita de um enorme penedo, praticamente inacessível, onde nidificam aves tímidas. Na envolvente da cascata encontram-se castanheiros envoltos em silvados e feteiras e, mais adiante, socalcos com as típicas casas serranas e hortas de subsistência.

**C** – Após uma longa descida entre eucaliptais, surge a Cascata do Chirão.

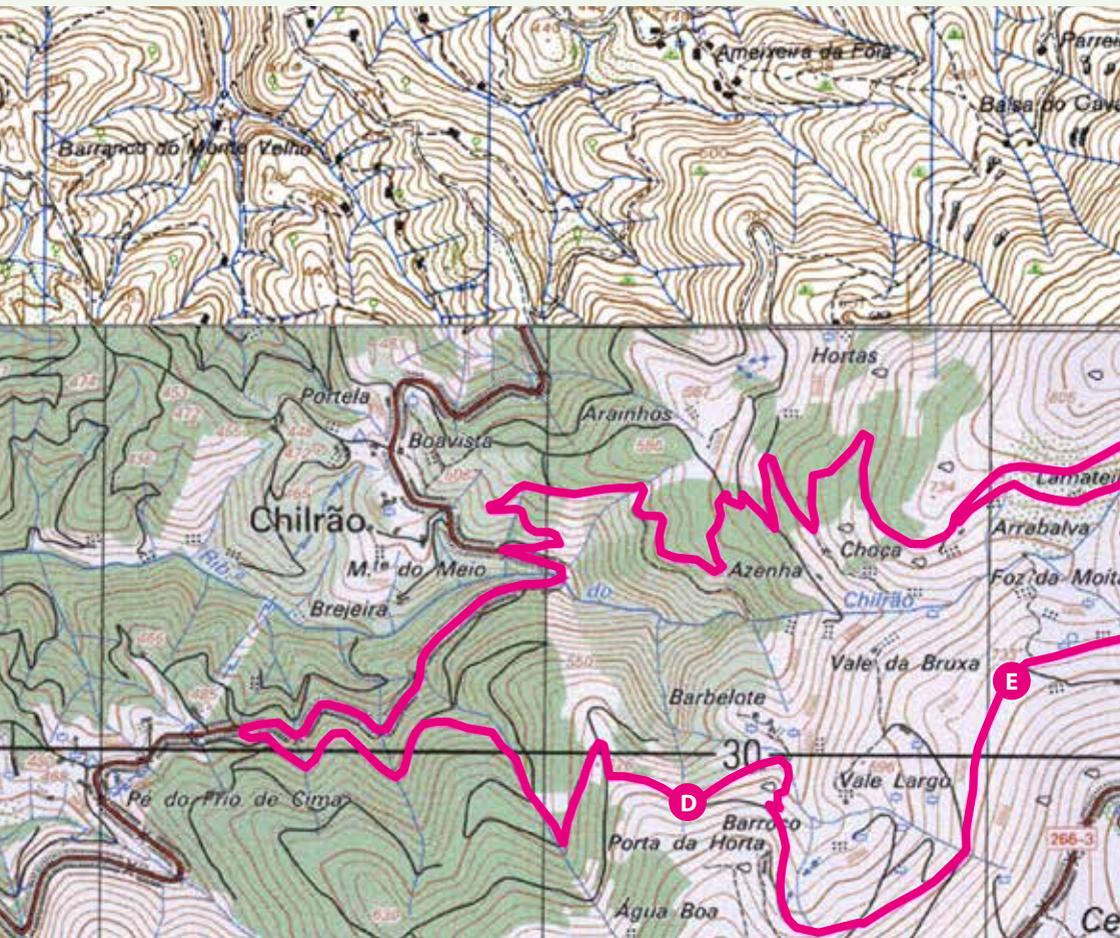


Adelfeira, uma planta relíquia da floresta Laurissilva

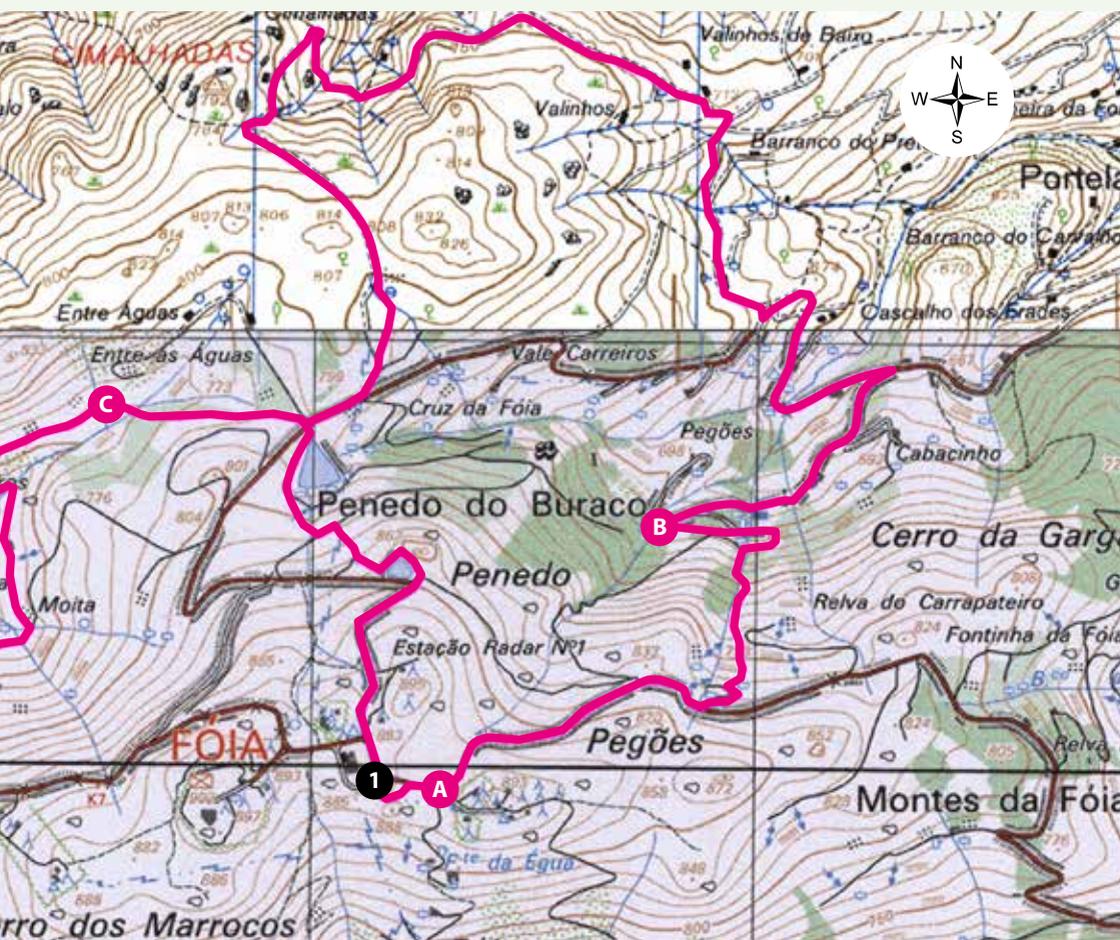
Esta constitui uma das cabeceiras da Ribeira da Cerca que corre para oeste, até desaguar na praia da Amoreira (Aljezur). A parede rochosa da cascata é escura (rocha corneana) e a envolvente torna-se mais verdejante com a proximidade da água.

**D** – Um caminho florestal sobe em direção à Cascata do Barbelote, a mais imponente do percurso. A torrente de água precipita-se de uma parede alta de blocos rochosos muito fraturados, enquadrada por vegetação luxuriante. A encosta envolvente encontra-se revestida por sobreiros e medronheiros frondosos.

**E** – Esta vasta área de socalcos antigos constitui local de pastoreio para cabras e vacas, embora também se encontrem pequenas hortas e árvores de fruto. Olhando para poente, o horizonte aberto desvela a sucessão de cerros altos e vales profundos de Monchique, onde, nos barrancos mais húmidos, subsistem carvalhos raros no Sul, como o carvalho-cerquinho, a carvalhiça, e o *ex-libris* da zona, o carvalho-de-Monchique.



# Trilho das Cascatas



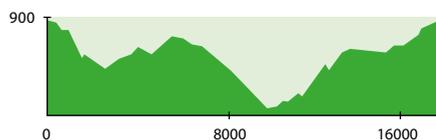
## 1 Início do percurso

37° 18' 56.05" N 8° 35' 31.17" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Trilho da Fóia



Início do trilho na Fóia, com vistas até à linha da costa em dias sem nebulosidade

**Freguesia:** Monchique

**Concelho:** Monchique

**Localização:** Fóia

**Acessos:** partindo de Faro: seguir pela EN125 ou pela A22 (Via do Infante) até perto de Portimão (Porto de Lagos), seguindo depois as indicações para a EN266 até Monchique e ao miradouro da Fóia.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 6,9 km

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 355 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e estrada.

**Quando visitar:** todo o ano,

preferencialmente na primavera (época de floração) e evitando dias muito ventosos e/ou chuvosos.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso encontra-se inserido em Rede Natura 2000, Sítio Monchique e integrado na Via Algarviana.

**Pontos de interesse:** Miradouro da Fóia, paisagem serrana, condições climatéricas particulares no contexto da região algarvia, flora e vegetação.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Monchique.

**Observações:** o percurso está inserido em zona de caça.



Caminhantes na vertente sul da serra



Pilriteiro em flor

O percurso desenvolve-se a partir da Fóia, o ponto mais alto do Algarve, a 902 m de altitude, atravessando ambientes característicos da Serra de Monchique. Neste maciço ígneo de sienito, cruzam-se influências mediterrânicas e atlânticas, resultando num ambiente ameno e hiper-húmido, favorável à ocorrência de plantas raras e exclusivas.

**A** – Na Fóia, o horizonte abre-se em todas as direções, sendo possível avistar a costa vicentina, as serranias para norte e a sucessão de cerros e vales que desce até à costa sul. A vista estende-se pelo litoral até ao estuário do Arade, a nascente, e à Ponta da Piedade, a poente. Neste ambiente pedregoso e de pequenos arbustos podem ser facilmente observados alguns pequenos passeriformes como o papa-amoras, o pintaroxo ou a cia.

**B** – O caminho desce abruptamente por um trilho de terra, entre matagais altos e socalcos onde se plantam cerejeiras, macieiras e castanheiros e se pastoreiam cabras e vacas. A vegetação espontânea

consiste em urzais altos, rosmaninhais, tojais e estevais, envoltos em silvados e fetos.

**C** – Uma mata densa de pinheiro-bravo e eucalipto dá lugar a uma paisagem aberta, seguindo agora o caminho a meia-encosta e cruzando pequenas linhas de água. Neste local apreciam-se sobreiros e castanheiros de porte monumental e a restante vegetação exuberante, onde sobressaem os pilriteiros e as vistosas campainhas e adelfeiras. A adelfeira, uma relíquia das florestas de Laurissilva, é um endemismo ibérico que cresce apenas em Monchique, na Serra do Caramulo e no Maciço do Aljibe (Andaluzia, Espanha). Também a águia-de-Bonelli e o lagarto-de-água são espécies ameaçadas que têm aqui um dos seus refúgios em Portugal.

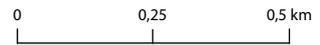
**D** – De volta à Fóia, já na vertente norte, avista-se o caos de blocos de sienito e o porte amoitado da vegetação denuncia a altitude. Observam-se facilmente, entre as urzes, as plantas exclusivas deste ambiente, sobretudo na primavera: o tojo-molar, a rosa-albardeira, a adelfeira e a arenária.

# Trilho da Fóia

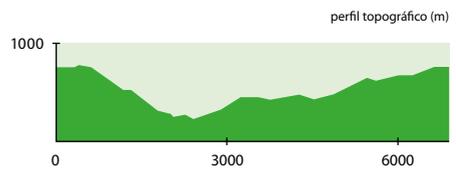


1 Início do percurso

37° 18' 56.05" N 8° 35' 31.17" W



 Percurso



## Trilho dos Moinhos



Percurso no interior de plantação de eucalipto. A humidade do solo sustenta uma cama de fetos no subcoberto

**Freguesia:** Monchique

**Concelho:** Monchique

**Localização:** Monchique

**Acessos:** partindo de Faro: seguir pela EN125 ou pela A22 (Via do Infante) até perto de Portimão (Porto de Lagos), seguindo depois as indicações para a EN266 até Monchique.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 9,4 km

**Duração média:** 3 h

**Subida acumulada:** 485 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e estrada.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso encontra-se inserido em Rede Natura 2000, Sítio Monchique e integrado na Via Algarviana.

**Pontos de interesse:** povoações e paisagens serranas, árvores classificadas, Barranco dos Pisões e Moinho do Poucochinho.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Monchique.

**Observações:** o percurso atravessa matas de produção de madeira.



Ribeira no Barranco dos Pisões, a montante do Moinho do Poucochinho



Passagem por zona de castanheiros, com as vistosas campainhas a ladearem o caminho

A caminhada percorre a vila serrana de Monchique e a paisagem envolvente a norte, dando a conhecer árvores classificadas, os carvalhais típicos da serra e o Barranco dos Pisões. Todo o percurso é particularmente interessante para observar a fauna associada a zonas arborizadas e a avifauna em particular, com destaque para espécies como o pica-pau-verde, a carriça, a trepadeira-comum, o gaio, ou o chapim-azul, entre muitas outras.

**A** – À saída de Monchique encontra-se o maior exemplar de araucária-de-Norfolk existente na vila, uma árvore classificada com 150 anos e 44 metros característicos de altura. As encostas envolventes cobrem-se de bosques de carvalhos que alternam com hortas e pomares onde se contemplam macieiras e imponentes cerejeiras e castanheiros.

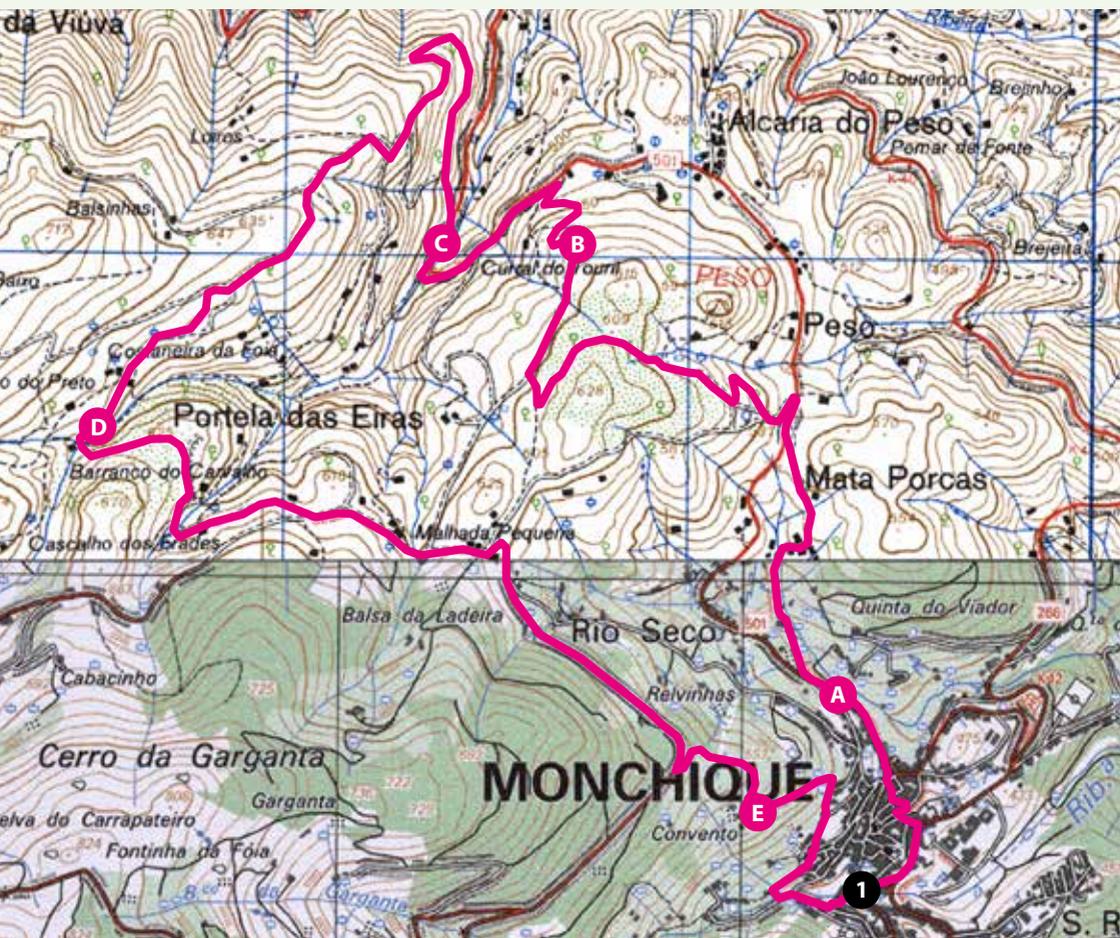
**B** – Após a travessia de uma mata de eucalipto, os bosques de sobro e medronho adensam-se, acompanhados por urzais e feteiras, e o caminho desce até ao Barranco dos Pisões. Esta linha de água é o principal afluente da Ribeira de Seixe que nasce em Monchique, delimita parte da fronteira entre o Algarve e o Alentejo, e desagua em Odeceixe.

**C** – No barranco, o som da água corrente é presença constante e a vegetação torna-se luxuriante. A galeria ribeirinha é frondosa, formando uma cortina densa de amieiros, freixos e salgueiros. Um soberbo plátano guarda a entrada da área de lazer; esta árvore classificada tem 150 anos e 41 metros de altura. Encontra-se aqui o Moinho do Poucochinho; inicialmente construído para tratar lã utilizando o *pisão* (engenho com martelo de madeira que a água levanta e faz cair sobre o tecido), foi posteriormente convertido para moagem de cereais.

**D** – Percorrem-se manchas de eucaliptal, bosques de sobro e os típicos socialcos serranos, até que se alcança o Barranco do Carvalho. Aqui, entre amieiros, salgueiros e castanheiros, encontra-se um bosque classificado de azevinho, planta protegida e raríssima no sul do país.

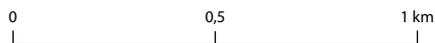
**E** – O Convento de Nossa Senhora do Desterro, fundado em 1631, ergue-se sobre Monchique, envolto num bosque sombrio de sobro. Os frades franciscanos que aqui viveram influenciaram o imaginário da população, sendo este monumento muito visitado apesar do mau estado de conservação. Neste local, a vista alonga-se sobre a vila e cerros envolventes.

# Trilho dos Moinhos



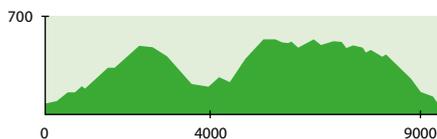
1 Início do percurso

37° 19' 04.65" N 8° 33' 23.67" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Percurso do Lagoão



Ribeira de Odelouca com as margens cobertas por densa vegetação ripícola

**Freguesia:** São Marcos da Serra

**Concelho:** Silves

**Localização:** São Marcos da Serra

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a N125 (ou a A22 – Via do Infante) até Albufeira e o IC1 até São Marcos da Serra; nessa povoação segue-se em direção ao campo de futebol.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percurso Circular:** sim

**Distância:** 8 km

**Duração média:** 2h30

**Subida acumulada:** 182 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso encontra-se inserido em Rede Natura 2000, Sítio Monchique.

**Pontos de interesse:** Ribeira de Odelouca, paisagem rural serrana, vegetação ribeirinha e fauna.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Silves.

**Observações:** o percurso está inserido em zona de caça; na época das chuvas poderá não ser possível atravessar a Ribeira de Odelouca a vau.



Campo inculto florido durante a primavera



Igreja Matriz de São Marcos da Serra

A caminhada acompanha o curso da Ribeira de Odelouca em torno da povoação de São Marcos da Serra, percorrendo um mosaico de hortas, pomares e vegetação ribeirinha.

**A** – Neste local, os campos agricultados e os montados de sobreiro e medronheiro encontram-se flanqueados pelos bosques densos de sobreiro e medronheiro que se desenvolvem a meia-encosta. É, porém, a cortina ripícola frondosa da ribeira que marca a paisagem.

**B** – O percurso segue por caminhos rurais; os terrenos férteis deste vale encontram-se bem aproveitados pelas gentes de São Marcos da Serra. A povoação fez-se rodear por hortas, árvores de fruto, olival e pomares de citrinos. A presença de espécies espontâneas como o pilriteiro, a aroeira, ou a pereira-brava, é uma constante.

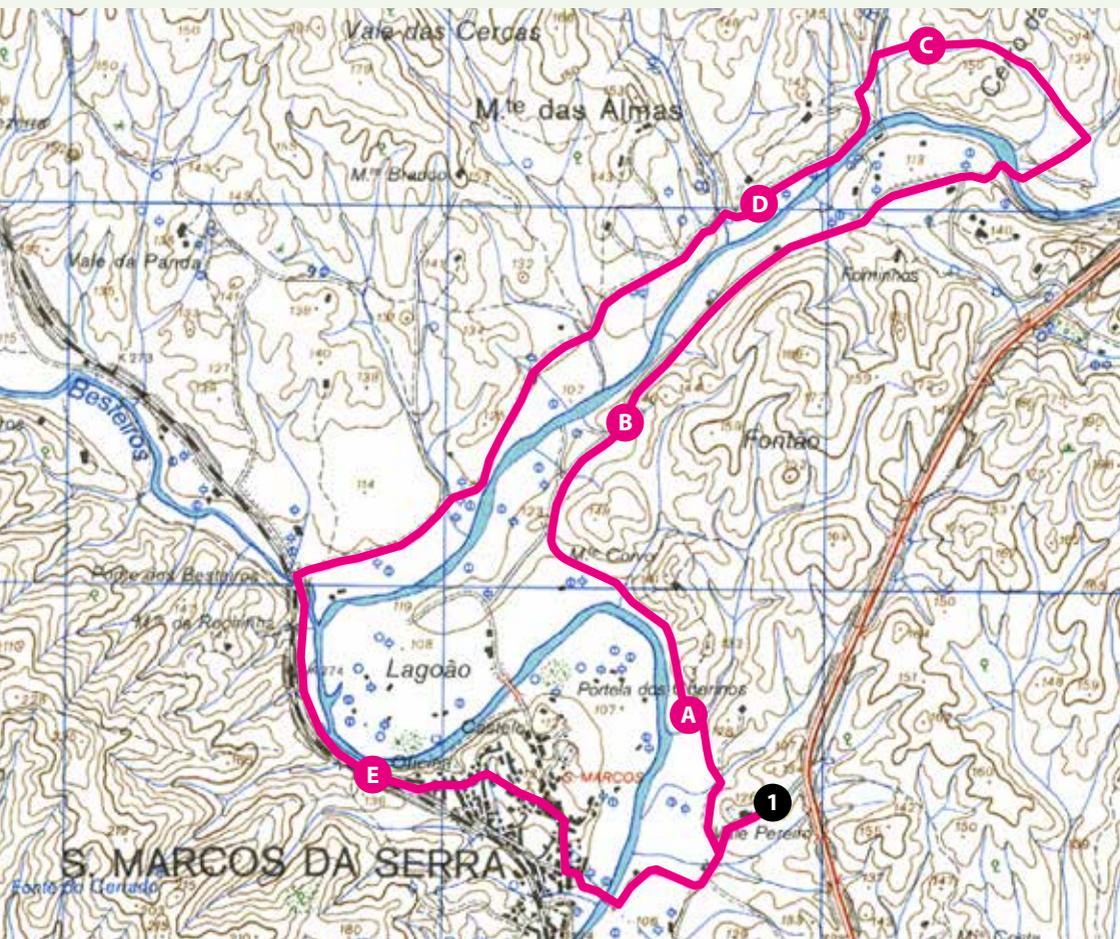
**C** – No extremo norte do percurso, e apesar de se espreitarem algumas charcas, a paisagem torna-se mais árida. Dominam campos de forragem, pequenas manchas de pinhal, terrenos incultos, e extensos

olivais com searas por subcoberto, sobretudo centeio.

**D** – Voltando à proximidade com a ribeira, encontram-se espécies típicas da vegetação ripícola do Algarve como o freixo, a tamargueira, salgueiros e choupos, a roseira-brava, vides bravas e silvados. Também os sobreiros se tornam exuberantes na vizinhança da linha de água. Rola, papa-figos, guarda-rios, pega-azul, coelho-bravo, rã-verde e rela, são algumas das muitas espécies que se podem observar, dada a diversificação de ocupações do solo.

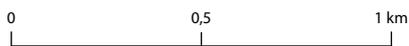
**E** - No Lagoão, já às portas de São Marcos, a várzea alarga-se, formando uma extensa zona inundável, composta por um mosaico de hortas e pomares. Com vista sobre a ribeira, encontra-se o parque de merendas da Fonte Nova do Serrado. Atravessando São Marcos da Serra, é possível visitar a Igreja Matriz, sobranceira ao povoado. Ainda no largo da igreja, a noroeste, encontra-se uma emblemática chaminé algarvia do séc. XVII, *ex-libris* desta freguesia.

# Percurso do Lagoão

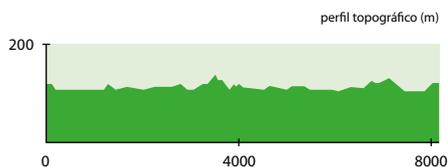


## 1 Início do percurso

37° 21' 43.47" N 8° 22' 13.62" W



 Percurso



# Circuito Arqueológico da Vilarinha – Vale Fuzeiros



Vista do vale, a sul, onde se desenvolve parte do percurso

**Freguesia:** São Bartolomeu de Messines

**Concelho:** Silves

**Localização:** Vale Fuzeiros

**Acessos:** partindo de Faro: tomar a N125 (ou a A22 – Via do Infante) até Albufeira e o IC1 até São Bartolomeu de Messines, seguindo depois pela EN124 em direção à povoação da Amorosa. Ao km 2, surge um cruzamento que dá acesso ao sítio Vale Fuzeiros.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 6 km

**Duração média:** 2h30

**Subida acumulada:** 245 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Pontos de interesse:** património arqueológico bem conservado, afloramento da formação *Grés de Silves*, matagal mediterrânico e fauna associada.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Silves.

**Observações:** o percurso atravessa uma mata de produção de madeira.



Sepulcro de adulto na necrópole da Pedreirinha



Um dos quatro menires do alinhamento da Vilarinha

O percurso organiza-se em torno de um conjunto de monumentos de diferentes épocas, transportando o visitante numa viagem no tempo, da Pré-História à Idade Média.

**A** – Vale Fuzeiros situa-se entre o barrocal e a serra, em pleno afloramento de arenitos vermelhos do Triássico - a formação *Grés de Silves*. A povoação faz-se rodear por hortas, pomares de citrinos e pomares de sequeiro com amendoeiras e oliveiras.

**B** – Ao longo da subida ao cerro da Pedreirinha, observa-se uma curiosa série de camadas sedimentares que variam entre o branco e o vermelho (local único de observação da sequência triásica completa da Bacia do Algarve). As encostas revestem-se de matagal mediterrânico: o zimbral faz-se acompanhar por estevais, tojais e, nas clareiras, por tomilhos e rosmaninho.

**C** – Já na cumeeira, blocos de arenito vermelho emergem entre a vegetação densa de zimbro e carrasco. Nestas rochas macias foram escavadas sepulturas datadas da Alta Idade Média; trata-se da Necrópole da Pedreirinha, composta por três sepulcros

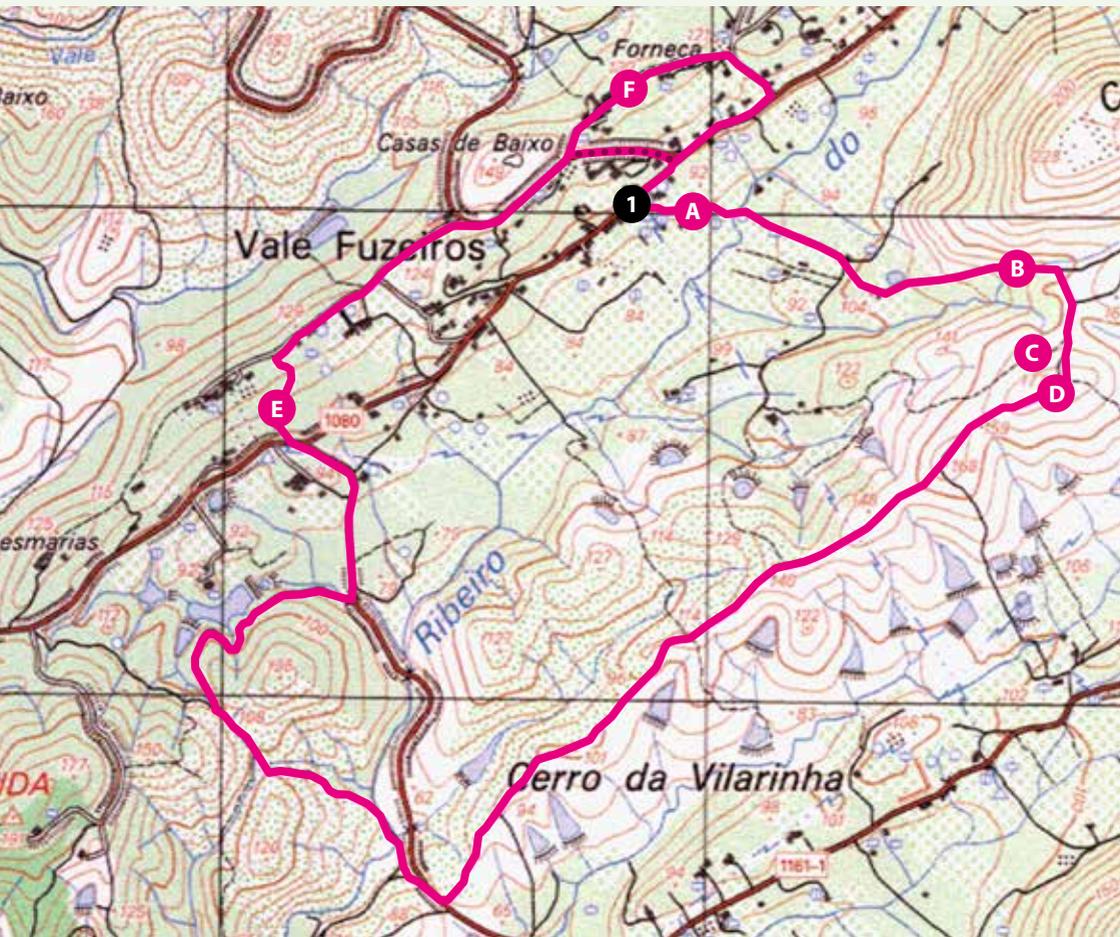
de adulto e um de criança.

**D** – Caminhando ao longo da linha de cumeeira, encontra-se o Alinhamento da Vilarinha, constituído por quatro menires talhados há cerca de 6000 a 4500 anos A.C. em arenito vermelho. O alinhamento faz-se no sentido nordeste-sudeste e é ocorrência única no contexto megalítico do barlavento. Os solos férteis destes vales e as serranias a norte (com abundância de caça e de madeira), terão favorecido o estabelecimento de povoados desde a Pré-História.

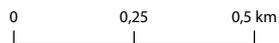
**E** – A Necrópole da Carrasqueira (Alta Idade Média) é formada por cinco sepulturas escavadas em afloramentos rochosos distintos, um de arenito, com duas sepulturas geminadas, e outro de grés, com três sepulturas individuais.

**F** – Atravessando um pequeno aglomerado de casas, alcança-se a Necrópole da Forneca, da mesma época. A inumação seria em fossa simples, encerrada depois por laje única, sugerindo associação destas necrópoles ao período Visigótico.

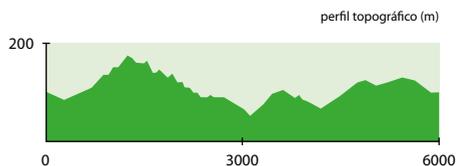
# Circuito Arqueológico da Vilarinha – Vale Fuzeiros



1 Início do percurso  
37° 15' 07.26" N 8° 20' 52.17" W



 Percurso



# Percurso Pedestre Ameixial



Espaço de lazer da Fonte da Seiceira

**Freguesia:** Ameixial

**Concelho:** Loulé

**Localização:** Ameixial

**Acessos:** a partir de Faro, tomar a EN2 em direção a São Brás, seguindo depois até ao Ameixial.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percurso Circular:** sim

**Distância:** 4,5 km

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 192 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido numa região de concentração de epígrafes com a Escrita do Sudoeste (a mais antiga grafia da Península Ibérica).

**Pontos de interesse:** Aldeia do Ameixial, paisagem rural e florestal serrana, Fonte da Seiceira.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Loulé.



Azinheiras entre rosmaninhal florido



Paisagem com azinhal

O percurso desenvolve-se em torno desta aldeia serrana que se assume como o centro algarvio de divulgação da Escrita do Sudoeste, sendo também palco de um já emblemático festival anual de caminhada.

**A** – A poente do centro do Ameixial, alcançam-se amplas vistas sobre os cerros do Caldeirão e sobre o mosaico de parcelas rurais e florestais típico da região. A agricultura de subsistência ocupa grande parte da população, como atividade principal ou em complemento à criação de gado, à apicultura ou à extração de cortiça.

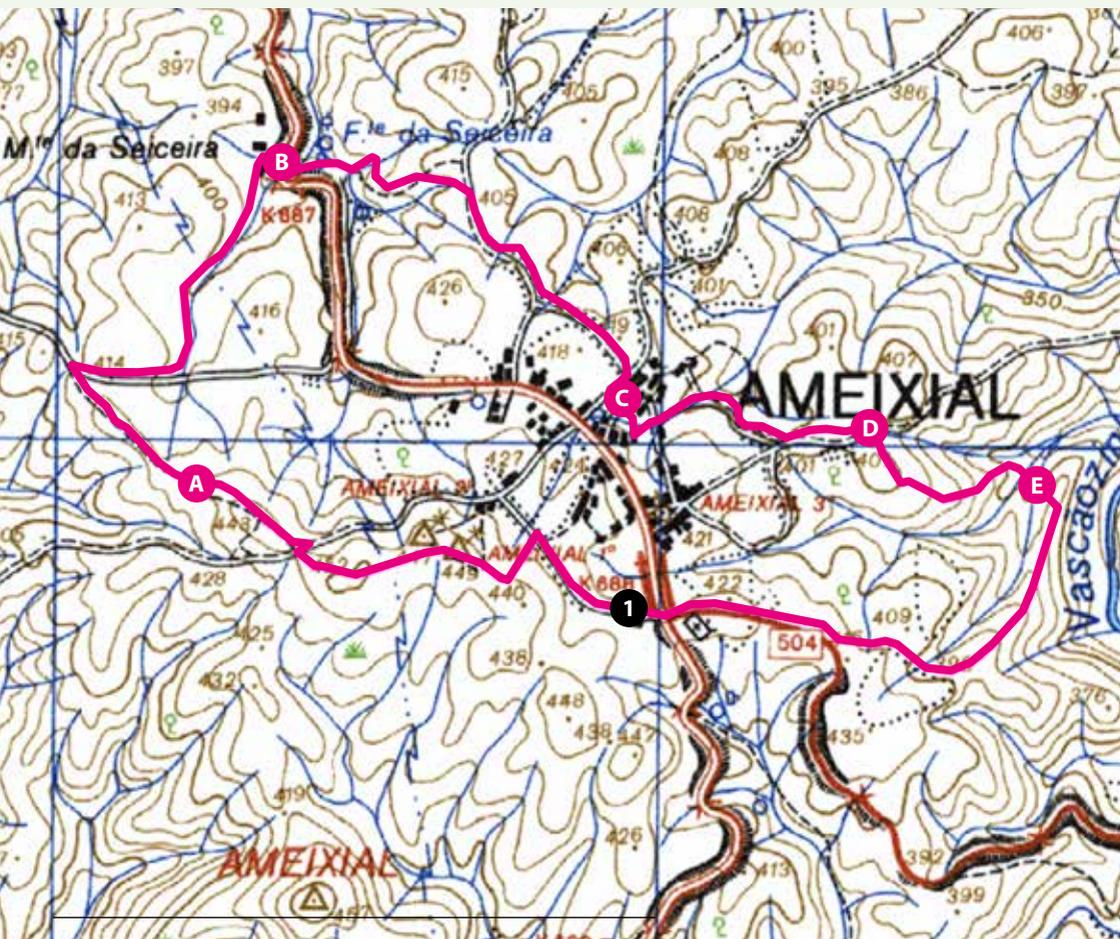
**B** – Na Fonte da Seiceira, local oficial de festas e bailes, encontra-se um espaço de lazer com parque de merendas, um espelho de água e áreas de relvado e de sombra. Diz-se da água da fonte que é rica em ferro e tem propriedades medicinais. De volta ao Ameixial, dominam as pequenas hortas e as estruturas de apoio à rega: poços, picotas, noras e fontes.

**C** – Grande parte do casario do Ameixial e a Igreja Matriz exibem traços arquitetónicos tradicionais, fazendo-se uso de blocos e lajes de xisto, visíveis nos cunhais das paredes e no duplo beirado. Atravessando o centro da aldeia, passa-se pelo antigo forno de lenha comunitário e percorre-se a frondosa Azinhaga do Ribeiro. As instalações artísticas alusivas à Escrita do Sudoeste são uma presença constante.

**D** – Neste local, existe a possibilidade de seguir a estrada de terra para nascente durante cerca de 2 km e visitar a Anta da Pedra do Alagar, um monumento megalítico funerário com cerca de 4000 anos.

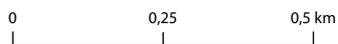
**E** – Descendo um trilho de pé posto na direção da Ribeira do Vascãozinho, atravessa-se uma mancha florestal de eucalipto. Mas, nos cerros circundantes, são os bosques de sobro e azinho que dominam a paisagem, acompanhados pelos típicos medronhais, estevais e rosmaninhais.

# Percurso Pedestre Ameixial

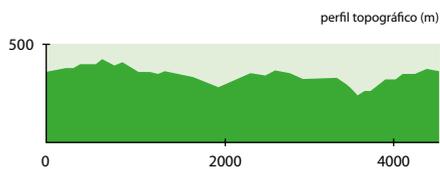


## 1 Início do percurso

37° 21' 42.21" N 7° 57' 44.54" W



 Percurso



# Percurso Pedestre Revezes



Início do percurso, junto do fontanário de Revezes, com instalação artística relativa à Escrita do Sudoeste

**Freguesia:** Ameixial

**Concelho:** Loulé

**Localização:** Revezes

**Acessos:** a partir de Faro, tomar a EN2 em direção a São Brás, seguindo depois até ao Ameixial. Nessa povoação, seguir as indicações para Revezes.

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percurso Circular:** sim

**Distância:** 13 km

**Duração média:** 4h a 5h

**Subida acumulada:** 468 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** percurso inserido parcialmente em Rede Natura Natura 2000 (Sítio Guadiana) e numa região de concentração de epígrafes com a Escrita do Sudoeste (a mais antiga grafia da Península Ibérica).

**Pontos de interesse:** Ribeira do Vascão, habitats ribeirinhos bem conservados, avifauna, construções (currais, palheiros e casas) em xisto.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de Loulé.

**Observações:** percurso muito interessante na primavera, época de floração dos estevais e rosmaninhais, sendo, porém, necessária cautela ao passar por colmeias. No final do verão, as ribeiras podem apresentar-se secas, apenas com pegos ocasionais.



Cegonha-branca



Ribeira do Vascãozinho

O percurso desenvolve-se por caminhos próximos das ribeiras do Vascãozinho e do Vascão, percorrendo paisagens serranas e dando a conhecer o modo de vida na serra do Caldeirão.

**A** – Revezes é uma pequena povoação serrana, sobranceira ao Vascãozinho, praticamente na fronteira com o Alentejo. No centro, junto ao fontanário, encontra-se uma instalação artística alusiva à *Escrita do Sudoeste*.

**B** – O sobro e o azinho dominam a paisagem, com os característicos estevais e rosmaninhais, ou então cereais como o centeio, sob as suas copas.

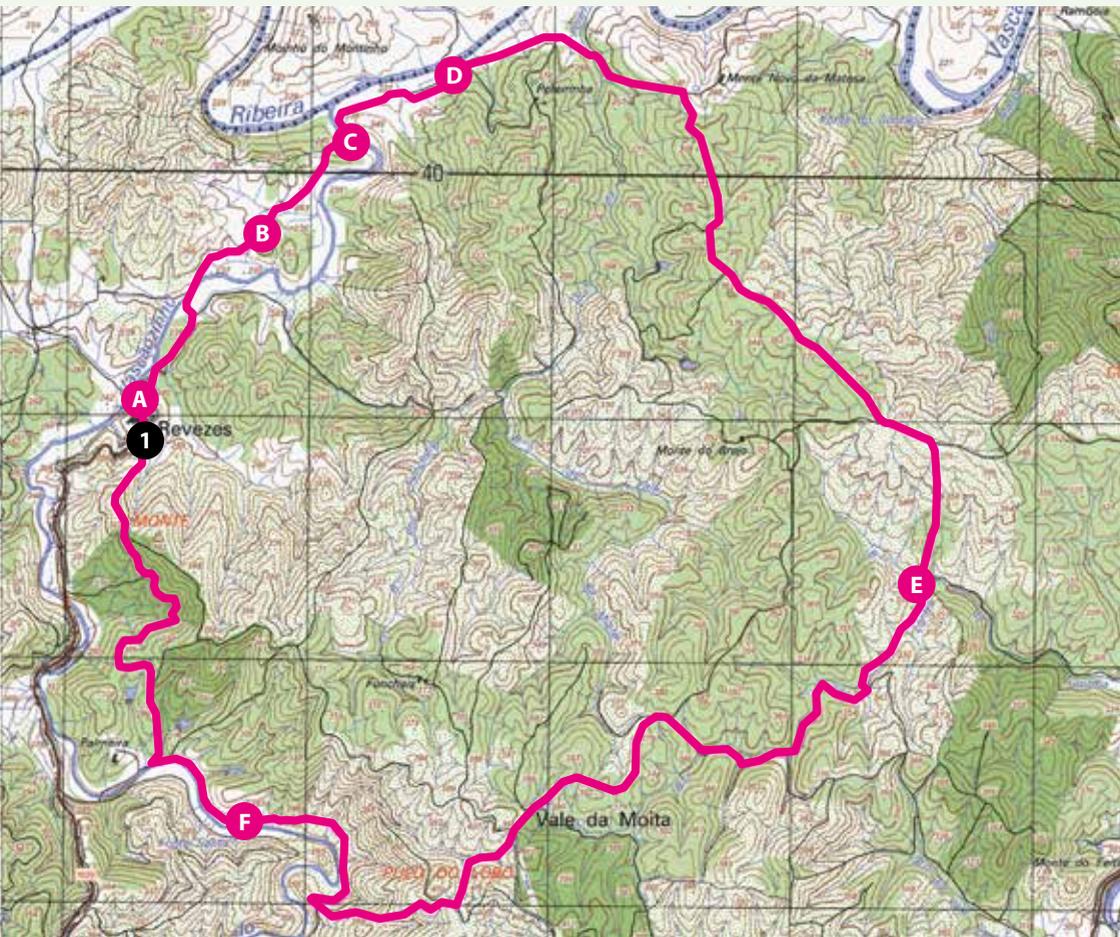
**C** – O Vascãozinho é uma ribeira de regime torrencial, podendo observar-se aqui a típica vegetação ribeirinha destes cursos de água, como o ranúnculo-aquático, o tamujo ou o loendro.

**D** – Nas margens do Vascão (a ribeira mais extensa do Algarve, com cerca de 100 km, e que delimita esta região do Alentejo) encontram-se sinais da presença de lontra, um mamífero indicador da boa qualidade ambiental e da abundância das suas presas habituais, como peixes, lagostins ou anfíbios.

**E** – No Barranco da Lontra, cujo nome indicia a presença regular deste mamífero, a galeria ribeirinha é exuberante, exibindo um bosque cerrado de salgueiros, freixos, choupos e pilriteiros, acompanhados pelo sobreiro e pelo medronheiro, e envoltos em silvados e lianas.

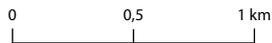
**F** – As pequenas hortas na várzea do Vascãozinho são interessantes para a observação de passeriformes, podendo ainda observar-se vários ninhos de cegonha-branca. O sobro volta a dominar nas encostas, bem como os matos de rosmaninho-comum e de rosmaninho-verde.

# Percurso Pedestre Revezes

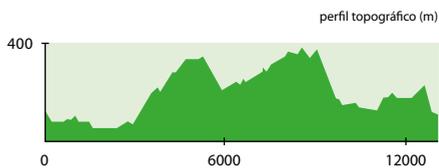


## 1 Início do percurso

37° 23' 33.96" N 7° 56' 44.76" W



 Percurso



## Trilho da Ribeira de Alportel



Caminho rural por entre sobreiros descortiçados

**Freguesia:** São Brás de Alportel

**Concelho:** São Brás de Alportel

**Localização:** Alportel

**Acessos:** a partir de Faro, tomar a EN2 em direção a S. Brás de Alportel, seguindo depois até Alportel (largo da Igreja).

**Tipo:** pedestre e ciclável.

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 12,3 km

**Duração média:** 4h a 5h

**Subida acumulada:** 378 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra, veredas, e caminhos asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** parcialmente

**Particularidades:** O percurso insere-se parcialmente no Sítio da Rede Natura 2000 Caldeirão e integra o conjunto de trilhos do Vale do Alportel “Passeio no vale... por caminhos de almocreves!”, dando acesso a dois percursos alternativos, o Trilho da Alcaria e o Trilho da Várzea da Cova, perfazendo um total de 28,3 km. Estes trilhos percorrem os antigos caminhos dos almocreves, pessoas que levavam mercadorias de terra em terra, com o auxílio de burros e mulas.

**Pontos de interesse:** Ribeira do Alportel, habitats ribeirinhos bem conservados, avifauna. Paisagem rural, património hidráulico e miradouros.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de São Brás de Alportel.



Ribeira de Alportel



Lavadouro público e poço com bomba manual de roda de êmbolo, no sítio do Farrobo

O percurso desenvolve-se a partir de Alportel, percorrendo paisagens rurais onde se conservam tradições antigas, numa zona de transição entre o barrocal e a serra.

**A** – O caminho inicia no pequeno arco sob a estrada N2, alcançando-se, após escassos metros, uma vereda com muros de pedra seca (para divisão da propriedade rural) ladeada por sobreiros frondosos.

**B** – Após a subida até ao Cerro do Alportel, o caminho segue por montados de sobre onde se observa o método de extração da cortiça.

**C** – No Farrobo, as casas térreas, o lavadouro público e o poço com bomba manual de roda de êmbolo, formam um conjunto arquitetónico interessante.

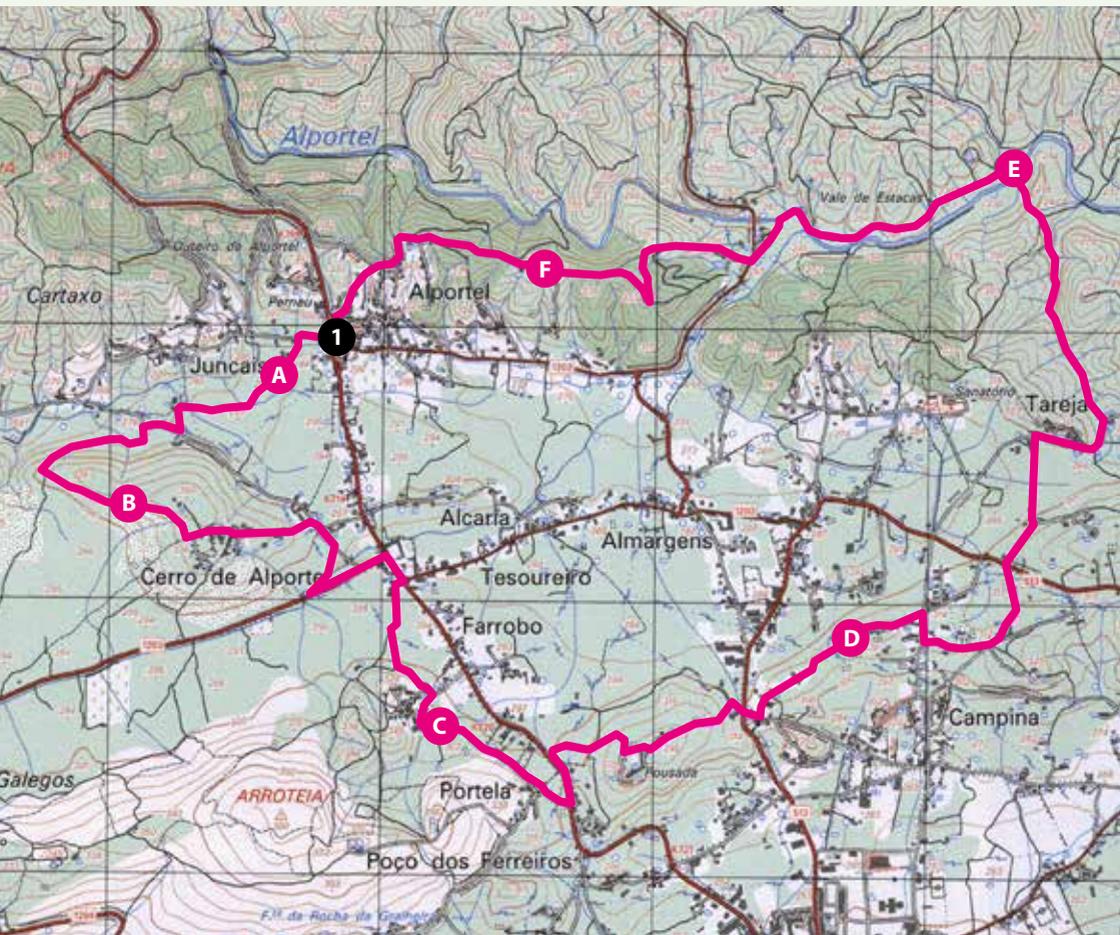
**D** – O Miradouro das Castanhas oferece uma vista panorâmica para as serranias a norte e para as encostas envolventes a São Brás de Alportel, a sul, com os típicos pomares de sequeiro algarvios, observando-se aqui sobretudo alfarrobeiras e oliveiras.

**E** – Na Fonte da Tareja, o percurso segue por um troço com cerca de 2 km coincidente com a *Estação de Biodiversidade da*

*Ribeira de Alportel*. Neste corredor ripícola particularmente exuberante, as cortinas arbóreas de freixos, choupos e salgueiros alternam com os loendrais, juncais, bunhais e silvados típicos destas linhas de água. A ribeira apresenta também uma notável diversidade faunística tendo já sido registadas dezenas de espécies de borboletas e libélulas, como a rara libélula-esmeralda. Aves como o guarda-rios, ou, nos répteis, o cágado-comum e a cobra-de-água-viperina, são alguns dos muitos vertebrados que por aqui vivem. Na várzea observam-se alfarrobeiras monumentais. As encostas umbrias, naturalmente viradas a norte, encontram-se revestidas por sobreiral frondoso, contrastando com os estevais e esparsos pinheiros das encostas soalheiras.

**F** – Passando o moinho de água e de volta a Alportel, o percurso segue por uma linha de cumeada, de onde se observam as serranias do Caldeirão a norte, sobreiros de grande porte nos locais úmbrios e as ruínas de um moinho de vento.

# Trilho da Ribeira de Alportel



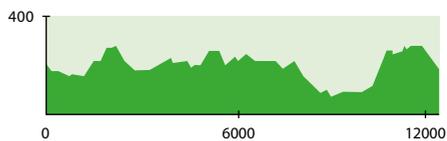
## 1 Início do percurso

37° 10' 33.50" N 7° 54' 33.08" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Passeio Ornitológico *O Ninho*



Engenhos hidráulicos junto do ponto A - Melro-azul

**Freguesia:** São Brás de Alportel

**Concelho:** São Brás de Alportel

**Localização:** Javali

**Acessos:** a partir de Faro, tomar a EN2 na direção de S. Brás de Alportel e seguir até Alportel; nesta povoação, seguir as indicações para Javali e Parisés. O percurso inicia junto da placa indicadora da povoação de Javali.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 2,5 km

**Duração média:** 1 h

**Subida acumulada:** 113 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos rurais e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** trata-se de um percurso temático - ornitológico, organizado em torno de seis pontos associados a aves comuns no território. Os painéis informativos dão nota do habitat e hábitos de nidificação das aves.

**Pontos de interesse:** aves, barranco e vegetação ribeirinha, património hidráulico, paisagem rural serrana.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de São Brás de Alportel.



Panel informativo



Sobreiral na povoação de Javali

O percurso desenvolve-se nas proximidades da povoação de Javali, dando a conhecer a paisagem rural serrana e os habitats de algumas aves comuns neste território.

**A – Melro-azul**

Para alcançar o ponto informativo dedicado a esta ave, passa-se por casario típico de pedra seca com as suas hortas e pomares e por um poço com bomba manual de roda de êmbolo. O melro-azul tem preferência por ambientes rochosos, zonas habitadas ou em ruína e vales escarpados de ribeiras.

**B – Águia-perdigueira**

A vista panorâmica neste ponto permite apreciar a paisagem serrana. Esta ave de rapina, também conhecida por águia-de-Bonelli, habita preferencialmente serranias e locais elevados, podendo nidificar no topo de árvores altas. A envolvente encontra-se povoada pelos típicos bosques de sobreiro e medronheiro da serra algarvia, que se fazem acompanhar por aromáticos rosmaninhais e estevais.

**C – Pica-pau-malhado**

Neste pequeno barranco, os bosques de sobreiro, medronho e pinheiro adensam-se e fazem-se envolver por silvados. O pica-pau

aprecia zonas florestais bem desenvolvidas, sobretudo sobreirais e pinhais.

**D – Papa-figos**

Neste ponto é possível observar as serranias envolventes e o mosaico de áreas florestais bem desenvolvidas (sobretudo sobreiro e pinheiro), pomares e pequenas hortas, zonas de eleição para o papa-figos que depende dos frutos de diversas árvores para se alimentar.

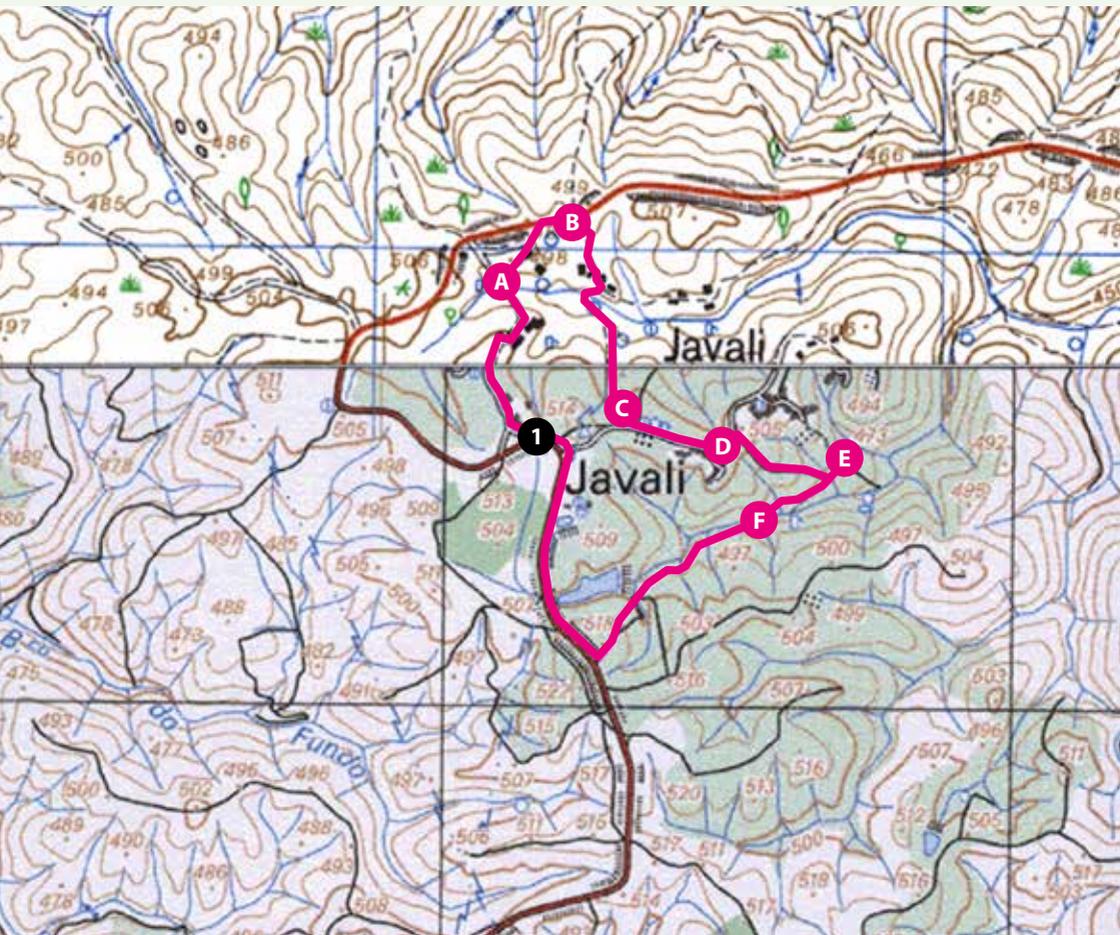
**E – Perdiz**

A perdiz, ave tipicamente associada a terrenos agrícolas e zonas de matos e matagais, tem o seu ponto informativo junto a uma propriedade agrícola com envolvente de matagal.

**F – Pintassilgo**

Neste barranco fresco, a vegetação torna-se frondosa e ao bosque de sobreiro e medronho junta-se uma cortina ribeirinha de salgueiros, freixos, lianas e silvados. Na pequena várzea da ribeira vêem-se vestígios de antigas hortas. O ponto informativo desta ave, comum em terrenos agrícolas, sebes e vegetação ribeirinha, fica junto a uma antiga fonte, a Fonte Ti Viegas.

# Passeio Ornitológico O Ninho



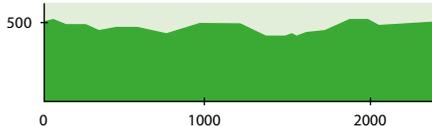
## 1 Início do percurso

37° 14' 04.58" N 7° 53' 36.25" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



# Barranco das Lajes



Vista para norte, sobre o barranco

**Freguesia:** São Brás de Alportel

**Concelho:** São Brás de Alportel

**Localização:** Cabanas / Lajes

**Acessos:** a partir de Faro, tomar a EN2 em direção a S. Brás de Alportel / Alportel. Nesta povoação, seguir para Javali, passando depois por Parizes e por Cabeça do Velho até chegar à povoação de Cabanas, onde inicia o percurso.

**Tipo:** pedestre e ciclável

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 5,4 km

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 240 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso localiza-se em zona adjacente ao Sítio da Rede Natura 2000 Caldeirão.

**Pontos de interesse:** Vale do Barranco das Lajes, Poço do Ribeirinho, vegetação ribeirinha, avifauna, paisagem.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de São Brás de Alportel.

**Observações:** devido ao declive do terreno, é aconselhável fazer o percurso no sentido Cabanas-Lajes-Cerro da Ursa. O percurso insere-se em zona de caça.



Esteva

O percurso dá a conhecer povoações típicas do Caldeirão e o ambiente húmido e fresco dos barrancos serranos. O caminho desenvolve-se ao longo do Barranco das Lages, um vale de xistos e grauvaques esculpido pela força da água, sendo comuns grandes lajes de grauvaque.

**A** – Atravessadas as povoações de Cabanas e Lages, e descendo por caminhos rurais em direção ao vale, observam-se sobreirais frondosos e os matos que os acompanham, dominando os rosmaninhos e os sargaçais, sobretudo a esteva, o rosmaninho-verde e o estevão, típicos dos xistos serranos. Esta cobertura vegetal é muito interessante para uma série de aves, sobretudo passeriformes (e.g. papa-figos, trapadeira-azul, chapim-real).

**B** – No vale, diversas linhas de água cortam as formações de xisto-grauvaque. Nestes locais, salgueiros fazem-se acompanhar por um matagal serrado de silvados, fetos e tabúas, surgem espécies típicas das ribeiras algarvias como os loendros e plantas anuais vistosas como o alho-de-verão.

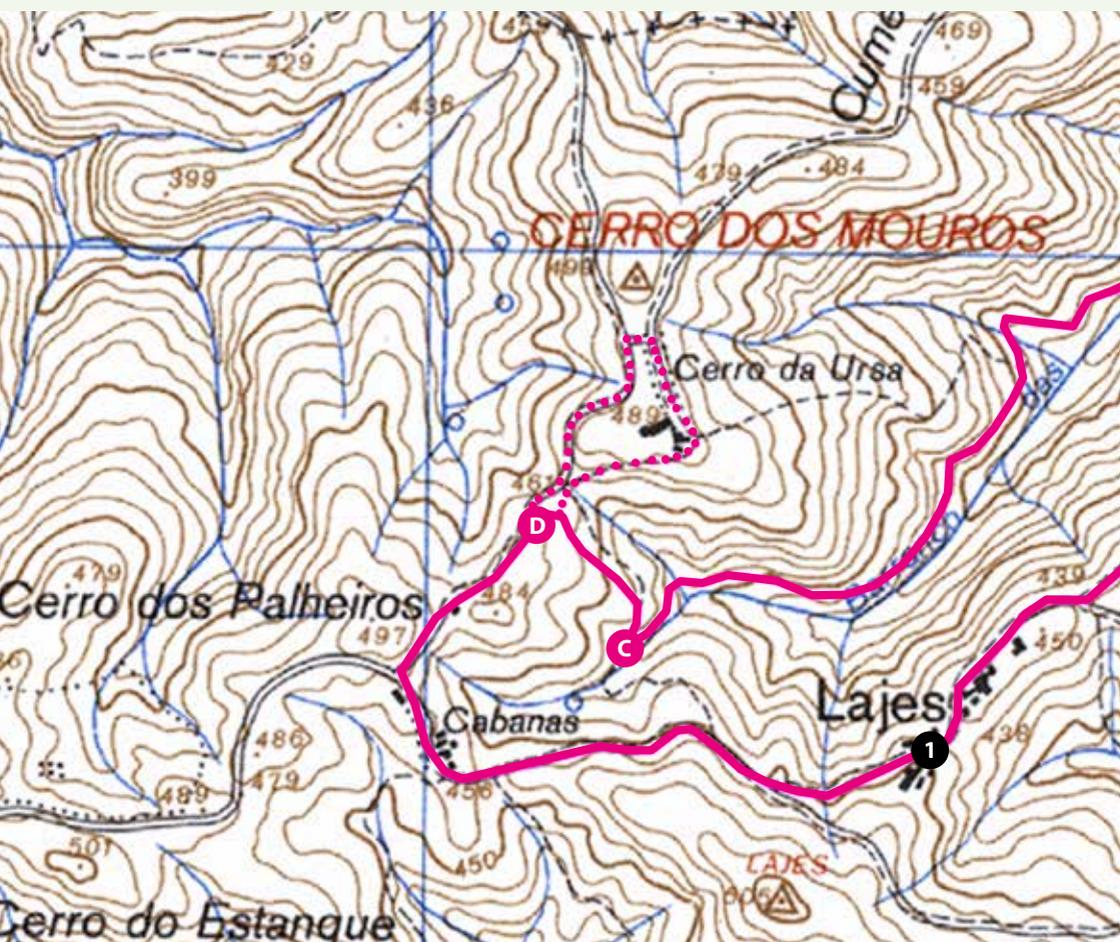
**C** – Nas zonas de várzea do principal curso de água, encontram-se pequenas hortas e o Poço do Ribeirinho, uma antiga fonte onde se levava o gado a beber, incluída no património hidráulico da região.

**D** – Deixando o vale para trás, o caminho para o Cerro da Ursa faz-se por caminhos rurais e por uma vereda com degraus de laje de grauvaque. O cerro é o ponto mais alto deste local, oferecendo uma vista panorâmica tanto para o barranco, como para as serranias envolventes.

**E** – A zona mais elevada do percurso, em Cabanas e ao longo da cumeada, até começar a descer para o vale, pode ser um bom local para observar algumas das aves mais interessantes da serra do Caldeirão como a águia-cobreira ou o corvo.



Lage de grauvaque

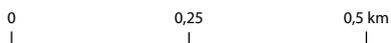


# Barranco das Lajes

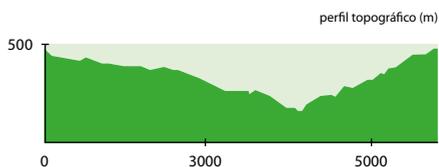


## 1 Início do percurso

37° 14' 58.29" N 7° 49' 04.48" W



 Percurso



## Percurso da Reserva



Encosta florestada com azinhal, sobreiral e pinhal-manso

**Freguesia:** Cachopo

**Concelho:** Tavira

**Localização:** Feiteira

**Acessos:** a partir de Faro, seguir pela EN2 em direção a São Brás de Alportel e Barranco do Velho; nesta última povoação seguir a direção de Cachopo, parando na Feiteira.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 5,9 km

**Duração média:** 2h

**Subida acumulada:** 285 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso desenvolve-se nas proximidades do Sítio da Rede Natura 2000 Caldeirão.

**Pontos de interesse:** povoação da Feiteira, paisagem serrana e flora e fauna associadas.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** In Loco -

Associação para o Desenvolvimento e Cidadania e Junta de Freguesia de cachopo

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa. O Centro da Descoberta de Feiteira está preparado para acolher caminhantes.



Eucalipto monumental no início do percurso



Medronheiro em flor

Esta caminhada percorre caminhos florestais pelos cerros a norte da povoação da Feiteira, dando a conhecer paisagens características da Serra do Caldeirão.

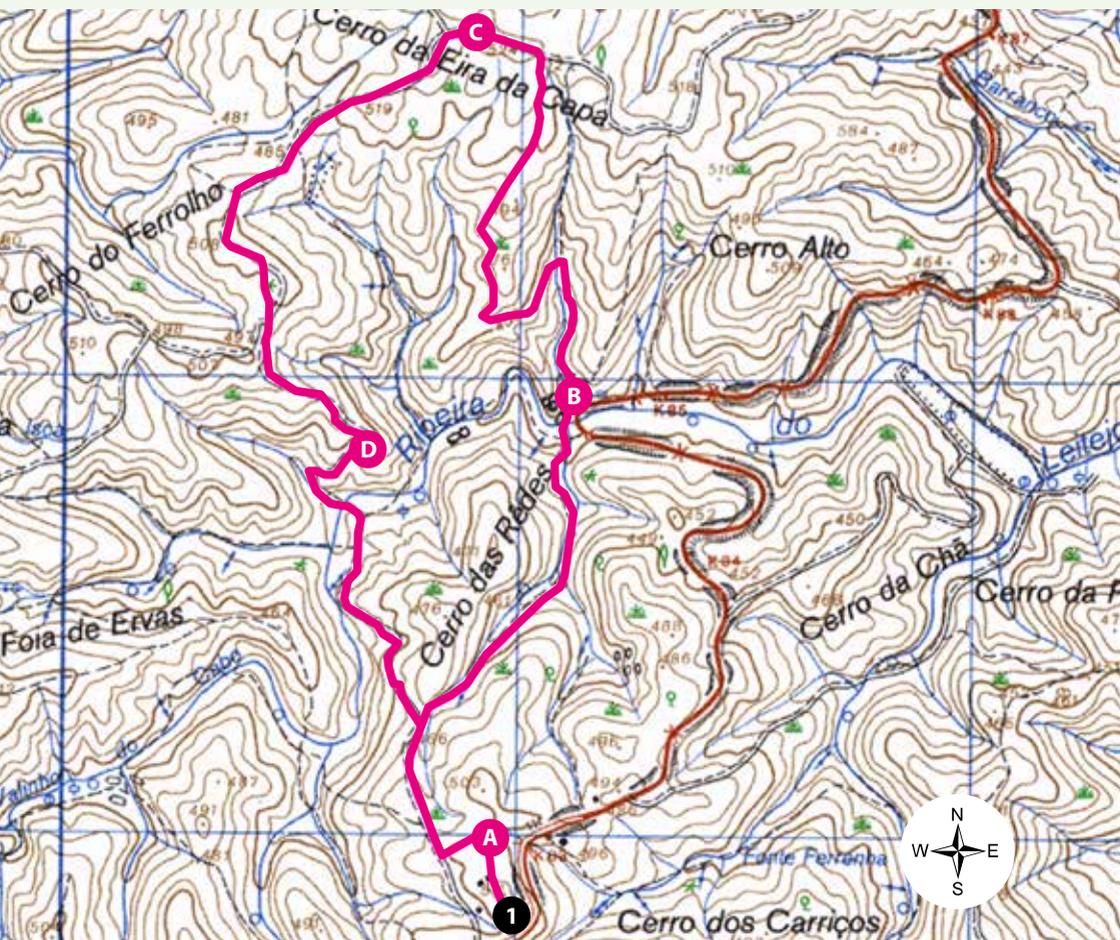
**A** – Perto do Centro de Descoberta da Feiteira, dois grandes sobreiros, quais “sentinelas”, assinalam a entrada no percurso, junto às ruínas de uma casa de xisto. Mais à frente, um eucalipto monumental parece cumprir a mesma função. Na envolvente avista-se o casario da Feiteira, as suas hortas de subsistência onde dominam videiras, e grandes medas de cortiça.

**B** – Na travessia da Ribeira do Leitejo é possível contemplar a vegetação nativa destes cursos de água de regime torrencial: cortinas de salgueiros e loendros, comunidades de juncos e bunhos, silvados e roseiras. Nas encostas circundantes, encontram-se bosques frondosos de sobreiro e medronheiro, alternando com manchas de pinhal.

**C** – A cumeada do Cerro da Eira da Capa oferece vistas panorâmicas sobre o território serrano, avistando-se para oeste o monte da Figueirinha e o seu moinho de vento. Aqui, entre pinheiros e eucaliptos, domina a típica vegetação do matagal mediterrânico: estevais, rosmaninhais, tojo-do-Sul e tojo-argênteo, alecrim e perpétuas. Por entre a vegetação é possível avistar animais como o coelho-bravo, a perdiz, diversos répteis (lagartixas, lagartos, serpentes) ou ainda sinais da presença de mamíferos como o javali ou a raposa. A avifauna é diversificada, podendo ocasionalmente observar alguma das espécies de águias registadas na serra algarvia.

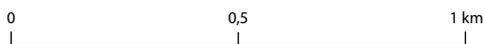
**D** – O caminho de volta até à Ribeira do Leitejo atravessa bosques densos de sobreiro e medronheiro, com urzais e estevão no sob coberto. Extensas áreas encontram-se ocupadas por plantações recentes de sobreiro. Atravessando a vau a ribeira que corre entre escarpas de xisto e grauvaque, encontram-se hortas e olival na várzea.

# Percurso da Reserva

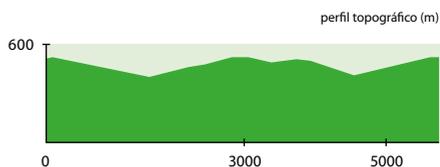


## 1 Início do percurso

37° 16' 49.66" N 7° 51' 43.45" W



 Percurso



## Percurso da Masmorra



Anta da Masmorra

**Freguesia:** Cachopo

**Concelho:** Tavira

**Localização:** Mealha

**Acessos:** a partir de Faro, tomar a EN2 na direção de S. Brás de Alportel e seguir depois até Cachopo. Nesta localidade seguir na direção de Martim Longo, até surgir a indicação para a Mealha.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percorso Circular:** Sim

**Distância:** 5,8 km

**Duração média:** 230 metros D+

**Subida acumulada:** 400 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Pontos de interesse:** Anta da Masmorra, palheiros da Mealha (povoação típica da serra algarvia), paisagem, vegetação mediterrânica e fauna associada.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** In Loco - Associação para o Desenvolvimento e Cidadania e Junta de Freguesia de Cachopo.

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa. O Centro da Descoberta de Mealha está preparado para acolher caminhantes.



Ribeirinha numa das travessias a vau



Palheiro na povoação de Mealha

Esta caminhada dá a conhecer a pequena aldeia de Mealha, inserida em plena paisagem rural da Serra do Caldeirão e o sítio arqueológico Anta da Masmorra.

**A** – Percorrendo a aldeia serrana são diversos os exemplos de arquitetura tradicional: casas em xisto ou acabadas com argamassas caiadas, eiras e fornos comunitários. Perto do largo da picota e dos lavadouros, uma azinhaga ladeada por muro de pedra seca segue em direção à Ribeirinha. Aqui encontram-se os típicos “palheiros”, construções circulares em xisto com telhados de centeio e junco, onde se armazenavam alimentos para animais. Estes

representam uma ancestral tipologia de construção, popular no interior serrano do Algarve e do Baixo Alentejo.

**B** – Junto à Ribeirinha descobre-se um carreiro que segue o curso de água e atravessa as hortas da aldeia. A par com as culturas verdejantes da várzea, encontram-se bosques de sobro e matagal mediterrânico onde cresce carrasco, aroeira, murta, roselha-pequena e marioila. Nas encostas, muros de pedra seca delimitam campos de cultivo e pomares, sobretudo olival. A avifauna destes ambientes é muito interessante e, com alguma paciência, é possível identificar alguns dos passeriformes que aqui vivem.

**C** – Deixando para trás os loendrais e juncais da Ribeirinha que se atravessa pé-ante-pé sobre as poldras do leite, sobe-se ao cerro da Masmorra, por caminhos ladeados por plantações de pinheiro-manso, azinhal e matos aromáticos.

**D** – Junto às ruínas dos moinhos de vento, a vista alonga-se sobre o território serrano envolvente, sejam os montes mais próximos de Martim Longo e Ameixial, ou os longínquos, incluindo terras de Beja.

**E** – A necrópole da Anta Masmorra situa-se entre estevais, em posição altaneira neste cerro. Este monumento funerário, do final do Neolítico, é constituído por uma câmara de planta circular, formada por nove esteios, e um corredor bem diferenciado, com três esteios conservados.

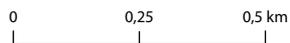
**F** – Descendo o cerro entre pinhal e matagal mediterrânico, atravessam-se de novo as águas límpidas da Ribeirinha e as hortas bem arrançadas das suas várzeas, rumo a Mealha.

# Percurso da Masmorra



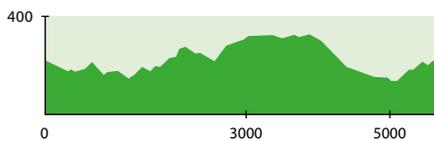
## 1 Início do percurso

37° 21' 48.06" N 7° 52' 18.40" W

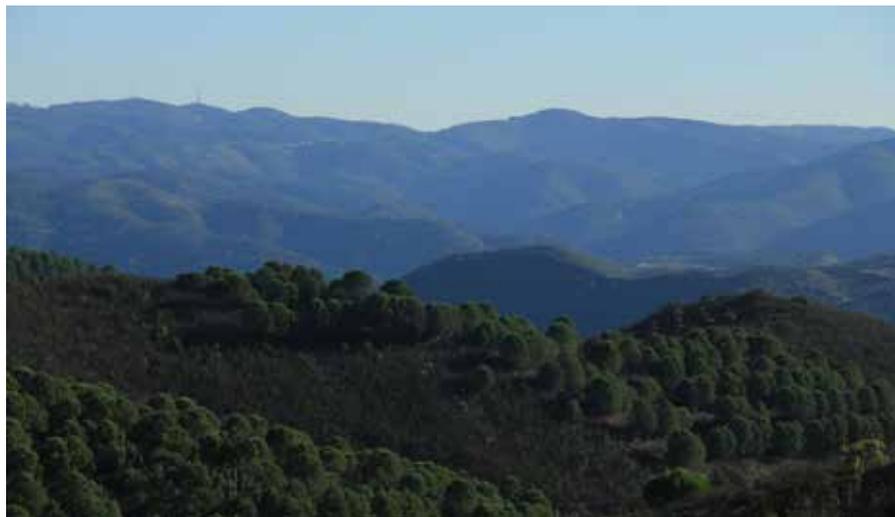


 Percurso

perfil topográfico (m)



# Percurso dos Montes Serranos



Vista panorâmica entre Passa Frio e Amoreira

**Freguesia:** Cachopo

**Concelho:** Tavira

**Localização:** Casas Baixas

**Acesso:** a partir de Faro, tomar a EN2 na direção de S. Brás de Alportel e Barranco do Velho, seguindo depois até Cachopo. Nesta localidade seguir na direção de Tavira, e cerca de 1,5 km depois, tomar a EM505 para Casas Baixas.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 9,1 km

**Duração média:** 3h

**Subida acumulada:** 334 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso desenvolve-se nas proximidades do Sítio da Rede Natura 2000 Caldeirão e partilha o seu troço norte com o setor 4 da GR13 - Via Algarviana.

**Pontos de interesse:** povoações serranas e arquitetura rural, bosques de azinho e fauna associada, paisagem.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** In Loco - Associação para o Desenvolvimento e Cidadania e Junta de Freguesia de Cachopo

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa. O Centro da Descoberta de Casas Baixas está preparado para acolher caminhantes.



Início do percurso em Casas Baixas



Rosmaninhal

Este percurso atravessa povoações típicas do interior do concelho de Tavira - Casas Baixas, Alcarias Baixas e Amoreira - e proporciona vistas panorâmicas sobre as serranias do Caldeirão. Esta serra é particularmente importante para a rara águia-de-Bonelli, uma ave de rapina emblemática, que tem aumentado a sua distribuição no sul de Portugal.

**A** – Casas Baixas e Alcarias Baixas são duas aldeias onde ainda predomina a construção em xisto e, a cada passo, se pode apreciar a arquitetura rural das povoações serranas. A envolvente, montado de azinho, olival e pomares de sequeiro, é parte integrante da economia destas populações.

**B** – Deixa-se Alcarias Baixas para trás seguindo por uma vereda ladeada por muro de pedra seca. A par com plantações de pinhal-manso e bosques dispersos de azinho, dominam agora os campos de pastagem, sendo frequentes os currais de pedra no cimo dos montes.

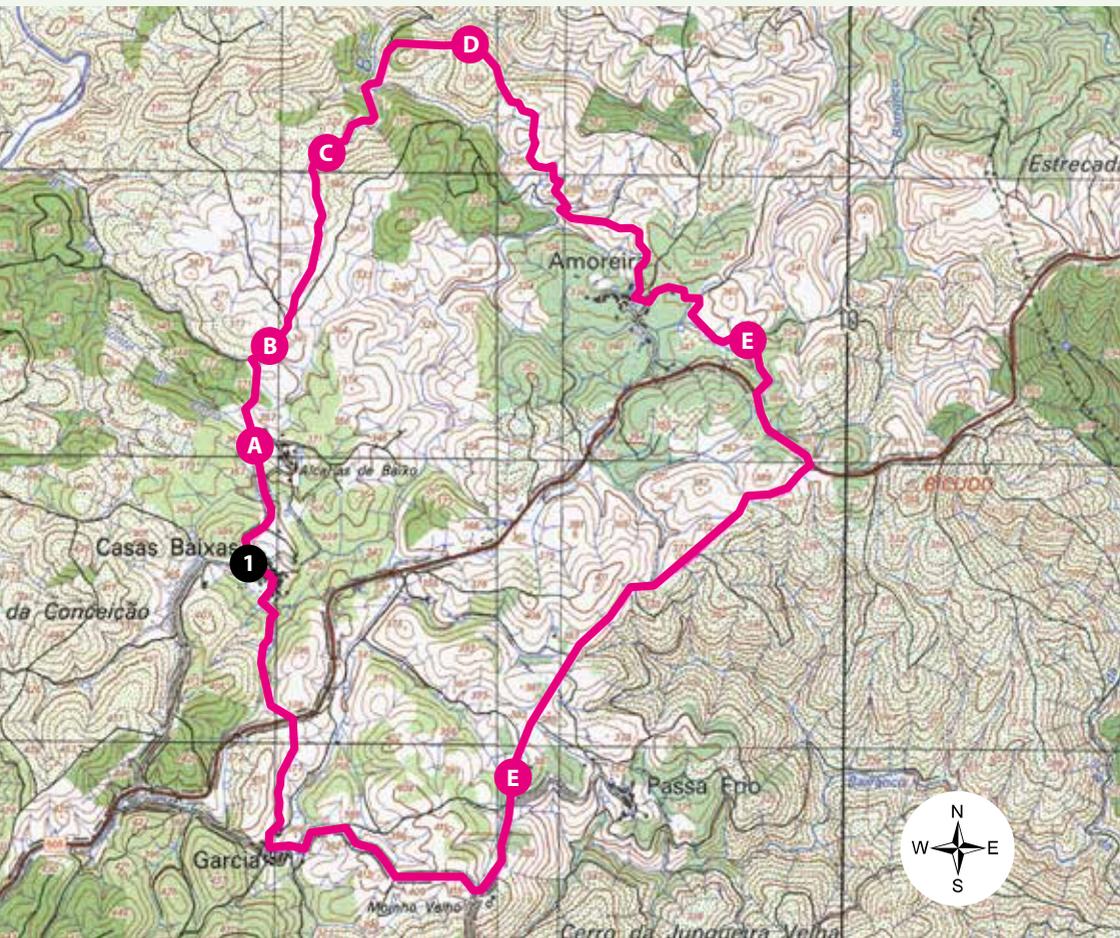
**C** – O trilho segue ao longo de um barranco com uma cortina de loendros, juncais

e bunhais, que anuncia, mais à frente, a passagem a vau do Ribeirão, afluente da ribeira da Foupânica. Aqui, as encostas revestem-se de azinheiras, oliveiras, zambujeiros e matos altos de esteva, sargaço, rosmaninho-comum e rosmaninho-verde. O mato denso proporciona a presença de animais como o coelho-bravo, o javali, a raposa ou a perdiz.

**D** – O cerro da Amoreira contorna-se por norte, numa zona de plantação de pinheiro-manso e pinheiro-bravo. Nesta zona, o barranco do Ribeirão aprofunda-se, e a vista alonga-se sobre o vale amplo e as serranias altas na direção de Martim Longo. Azinheiras seculares cobrem as encostas umbrias, entre esteval alto.

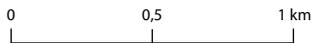
**E** – Passando pelo pitoresco monte da Amoreira, o trilho segue por linhas de cumeeada em direção a sul, oferecendo sucessivas vistas sobre a paisagem serrana envolvente. Perto da aldeola de Passa Frio, antigos moinhos de vento e modernos aerogeradores convivem lado a lado, numa interessante expressão de renovação dos saberes.

# Percurso dos Montes Serranos



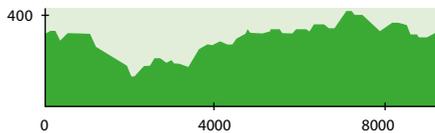
## 1 Início do percurso

37° 20' 35.18" N 7° 46' 54.87" W



 Percurso

perfil topográfico (m)







## Percursos

- 164. Memória Viva
- 168. Cerro acima, cerro abaixo
- 172. Caminho da Amendoeira
- 176. Caminhos da Fonte
- 180. Boa Vista
- 184. Circuito do Beliche
- 188. Ladeiras do Pontal
- 192. Terras da Ordem
- 196. Os Encantos de Alcoutim
- 200. Uma janela para o Guadiana
- 204. Sapal de Venta Moinhos
- 208. Passeio Pombalino



# 5. Guadiana

# Memória Viva



Propriedade rural das Fontainhas em Martim Longo

**Freguesia:** Martim Longo

**Concelho:** Alcoutim

**Localização:** Martim Longo

**Acesso:** a partir de Castro Marim, seguir pelo IC27 até à saída para Pereiro e Martim Longo; a partir de Tavira, tomar a N397 em direção a Cachopo e Martim Longo.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 14 km

**Duração média:** 5h

**Subida acumulada:** 335 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso desenvolve-se nas proximidades do Sítio da Rede Natura 2000 Guadiana.

**Pontos de interesse:** montes típicos do Baixo Guadiana, vegetação serrana e fauna associada.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Alcoutim.

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa. É possível encurtar o percurso em cerca de 4 km, seguindo um troço alternativo perto do monte do Silgado.



Plantação de pomares de sobreiro e medronheiro



Caminho rural próximo do monte do Silgado

A caminhada percorre antigos caminhos rurais, atravessando pequenos montes do interior serrano, alguns já despovoados, onde permanecem testemunhos do modo de vida e da economia local deste território.

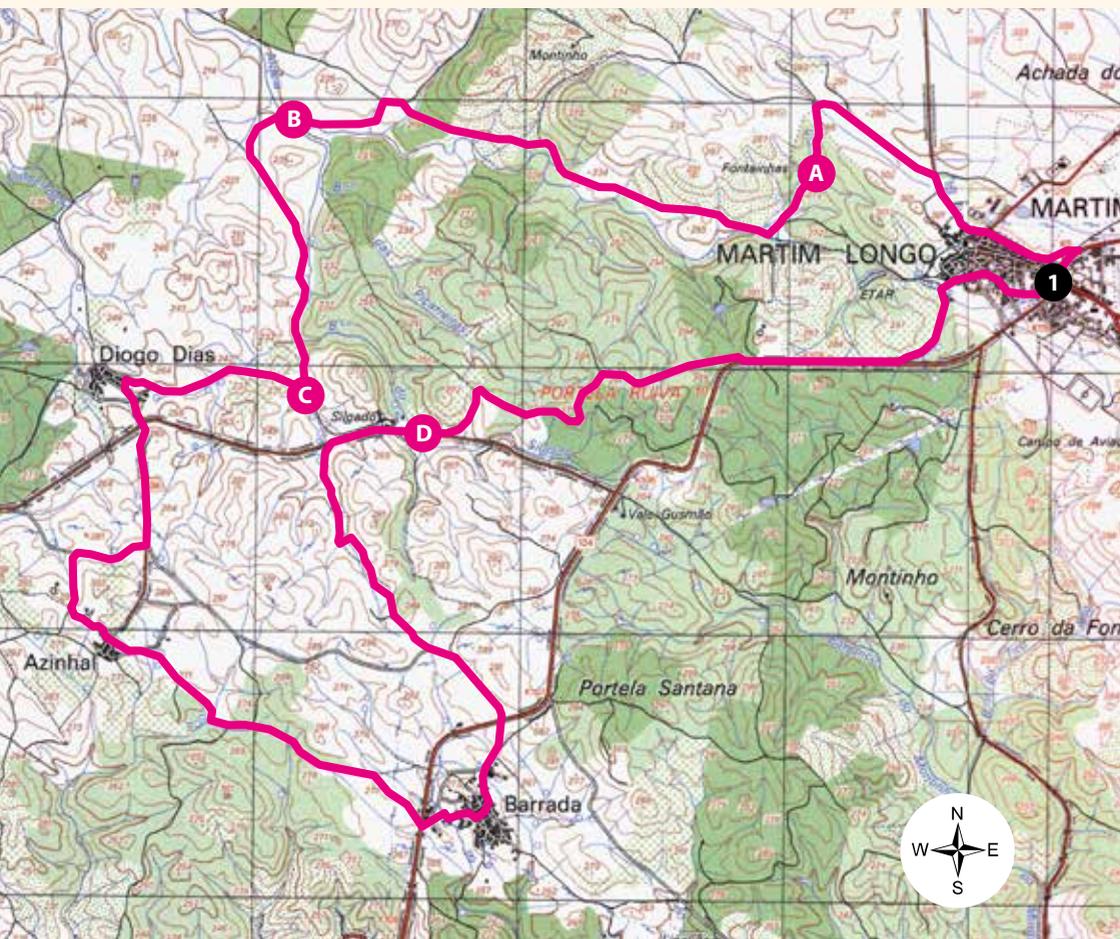
**A** – Na envolvente de Martim Longo avistam-se campos de pastagem, plantações florestais de pinheiro, oliveira e medronheiro, e parcelas de sobro, oliveira e amendoeira com matos altos de esteva, sargaço e rosmaninhos por sob coberto. Muros de pedra seca fazem a divisão da propriedade agrícola, e anunciam o monte de Fontainhas, atualmente em ruínas.

**B** – O trilho acompanha o Barranco da Aldeia, onde a vegetação se diferencia, formando uma cortina de loendral. Nas encostas, os estevais alternam com plantações de pinheiro-manso e de olival. Encontram-se também plantações recentes e em grande escala de pomares de sobro e medronheiro, a par com a instalação de colmeias, atividades integrantes da economia serrana.

**C** – Antes de alcançar a povoação de Diogo Dias e perto do poço comunitário do Silgado, é possível seguir para este monte, encurtando o percurso circular. Já o troço para sul do vale do Silgado atravessa as povoações de Diogo Dias, Azinhal e Barrada, e a paisagem testemunha a economia serrana da região: os terrenos agrícolas murados, o montado de azinho e sobro, o olival, os pomares de sequeiro com alfarrobeira, figueira e amendoeira, os pomares de citrinos, e as pequenas hortas de subsistência onde dominam as culturas hortícolas e os vinhedos.

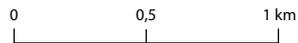
**D** – De volta ao monte do Silgado, percorrendo a antiga vereda de ligação entre este e a povoação de Barrada, vale a pena atentar nos detalhes da arquitetura tradicional do território e na antiga organização destes montes: as casas de xisto ou acabadas com argamassas caídas e as suas grandes videiras, os fornos e o poço comunitários, os muros de pedra seca e os vestígios das hortas de subsistência onde não faltam os citrinos.

# Memória Viva

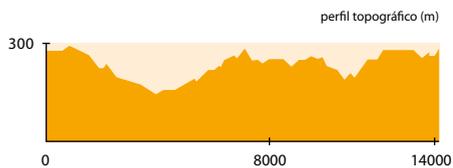


## 1 Início do percurso

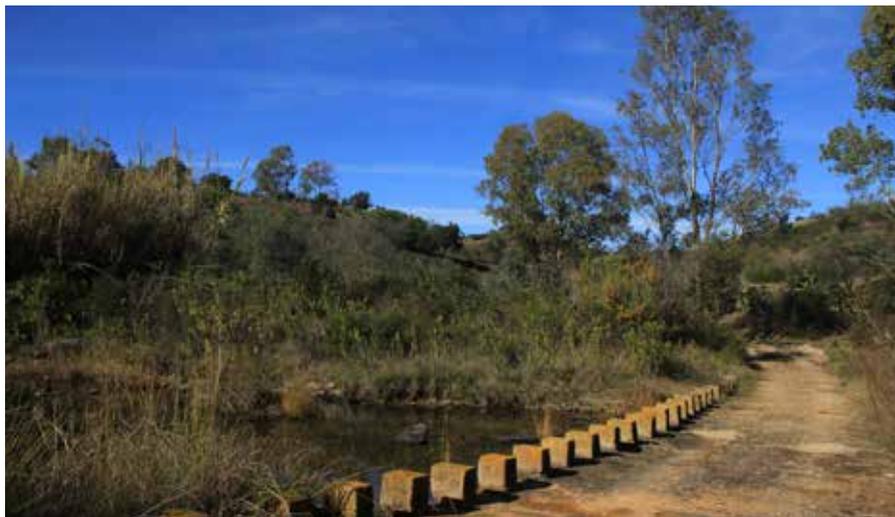
37° 26' 22.55" N 7° 46' 04.22" W



 Percurso



## Cerro acima, cerro abaixo



Passagem a vau na ribeira da Foupanilha

**Freguesia:** Vaqueiros

**Concelho:** Alcoutim

**Localização:** Vaqueiros

**Acesso:** a partir de Castro Marim, seguir pelo IC27 até à saída para Pereiro e Martim Longo e nesta povoação seguir para Vaqueiros; a partir de Tavira, tomar a N397 em direção a Cachopo e nesta povoação seguir para Vaqueiros.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 12,8 km

**Duração média:** 4h

**Subida acumulada:** 477 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso partilha troços com os setores 3 e 4 da GR13 - Via Algarviana.

**Pontos de interesse:** povoações serranas, Ribeiras da Foupana e da Foupanilha e vegetação e fauna associadas, Mina da Cova dos Mouros.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Alcoutim

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa.



Confluência das ribeiras da Foupanilha e da Foupana



Monte das Ferrarias

Esta caminhada serrana dá a conhecer montes típicos do Baixo Guadiana (povoados dispersos), uma antiga mina de cobre e as ribeiras de regime torrencial características deste território.

**A** - Entre Vaqueiros e Ferrarias, são frequentes os exemplos da arquitetura tradicional da região: noras ainda com os engenhos e respetivos alcatruzes, casas de xisto, chaminés rendilhadas e muros de pedra seca a ladear caminhos. Atravessando o Barranco das Hortas entre salgueiros, tabuas, silvados e hortelã-da-ribeira, encontra-se um poço coberto, a lembrar a proximidade do Baixo Alentejo.

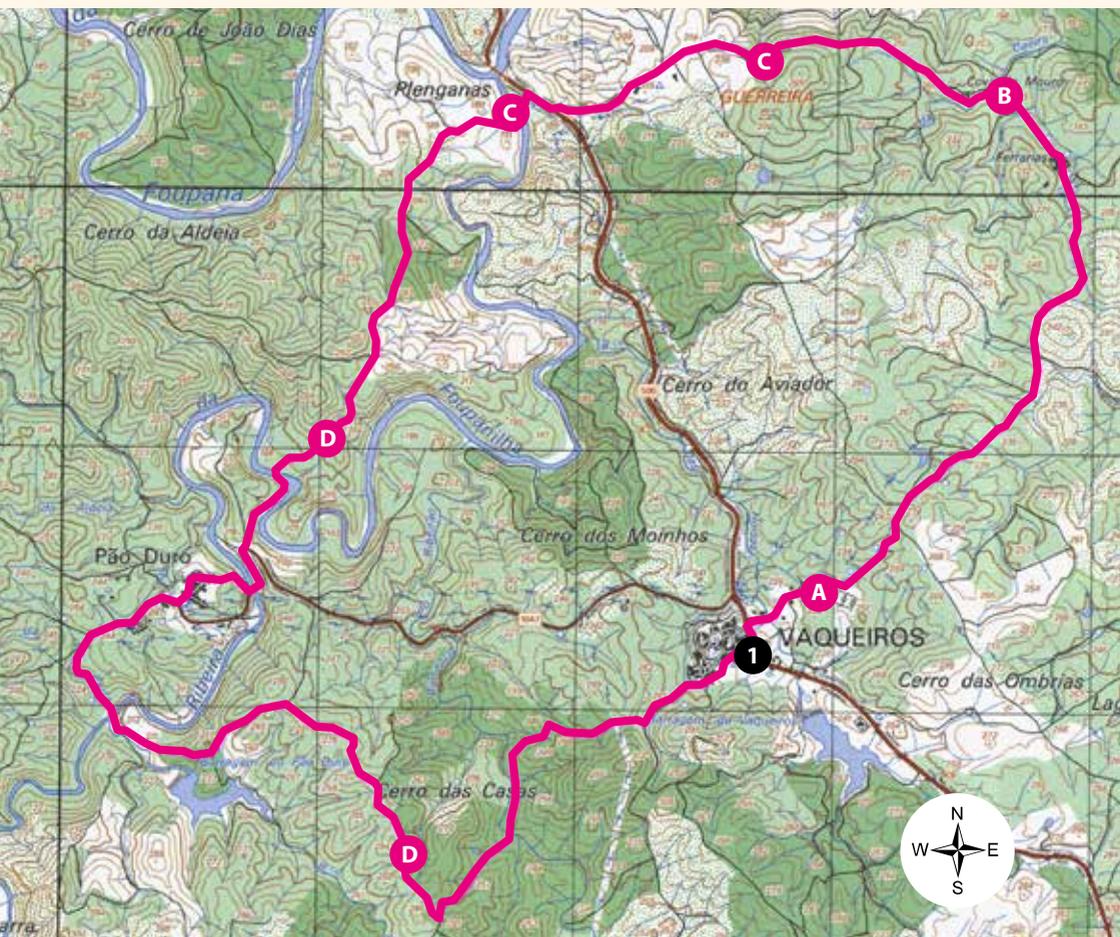
**B** - A mina da Cova dos Mouros situa-se na proximidade do povoado Calcolítico de Santa Justa, a cerca de 20 km de locais de embarque em Alcoutim. Trata-se de uma mina de cobre com indícios de exploração desde o Calcolítico até à época romana. A atividade extrativa moderna ocorreu em meados do séc. XIX; reconhece-se um poço principal de 30 m de profundidade onde se exploraram mineralizações cupríferas no seio

dos grauvaques da Formação de Mértola.

**C** - O percurso segue por uma cumeada de onde se avista o vale da ribeira da Foupana, atravessando depois a confluência das ribeiras da Foupanilha e da Foupana. A paisagem é escarpada, com a água a cortar grandes lajes de grauvaques. Entre tamargueiras, tamujos, loendros, roseiras e cortinas de salgueiros, descobrem-se cobras-de-água, cágados, rãs, peixes, e grande diversidade de insetos com destaque para as libelinhas e libélulas.

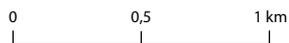
**D** - Até Pão Duro, e de volta a Vaqueiros, as vistas panorâmicas desvelam este território, caracterizado por um planalto alto de xisto situado entre as ribeiras da Foupana e de Odeleite, e cortado por inúmeros barrancos profundos. Nas encostas úmbras crescem bosques de azinho ou de sobro e medronheiro, acompanhados por matos mediterrânicos com esteva, estevão, sargaço, tojo-do-Sul, tojo-prateado, aroeira e rosmaninho. Por vezes, observam-se perdizes, lebres, coelhos, javalis e raposas, ou os seus vestígios.

# Cerro acima, cerro abaixo

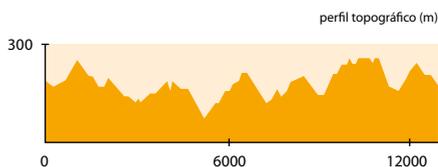


## 1 Início do percurso

37° 23' 01.61" N 7° 43' 37.41" W



 Percurso



## Caminho da Amendoeira



Paisagem dominante, com esteval e plantações dispersas de pinheiro-manso

**Freguesia:** Odeleite

**Concelho:** Castro Marim

**Localização:** Alta Mora

**Acesso:** a partir de Castro Marim, seguir pelo IC27 até à saída para Azinhal e depois pela M512 na direção de Sentinela, Corujos e Alta Mora.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 11,2 km

**Duração média:** 4h

**Subida acumulada:** 495 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Pontos de interesse:** pomares de amendoeira, Ribeira do Beliche, povoações serranas, paisagem.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Castro Marim

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa.



Amendoeira em flor



Rebanho de cabras da raça *algarvia*

A caminhada percorre uma região de serranias altas do nordeste algarvio, com os seus montes típicos (povoados dispersos) e os seculares pomares de sequeiro, onde se notabilizam as amendoeiras.

**A** – O Cerro de Alta Mora proporciona uma magnífica vista sobre as serranias envolventes, pontuadas por azinheiras seculares e por amendoeiras que, na época da floração (janeiro e fevereiro), cobrem as encostas de branco. Olhando para sul, advinha-se o oceano e a ponte do Guadiana anuncia a foz do grande rio do Sul.

**B** – As ruínas da povoação do Caldeirão surgem entre pomares de sequeiro onde dominam as amendoeiras, acompanhadas por figueiras, alfarrobeiras e oliveiras. Azinheiras e sobreiros rodeiam-se de matos altos com esteva, sargaço, rosmaninho, tojo-do-Sul e alecrim.

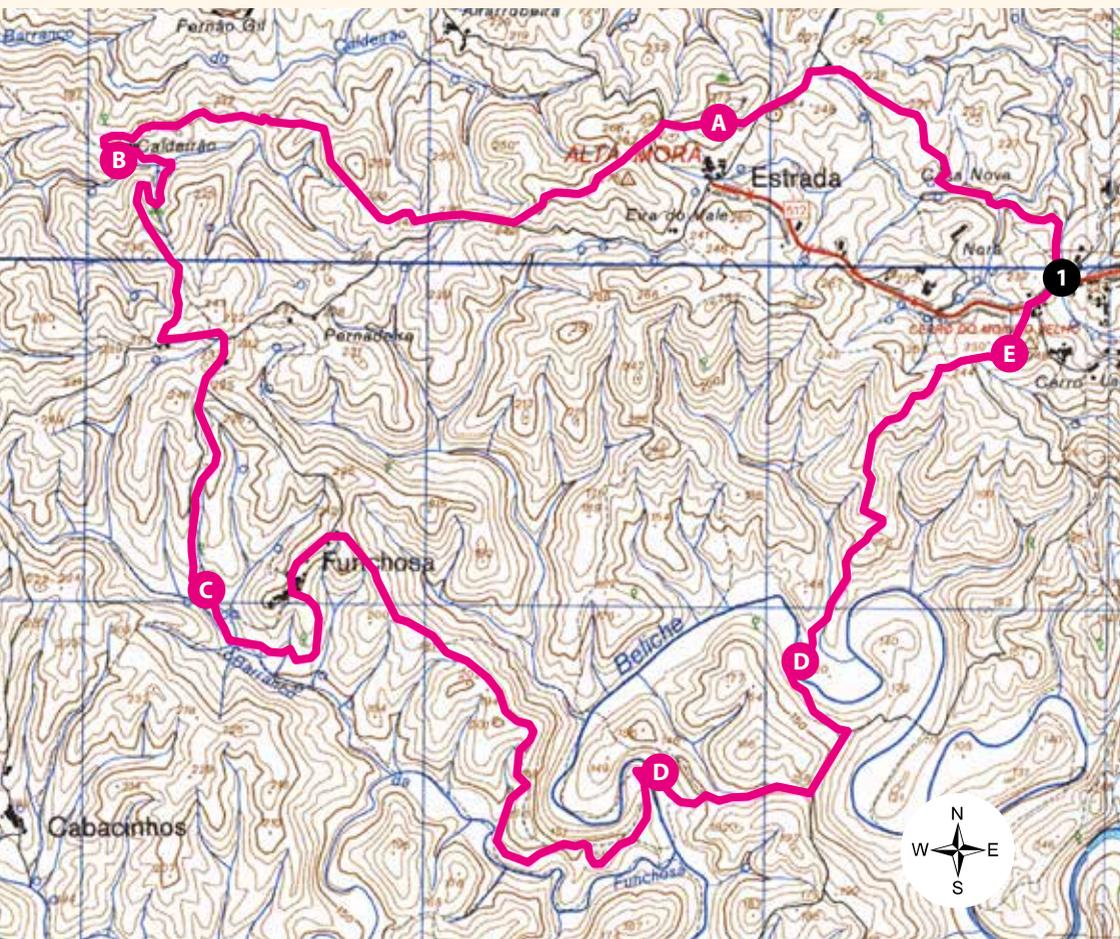
**C** – Funchosa-de-Cima e Funchosa-de-Baixo são montes típicos do interior algarvio: vale a pena notar a sua arquitetura rural, os vestígios da criação de gado e as hortas de subsistência na várzea do Barranco da

Funchosa onde não faltam videiras, citrinos, figueiras e nespereiras.

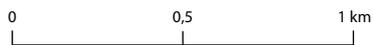
**D** – A caminho das travessias a vau pela Ribeira do Beliche, as amendoeiras, quando em flor, cobrem de branco as encostas e o caminho, e é possível avistar aves residentes como a toutinegra-de-cabeça-preta, a cotovia-do-monte ou o trigueirão. Já na ribeira, apesar do canavial dominar a paisagem, ainda se encontram troços com a vegetação ribeirinha nativa: loendro, tamargueira e as aromáticas poejo e menta-da-ribeira. Com atenção, descobrem-se espécies como a cobra-de-água e o cágado-comum.

**E** – De volta a Alto Mora, a vista alonga-se pelo vale do Beliche e cerros envolventes. A paisagem exhibe um mosaico de plantações de pinheiro-manso, bosques de azinho, pomares de sequeiro, matagais com rosmaninhais e tojais, e manchas de esteval. É possível encontrar rebanhos de cabra-algarvia ou que espécies da fauna selvagem se cruzem no caminho, sobretudo lebres, coelhos e perdizes.

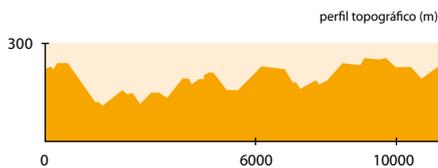
# Caminho da Amendoeira



**1 Início do percurso**  
37° 18' 21.66" N 7° 35' 33.21" W



 Percurso



## Caminhos da Fonte



Campos agrícolas e medronhal junto da povoação de Fonte Zambujo

**Freguesia:** Pereiro

**Concelho:** Alcoutim

**Localização:** Pereiro

**Acesso:** a partir da A22 (Via do Infante), sair em direção a Beja/Alcoutim; acesso pelo IC27, saindo para o Pereiro pela EN124.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 10 km

**Duração média:** 3 h

**Subida acumulada:** 260 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Pontos de interesse:** povoação do Pereiro e Casa do Ferreiro, paisagem rural do nordeste algarvio, montes rurais e património hidráulico.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Alcoutim.

**Observações:** recomenda-se não entrar nos edifícios dos montes abandonados, dado o risco de desmoronamento dos telhados e paredes. O percurso insere-se em zona de caça associativa.



Pereira-brava. Uma espécie típica do bosque mediterrânico que estará na origem do nome da povoação de Pereiro



Passagem pelo monte da Silveira

A caminhada inicia no Pereiro, aldeia típica do nordeste algarvio, e percorre caminhos antigos entre os montes rurais da região, dando nota de infraestruturas e engenhos ligados à gestão da água, um bem escasso por estas paragens.

**A** – No Pereiro visita-se a Casa do Ferreiro, dedicada à arte antiga de ser ferreiro. Este Núcleo Museológico expõe uma coleção relacionada com o ofício e exhibe um documentário avivando memórias ligadas à arte do ferro e fogo. À saída da povoação, encontra-se um poço com bomba hidráulica de manípulo vertical.

**B** – A paisagem é ondulante e ampla, constituída por montado de azinho, pastagens e plantações de pinhal-manso, e pontuada por antigos moinhos de vento nos cerros altos. Uma azinheira monumental assinala a extrema sul da barragem de regadio do Pereiro, onde, mesmo em época de seca, os juncais e bunhais e o coaxar das rãs denunciam pequenas lagoas.

**C** – Chegando a Fonte do Zambujo de Cima, apreciam-se as linhas elegantes da arquitetura rural da pequena aldeia; a fonte é constituída por um poço hidráulico manual com roda. Atravessa-se um pequeno vale, território de perdizes, coelhos-bravos e lebres.

**D** – Em Fonte Zambujo e Fonte Zambujo de Baixo, observa-se de perto o mosaico de campos cultivados em socalcos, pastagens e pomares. Surgem com frequência medronheiros, amendoeiras, figueiras, oliveiras e pequenas vinhas. Facilmente se avistam poupas e pegas-azuis.

**E** – A Silveira, antigo monte de lavradores, foi um local importante da freguesia do Pereiro, chegando a ter sete casas e cerca de dezassete habitantes no séc. XVIII. Neste monte típico do Baixo Guadiana, desabitado há algumas décadas, é possível sentir o tempo recuar.

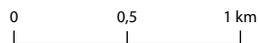
**F** – De volta ao Pereiro, um pequeno desvio permite alcançar a zona de estadia da barragem de regadio. No plano de água pode observar-se aves como a garça-cinzenta, a garça-branca, o pato-real ou a galinha-de-água. Este é também o habitat do cágado-mediterrânico e, com atenção, é possível observar alguns destes répteis na superfície da água.

# Caminhos da Fonte



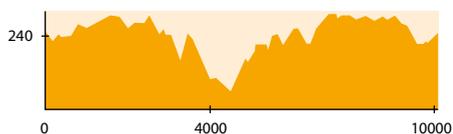
## 1 Início do percurso

37° 26' 49.83" N 7° 35' 38.99" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Boa Vista



Vista até ao mar desde o Cerro da Boa Vista

**Freguesia:** Vila Nova de Cacela

**Concelho:** Vila Real de Santo António

**Localização:** Corte António Martins

**Acesso:** a partir da A22 (Via do Infante), saindo em Altura / Monte Gordo, ou pela EN125, seguir até Vila Nova de Cacela, tomando depois a EM509 no sentido de Corte António Martins.

**Tipo:** pedestre e BTT.

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 10 km

**Duração média:** 3 h

**Subida acumulada:** 260 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Pontos de interesse:** Cerro da Boa Vista, paisagem, povoações típicas do interior do Baixo Guadiana, vegetação mediterrânica e fauna associada.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa. Pode optar por um trilho alternativo para encurtar o percurso, entre Pomar e a travessia do Rio Seco no troço nascente do percurso.



Forno de pão na povoação de Corte António Martins



#### Azinheira monumental

Partindo de Corte António Martins, a caminhada segue por caminhos rurais, dando a conhecer povoações da região do Baixo Guadiana e paisagens privilegiadas sobre a linha de costa.

**A** – O percurso atravessa a Corte de António Martins, um povoado de habitações dispersas entre vinhas, hortas e pomares de sequeiro com azinheiras, alfarrobeiras e amendoeiras. Apesar da modernidade das construções, encontram-se vestígios da antiga ruralidade da região, como os típicos fornos em pedra de xisto.

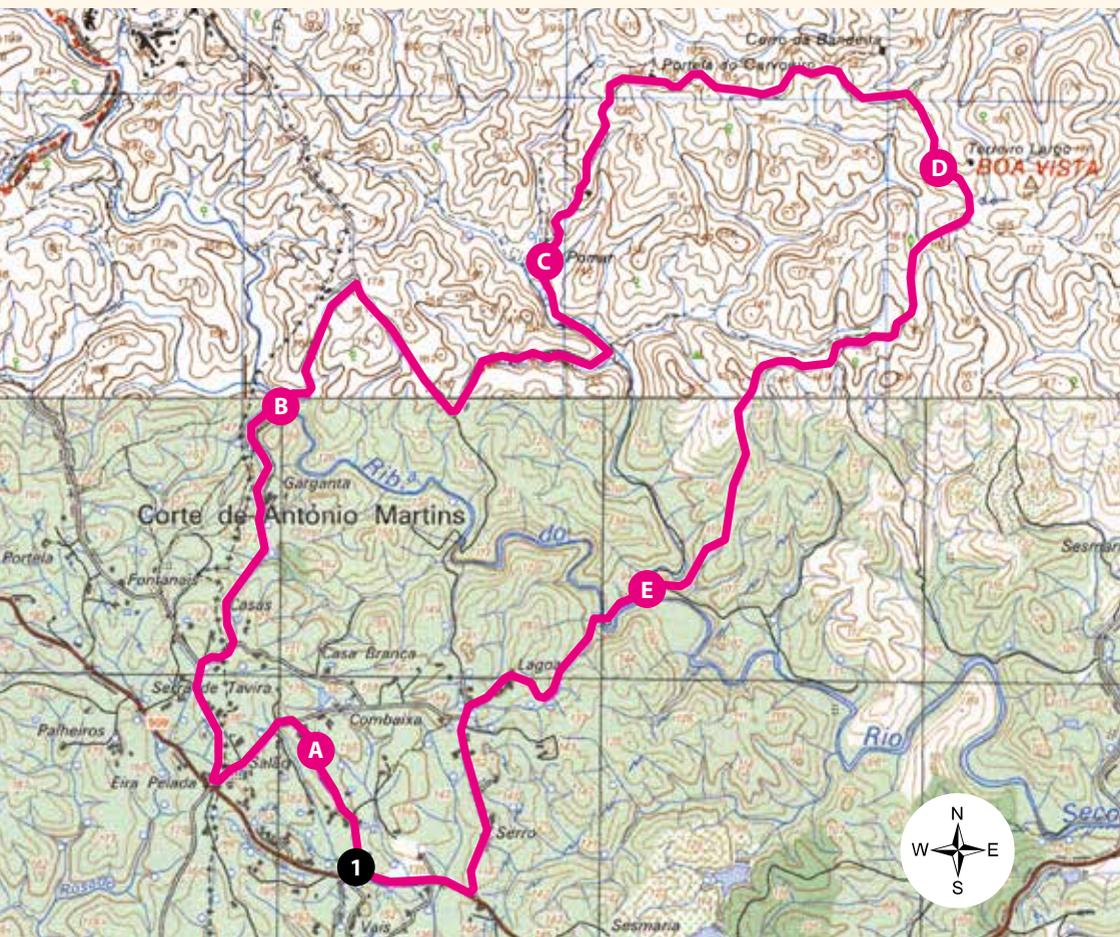
**B** – A vegetação adensa-se no barranco do Rio Seco, composta sobretudo por loendral, junca e bunhal, e grandes sobreiros. Nas encostas crescem matos mediterrânicos onde sobressaem o tojo-do-Sul, sargaços e estevas, o rosmaninho e o tomilho bela-luz. Mamíferos como o coelho-bravo ou a lebre, e aves como o gaio, a poupa ou a pega-azul, entre muitas outras, são comuns.

**C** – Em Pomar, o trilho segue junto a uma linha de água que exhibe vinhas na zona de várzea, ladeadas por monumentais alfarrobeiras, oliveiras e azinheiras. Esta pequena povoação apresenta diversos exemplos da arquitetura rural tradicional do Baixo Guadiana: muros e paredes de pedra seca em xisto, telhados revestidos com caniço e telha de canudo, palheiros, ramadas, fornos, poiais e poços.

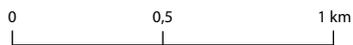
**D** – A subida até ao cerro da Boa Vista faz justiça ao nome do percurso. Ao longo de cerca de 3 km de caminho, a vista estende-se pelas serranias onde dominam pinhais e estevais e, para sul, sobre o oceano e a linha de costa, desde a barra de Cacela-a-Velha até Isla Canela, em terras de Espanha.

**E** – Uma nova travessia do Rio Seco e de um seu afluente, exhibe áreas de cortina ribeirinha bem conservada, com salgueiros, loendros, juncais e bunhais. Na passagem a vau do Rio Seco, o caminhante depara-se com uma impressionante escarpa de xistos e grauvaques.

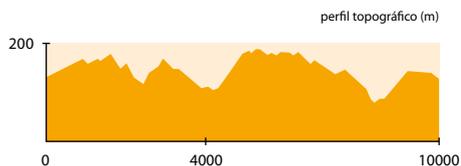
# Boa Vista



**1** Início do percurso  
37° 13' 16.03" N 7° 33' 46.98" W



 Percurso



## Circuito do Beliche



Barragem do Beliche

**Freguesia:** Azinhal

**Concelho:** Castro Marim

**Localização:** Barragem do Beliche

**Acesso:** a partir da A22 (Via do Infante), sair em direção a Beja/Alcoutim; acesso pela EN122 para a Junqueira, seguindo nessa povoação em direção à barragem da Albufeira do Beliche.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 6,2 km

**Duração média:** 2 h

**Subida acumulada:** 180 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Pontos de interesse:** Albufeira do Beliche, património hidráulico do Baixo Guadiana, vegetação mediterrânica e fauna associada.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Castro Marim.

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa.



Plantação de pinheiro-mansó



Casario e nora de uma antiga propriedade agrícola

Com início no coroamento da Albufeira do Beliche, o percurso desenvolve-se em torno dos cerros a norte do plano de água e através da várzea da Ribeira do Beliche, dando a conhecer os engenhos hidráulicos ligados à gestão da água.

**A** – A partir da barragem da Albufeira do Beliche, a vista entende-se pelo amplo espelho de água ladeado por pinhal-manso. Esta é uma barragem de aterro localizada na ribeira do Beliche, sustendo uma albufeira com capacidade de 48 hm<sup>3</sup>, e faz parte do Aproveitamento Hidráulico Odeleite-Beliche, destinado ao abastecimento das populações e ao regadio do sotavento algarvio.

**B** – Nas serranias para norte crescem típicos matos mediterrânicos, sobretudo tojo-do-Sul e aromáticas como estevas, rosmaninhos, tomilhos e alecrim. O pinheiro-manso domina a paisagem, acompanhado por alfarrobeiras e oliveiras. Descendo até a povoação do Cerro de St.º António, vislumbra-se a várzea da Ribeira do Beliche.

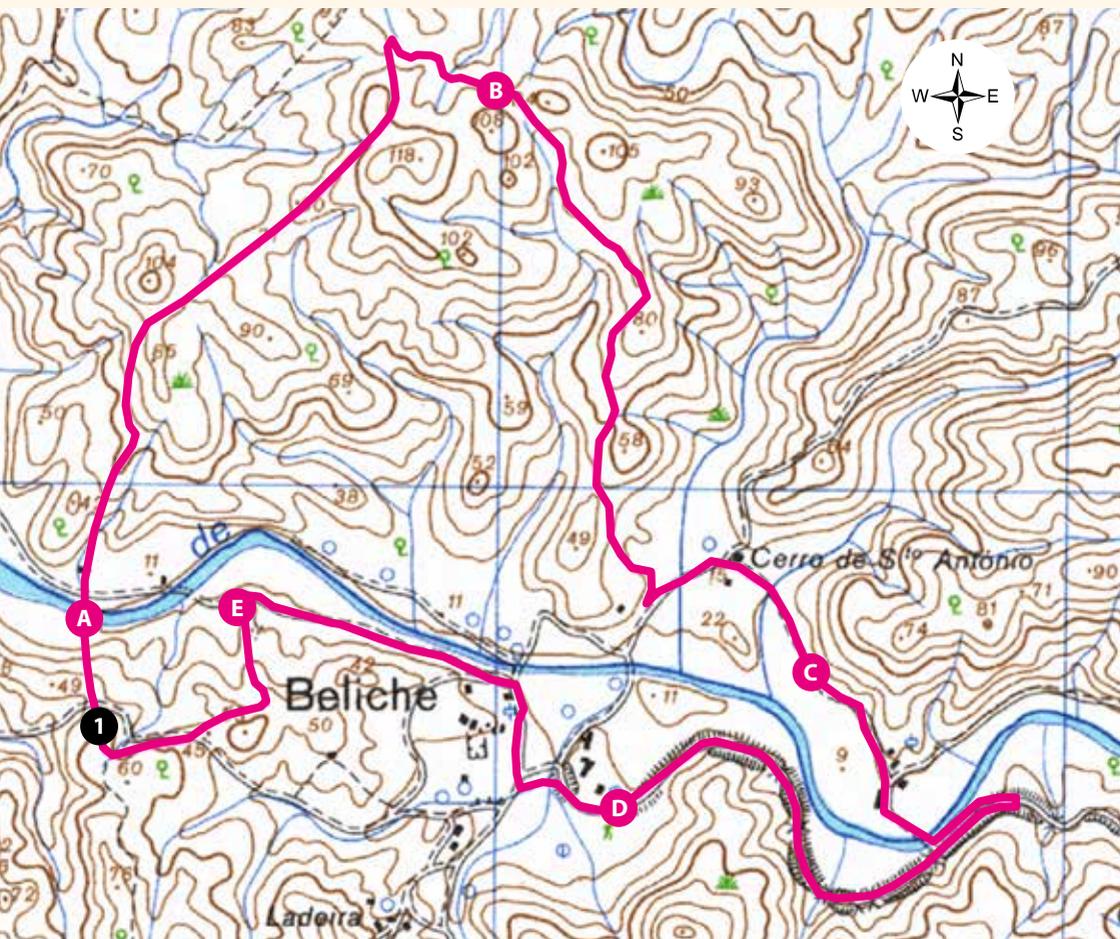
**C** – A Horta do Vinagre é uma pequena povoação escondida entre o mosaico

verdejante das culturas da várzea. A densa cortina ribeirinha exhibe tamargueiras, choupos, silvados e canavial; os pomares são de citrinos e de sequeiro, com figueiras, amendoeiras e oliveiras; nas hortas crescem couves, vinha, batata-doce, tomate, feijão-verde e milho, enquadrados por pessegueiros, pereiros e nespereiras. Aqui e ali, encontram-se exemplares frondosos de sobreiro.

**D** – À entrada da povoação do Beliche, encontra-se uma nora inserida em antiga propriedade agrícola. O engenho preserva a engrenagem e respetivos alcatruzes, o poço e o tanque para armazenamento da água. Um macho, mula ou vaca, andavam em círculos em torno do poço, fazendo mover a roda e enchendo os alcatruzes de água; esta era depois conduzida por uma levada até ao tanque.

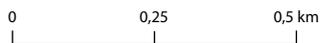
**E** – Entre pomares de citrinos, encontra-se a ETA (Estação de Tratamento de Águas) integrada no sistema hidráulico Odeleite / Beliche. A estação está preparada para servir mais de 500 000 habitantes, correspondendo a cerca de 44 000 000 m<sup>3</sup>/ano de água.

# Circuito do Beliche

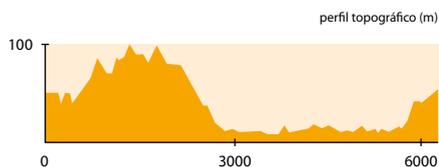


## 1 Início do percurso

37° 16' 27.82" N 7° 30' 32.92" W



 Percurso



# Ladeiras do Pontal



Percurso perto de Torneiro, por entre azinhal e plantações de pinheiro-manso

**Freguesia:** Alcoutim

**Concelho:** Alcoutim

**Localização:** Miradouro do Pontal

**Acesso:** a partir da A22 (Via do Infante), sair em direção a Beja/Alcoutim; acesso pelo IC27 ou pela EN122, saindo, respetivamente, para Alcaria Alta ou para a Foz de Odeleite. A EM1063 que segue junto ao Guadiana, dá acesso ao miradouro do Pontal.

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percurso Circular:** sim

**Distância:** 13,3 km

**Duração média:** 4h30

**Subida acumulada:** 440 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso insere-se parcialmente em Rede Natura 2000 (Sítio Guadiana). Partilha troços com a GR15 - Grande Rota do Guadiana e com a GR13 - Via Algarviana, no Setor 1 e com uma das suas rotas temáticas – A Rota do Contrabandista.

**Pontos de interesse:** Miradouro do Pontal e paisagens, bosques de azinho e olival, matos mediterrânicos, património histórico.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Alcoutim.

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa.

Partindo do Pontal, sobranceiro ao rio, o percurso desenvolve-se para o interior, seguindo por caminhos rurais, usados em tempos idos para o contrabando de mercadorias.

**A** – O Pontal debruça-se sobre uma curva do Guadiana, avistando-se para norte o castelo de Sanlúcar. A paisagem é magnífica, apreciando-se a vegetação das encostas que descem até ao rio, composta por exuberantes bosques de azinho e, já na margem, por galerias ribeirinhas.

**B** – No caminho até Torneiro, cerros e vales sucedem-se até à linha do horizonte, revestidos por um mosaico de pinhal-manso, montado de azinho e matos mediterrânicos, sobretudo estevais, rosmaniniais e tojais. A proximidade com ribeiras torrenciais, como no Barranco das Fontainhas, permite a diversificação da vegetação, surgindo galerias ribeirinhas com loendro, tamargueira, salgueiro e silvados.

**C** – O caminho serpenteia a meia-encosta de cerros onde socalcos com azinhal e áreas de pastagem descem até barrancos fundos. Perto das povoações surgem amendoeiras, oliveiras,

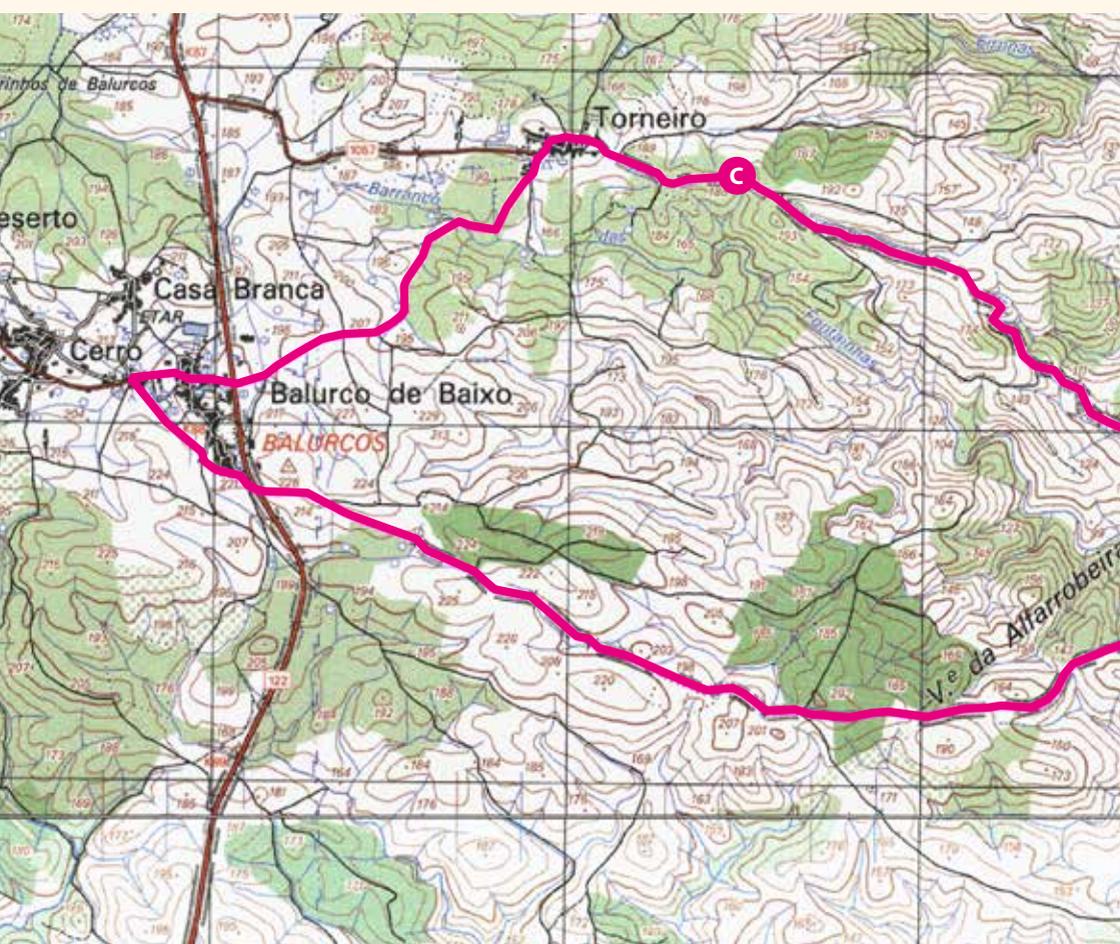
alfarrobeiras e figueiras, árvores típicas dos pomares de sequeiro. Entre caminhos e veredas, é possível avistar ou detetar vestígios de espécies cinegéticas como o coelho-bravo, a lebre, o javali e a perdiz.

**D** – O caminho de volta ao rio insere-se na Rota do Contrabandista. Desde tempos imemoriais que a pobreza levou os habitantes da região a dedicar-se ao comércio ilegal de mercadorias, apesar da travessia da fronteira implicar atravessar o rio de barco ou a nado. Uma rede apertada de postos de vigilância da Guarda-fiscal estendia-se, assim, ao longo de todo o Rio. Nas pequenas povoações, guardas e contrabandistas conviviam lado a lado, existindo um “entendimento diplomático” entre homens que prosseguiam objetivos contrários.

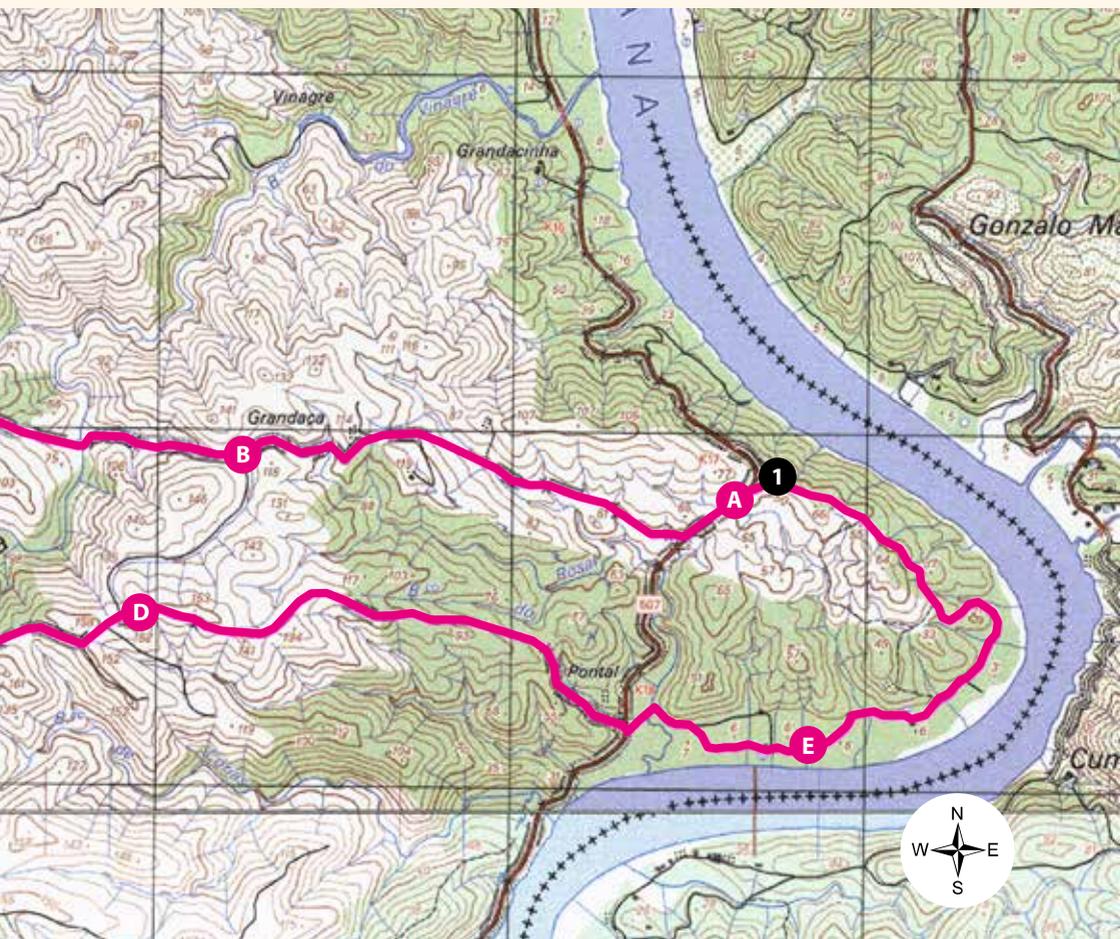
**E** – O trilho que contorna a curva do rio atravessa o olival centenário do Pontal, um dos mais produtivos do concelho. Muitas aves, sobretudo passeriformes, podem ser vistos nos talhões agrícolas, como os piscos, felosas, estorninhos, tordos, melros, entre outros. Em zona altaneira, encontra-se um antigo posto da Guarda-fiscal.



Bolotas de azinheira (*Quercus rotundifolia*)

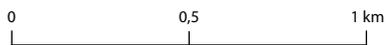


# Ladeiras do Pontal

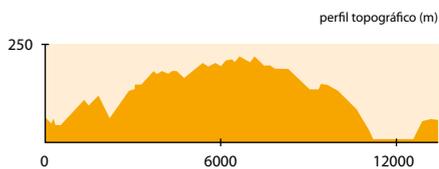


## 1 Início do percurso

37° 25' 21.59" N 7° 27' 17.59" W



 Percurso



## Terras da Ordem



Confluência das ribeiras da Foupana e de Odeleite

**Freguesia:** Odeleite

**Concelho:** Castro Marim

**Localização:** Mata Nacional das Terras da Ordem

**Acesso:** a partir da A22 (Via do Infante), sair em direção a Beja/Alcoutim; acesso pela EN122 ou pelo IC17 até Odeleite. Seguindo pela EN122 durante cerca de 3 km para norte de Odeleite, encontra-se a casa do Guarda da Mata Nacional.

**Tipo:** pedestre e BTT.

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 12 km

**Duração média:** 4 h

**Subida acumulada:** 380 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias

muitos quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso insere-se parcialmente em Rede Natura 2000, Sítio Guadiana, e aproxima-se da GR15 – Grande Rota do Guadiana.

**Pontos de interesse:** Mata Nacional das Terras da Ordem, Ribeira de Odeleite, vegetação ribeirinha e fauna associada, património hidráulico.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Castro Marim.

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa. Um troço alternativo liga o percurso à povoação de Odeleite.



Posto de vigia da Mata Nacional



Moinho das Pernadas

A caminhada percorre a Mata Nacional das Terras da Ordem, acompanhando troços das ribeiras de Odeleite e da Foupana e permitindo visitar povoações como Odeleite, Pernadas e Tenência.

**A** – A casa do Guarda-florestal marca o início do percurso, identificando-se diversas construções de apoio à gestão da floresta e, nas proximidades, a torre de vigia. As Terras da Ordem foram propriedade de ordens religiosas até meados do séc. XIX e exibiam os bosques nativos de azinheira, oliveira e alfarrobeira.

**B** – Os bosques de pinheiro-manso e de pinheiro-de-Alepo (um pinheiro rústico, originário da bacia do Mediterrâneo), foram plantados apenas a partir da década de 70 do séc. XX. A realização de sementeiras e a colocação de bebedouros nesta zona pretende favorecer a fauna cinegética.

**C** – O percurso acompanha o troço terminal da Foupana, até ao seu encontro com a ribeira de Odeleite. As margens exibem denso canalial e mais raramente vegetação nativa com freixos, tamargueiras e loendros; nas várzeas encontram-se olivais antigos e nas encostas subsistem as espécies nativas da Mata - oliveiras, azinheiras e alfarrobeiras.

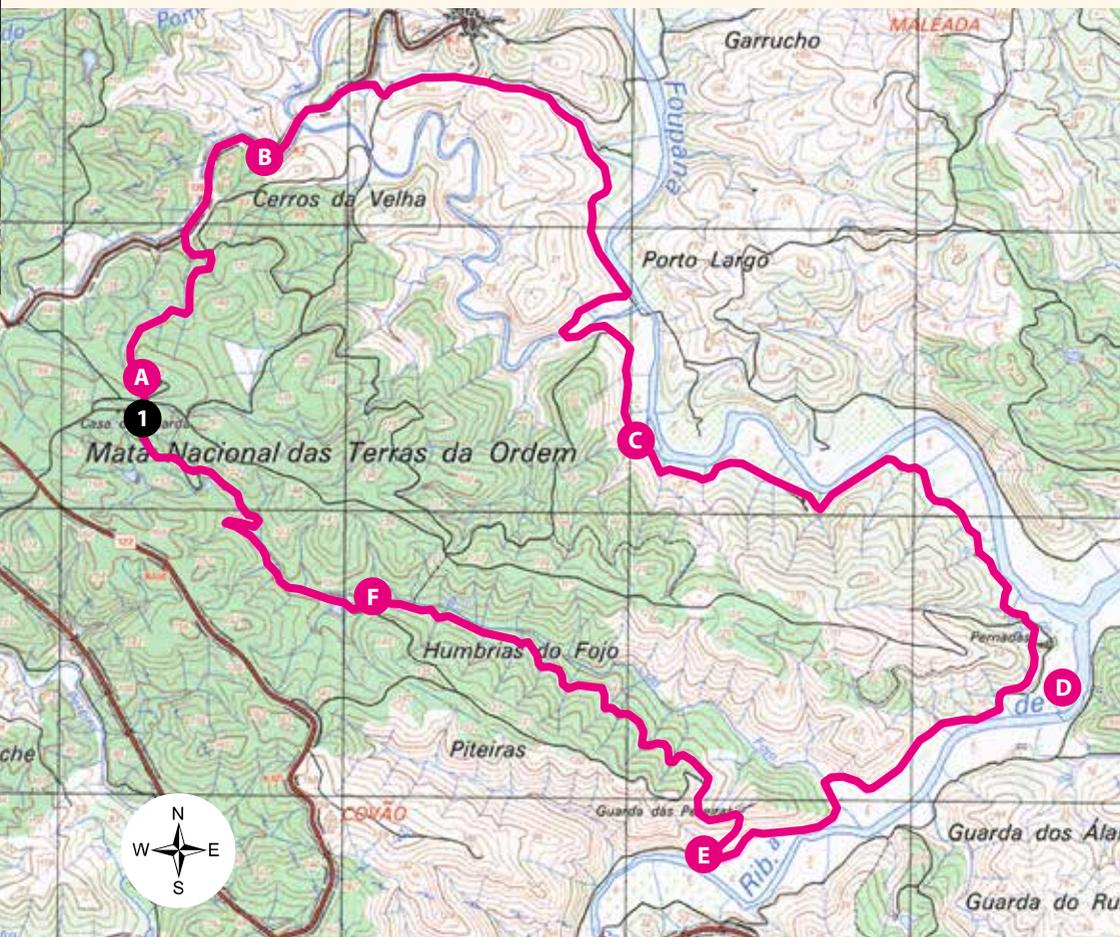
**D** – O Moinho das Pernadas, recentemente

recuperado, foi um importante núcleo transformador dos cereais produzidos na região de Odeleite, sendo ainda visíveis vestígios dos silos. Toda esta área ribeirinha tem elevado interesse ecológico, desde a vegetação ripícola a aves como a garça-cinzenta, o pato-real, a galinha-de-água e o guarda-rios, entre outras. Há também registo de répteis e anfíbios como a cobra-de-escada, a lagartixa-do-mato-ibérica, o sapo-corredor ou a salamandra-de-pintas-amarelas.

**E** – Na proximidade das ruínas de Guarda-Pereiros, a vista estende-se sobre a povoação e ribeira de Odeleite. A ribeira serpenteia e as suas margens exibem todos os tons de verde, entre a vegetação da cortina ribeirinha e os pomares e hortas das várzeas.

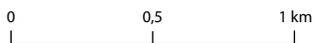
**F** – De volta ao coração da mata, acompanha-se o Barranco do Cavalo, ladeado por freixos e loendros. A mamofauna é diversificada sendo comuns coelhos-bravos, raposas, ginetas e javalis. Aves como a perdiz, a rola, ou os passeriformes típicos destes habitats como a felosa-do-mato, o chapim-de-crista, o chapim-azul ou a pega-azul, podem ser avistados ou escutados.

# Terras da Ordem

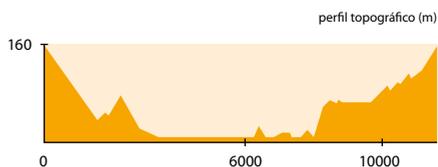


## 1 Início do percurso

37° 21' 19.81" N 7° 30' 22.92" W



 Percurso



## Os Encantos de Alcoutim



Guadiana desde as ruínas do Castelo Velho

**Freguesia:** Alcoutim

**Concelho:** Alcoutim

**Localização:** Alcoutim

**Acesso:** a partir da A22 (Via do Infante), sair em direção a Beja/Alcoutim; acesso pela EN 122 ou pelo IC27, saindo para Alcoutim ao passar por Balurcos.

**Tipo:** pedestre

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 4,6 km

**Duração média:** 2h

**Subida acumulada:** 166 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso insere-se em

Rede Natura 2000 (Sítio Guadiana) e cruza-se com a GR15 - Grande Rota do Guadiana que inicia em Alcoutim. Também a GR13 - Via Algarviana tem em Alcoutim o seu local de partida, bem como uma das suas rotas temáticas – A Rota do Contrabandista.

**Pontos de interesse:** locais emblemáticos da povoação raiana (Castelo Velho e Castelo de Alcoutim, entre outros), Praia Fluvial e Rio Guadiana; paisagem.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Alcoutim.

**Observações:** é possível atravessar o rio e visitar a vila espanhola de Sanlúcar del Guadiana.



Praia fluvial do Pego Fundo



Estátua do Contrabandista, no cais de Alcoutim

Esta caminhada percorre a cidade raiana de Alcoutim, dando a conhecer locais emblemáticos como o Castelo da Vila, as ruínas do Castelo Velho, a Praia Fluvial, e as paisagens do Rio Guadiana.

**A** – O percurso inicia perto da Casa dos Condes (atual Biblioteca Municipal) e da Igreja Matriz de São Salvador, guardada por muralhas do séc. XVII. Uma azinhaga conduz a um dos cais do rio, onde se encontra a estátua do Contrabandista, indissociável da do Guarda-fiscal, cerca de 100 metros para sul.

**B** – Sobranceiras a Alcoutim e ao rio, encontram-se as ruínas do Castelo Velho, do Período Islâmico. O castelo foi edificado no topo de um relevo abrupto de xistos e grauaques, em meados do séc. VIII, sob a dinastia Omíada. Tratar-se-ia de um palácio fortificado, incluindo uma pequena mesquita, com as funções de exploração de recursos mineiros e militar de controlo do rio. Neste local, a vista sobre o Guadiana e terras de Espanha é privilegiada,

destacando-se o Castelo de Sanlúcar del Guadiana.

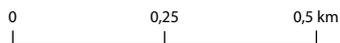
**C** – A Praia Fluvial do Pego Fundo insere-se na paisagem rural do nordeste algarvio, desenvolvendo-se ao longo de um açude da Ribeira de Cadavais. A margem foi alimentada com areias litorais, claras e invulgares nestas paragens fluviais. A enquadrar a praia encontra-se um espaço ajardinado com equipamentos de apoio, circuitos de manutenção e parque de merendas.

**D** – Um passeio marginal à ribeira retorna ao centro de Alcoutim; passa-se pela Ermida de Nossa senhora da Conceição (que acolhe o Museu de Arte Sacra) e a rua do Poço Novo conduz ao Castelo “novo” de Alcoutim. Aqui, encontra-se o Museu Arqueológico que desvela as raízes históricas da região, recuando a mais de 5000 anos. No antigo Arsenal, é também possível contemplar a coleção de jogos de tabuleiro e respetivas peças de pedra, recuperadas das ruínas do Castelo Velho.

# Os Encantos de Alcoutim

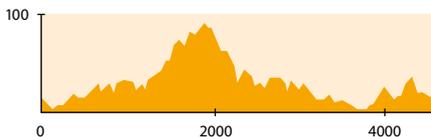


1 Início do percurso  
37° 28' 16.63" N 7° 28' 18.74" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Uma janela para o Guadiana



Várzea das Almas

**Freguesia:** Azinhal

**Concelho:** Castro Marim

**Localização:** Azinhal

**Acesso:** a partir da A22 (Via do Infante), sair em direção a Beja/Alcoutim; acesso pela EN122 à povoação do Azinhal.

**Tipo:** pedestre e BTT.

**Percorso Circular:** sim

**Distância:** 7,4 km

**Duração média:** 2h30

**Subida acumulada:** 225 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra e asfaltados.

**Quando visitar:** todo o ano, exceto dias muito quentes.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim

**Particularidades:** o percurso situa-se na proximidade do Sítio Guadiana, Rede Natura 2000 e cruza-se com GR15 – Grande Rota do Guadiana.

**Pontos de interesse:** povoação típica do Baixo Guadiana (Azinhal), vegetação mediterrânica e fauna associada, Rio Guadiana e paisagem fluvial.

**Proprietários:** caminhos públicos.

**Entidade responsável:** Odiana - Associação Terras do Baixo Guadiana e Câmara Municipal de Castro Marim.

**Observações:** o percurso insere-se em zona de caça associativa.



Encosta coberta por matagal mediterrânico



Pastorícia no Azinhal

A caminhada parte do Azinhal, povoação típica do Baixo Guadiana, e dirige-se por linhas de cumeeada até alcançar a Várzea das Almas, onde se abre uma vista ampla sobre o Rio Guadiana que se espraia, já perto da foz.

**A** – Percorrendo a aldeia do Azinhal, vale a pena atentar nos detalhes da arquitetura tradicional da região, visitar o núcleo museológico e a Igreja do Espírito Santo, bem como conhecer a doçaria e artesanato locais.

**B** – Saindo do Azinhal em direção ao rio, encontra-se um moinho de vento, ainda com o velho engenho, e o antigo poço comunitário da aldeia, entre pastagens, zonas alagadiças e pomares de sequeiro com amendoeiras e alfarrobeiras.

**C** – Os cerros envolventes revestem-se de esteval, tojal e rosmaninhal, de onde sobressaem imponentes azinheiras, oliveiras e alfarrobeiras. Um antigo redil em pedra de xisto remete para a tradição agro-pastoril da região. Tanto nos matos como nos pomares,

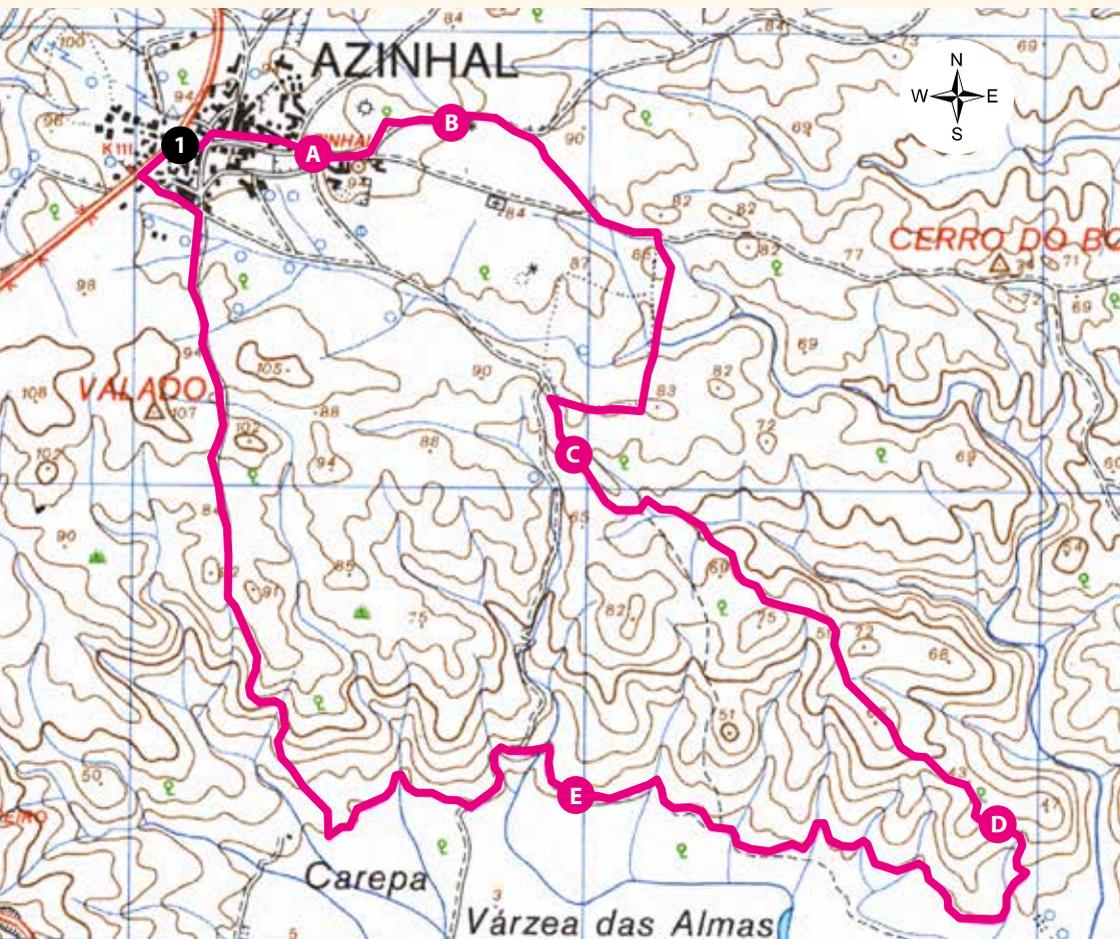
encontram-se espécies como o coelho-bravo, a lebre e a perdiz, e aves como a felosa-do-mato, a cotovia-do-monte, a rola, o papa-figos ou o picanço-de-dorso-ruivo.

**D** – Uma soberba vista abre-se sobre o Guadiana e a Várzea das Almas, onde desagua a Ribeira do Beliche. Junto à margem do rio, os sapais ocupam a ampla várzea, e, olhando para sul, avista-se a ponte que liga Portugal e Espanha, já perto da foz do Guadiana. Para montante da ribeira, a cortina ripícola adensa-se, dominada por freixos, salgueiros, tamargueiras, silvados e juncais. O mosaico da várzea compõe-se de pastagens e campos cultivados.

**E** – De volta ao Azinhal, o trilho segue a meia-encosta entre bosques de azinho e matagal mediterrânico dominado por aroeira.

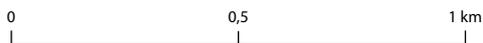
Pequenas linhas de água cortam as encostas, correndo até ao vale por azinhagas estreitas e pedregosas, onde a vegetação se adensa.

# Uma janela para o Guadiana

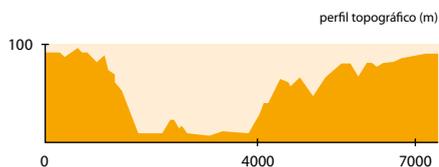


## 1 Início do percurso

37° 17' 04.21" N 7° 27' 58.08" W



 Percurso



# Sapal de Venta Moinhos



Vacas e garças-boieiras num alfarrobal

**Freguesia:** Castro Marim

**Concelho:** Castro Marim

**Localização:** Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real St.º António.

**Acesso:** a partir da A22 (Via do Infante), sair em direção a Alcoutim; circulando pela EN 122 no sentido Castro Marim-Beja, virar à direita no cruzamento do Monte Francisco, seguindo a direção "Reserva Natural".

**Tipo:** pedestre e BTT

**Percurso Circular:** não

**Distância:** 7 km (ida e volta)

**Duração média:** 2h

**Subida acumulada:** 50 metros D+

**Tipo de caminho:** caminhos de terra

**Quando visitar:** todo o ano.

**Homologado:** não

**Sinalizado:** não

**Particularidades:** percurso inserido em Rede Natura 2000 (Sítio Ria Formosa / Castro Marim) e na Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real St.º António (RNSCMVRSA). O folheto do percurso encontra-se disponível no Centro de Interpretação da RNSCMVRSA. Pode estacionar o automóvel no parque do Centro de Interpretação.

**Pontos de interesse:** sapal, complexo de salinas tradicionais e pomares de sequeiro; paisagem e avifauna.

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real St.º António e Câmara Municipal de Castro Marim.

**Observações:** é possível fazer outros percursos pedestres e de BTT dentro da área da RNSCMVRSA.





Centro de Interpretação da Reserva

Este percurso coincide com o caminho de acesso ao Centro de Interpretação da Reserva Natural e para norte deste, até à antiga casa da Guarda-fiscal. Uma pequena parte da caminhada é interpretada e desenvolve-se a sul do Centro permitindo observar os habitats da zona húmida: sapais, salinas, lagoas permanentes e temporárias.

**A** – O caminho separa os campos de sequeiro a norte (sobretudo alfarrobeiras e manchas esparsas de olival com centeio por subcoberto), da zona húmida, a sul, com os seus habitats de sapal, as salinas tradicionais e o esteiro largo que conduz a água da maré.

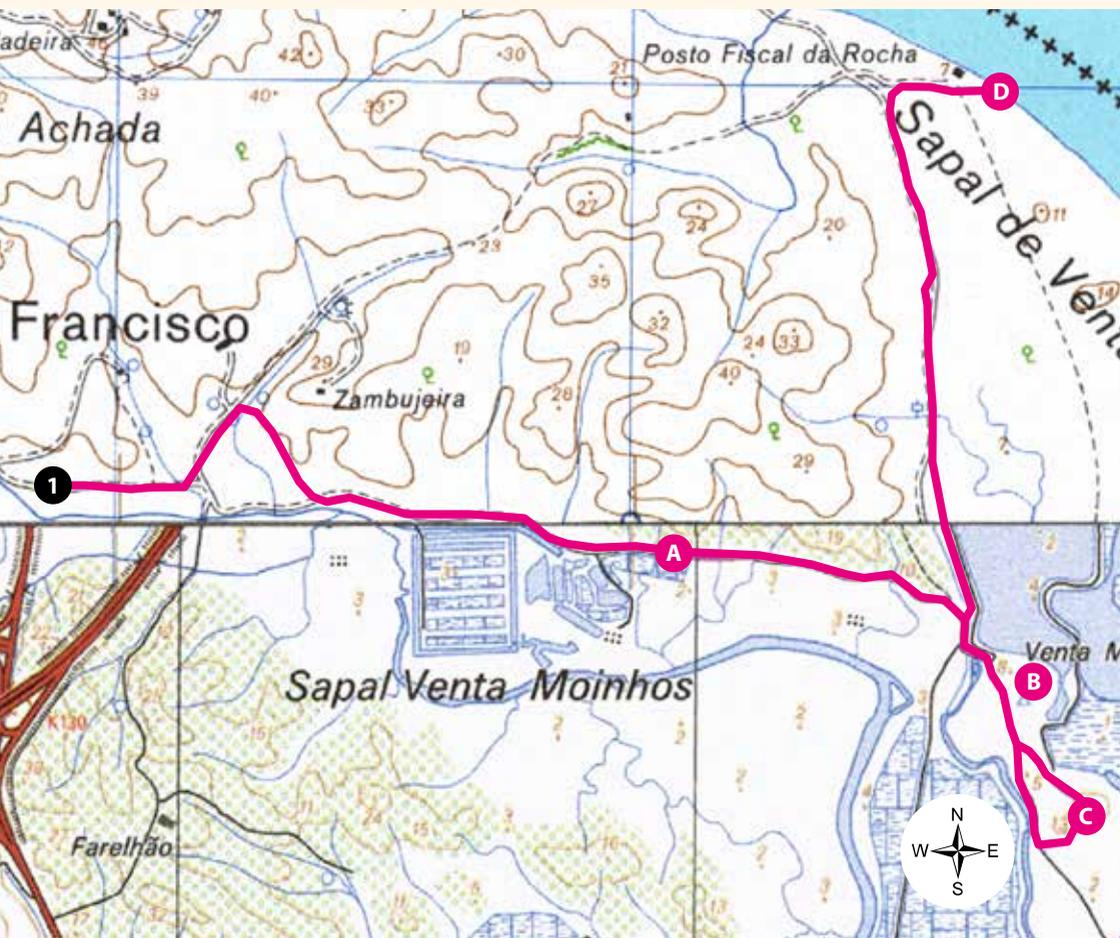
**B** – O Centro de Interpretação encontra-se enquadrado por pinhal e retamal, vegetação característica do litoral no sotavento algarvio. No Centro é possível ver exposições e obter informações ou publicações sobre a reserva. No interior do edifício existem bons locais de observação para os sapais.

**C** – Subindo à Casa Abrigo imediatamente a sul do Centro, abre-se o horizonte sobre

o complexo de salinas, a foz do Guadiana, e o ambiente de salgados. Normalmente é possível observar elevado número de aves aquáticas, sobretudo no inverno ou nas épocas de migração, das quais se destacam o pernilongo (símbolo da reserva) o colhereiro, o flamingo, a cegonha-branca, o alfaiate, ou a andorinha-do-mar-anã. Os registos apontam para a ocorrência regular anual de cerca de 170 espécies de aves.

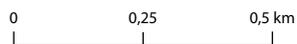
**D** – O caminho até à antiga casa da Guarda-fiscal, sobranceira ao rio que desenha a fronteira com Espanha, atravessa campos de pastagem de gado bovino e caprino e lagoas temporárias que se advinham entre os juncais e bunhais destes terrenos salobros. Junto à casa alcança-se a margem do rio; o estuário do Guadiana e o sapal de Castro Marim destacam-se enquanto locais de abrigo e reprodução para as aves aquáticas e para várias espécies de peixes, de moluscos e de crustáceos.

# Sapal de Venta Moinhos



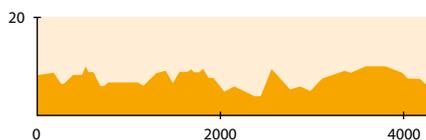
## 1 Início do percurso

37° 14' 04.51" N 7° 26' 49.44" W



 Percurso

perfil topográfico (m)



## Passeio Pombalino



Frente ribeirinha de Vila Real de Santo António

**Freguesia:** Vila Real de Santo António

**Concelho:** Vila Real de Santo António

**Localização:** Vila Real de Santo António

**Acesso:** a partir de Faro: seguir pela EN125 até Vila Real de Santo António (VRSA), ou pela A22 (Via do Infante) até à saída para Castro Marim, seguindo depois para sul, na direção de VRSA.

**Tipo:** pedestre

**Percurso Circular:** sim

**Distância:** 2 km

**Duração média:** 1 h

**Subida acumulada:** 25 metros D+

**Tipo de caminho:** ruas calçadas

**Quando visitar:** todo o ano

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** não

**Particularidades:** o folheto do percurso encontra-se disponível nos postos de turismo e Câmara Municipal de VRSA.

**Pontos de interesse:** património construído

**Proprietários:** caminhos públicos

**Entidade responsável:** Câmara Municipal de VRSA



Praça Marquês de Pombal



Casa dos Folques

O Passeio Pombalino percorre o centro histórico de VRSA, dando a conhecer o traçado geométrico das ruas do séc. XVIII, idealizadas pelo Marquês de Pombal. Símbolo do urbanismo pombalino, a cidade caracteriza-se pela simplicidade e regularidade, tendo sido construída de raiz após o terramoto de 1755.

**A** – A Praça Marquês de Pombal é o coração da cidade, uma praça real no centro da qual se erigiu, em 1776, o *Obelisco*, símbolo do poder régio. A praça é enquadrada pelos edifícios da Câmara Municipal, do Corpo da Guarda, da Igreja Matriz e das restantes edificações de dois pisos, sendo rematada por quatro Torreões.

**B** – Caminhando em direção ao rio, alcança-se a Baixa-Mar, espaço marginal ao Guadiana. Já na Av. da República encontra-se a Casa dos Folques, antiga propriedade da família Ramirez, pioneira da indústria conserveira.

**C** - Atravessando a avenida em direção ao arco da antiga Alfândega, caminha-se ao longo da marginal na direção da foz. Na outra margem do rio ficam terras de Espanha

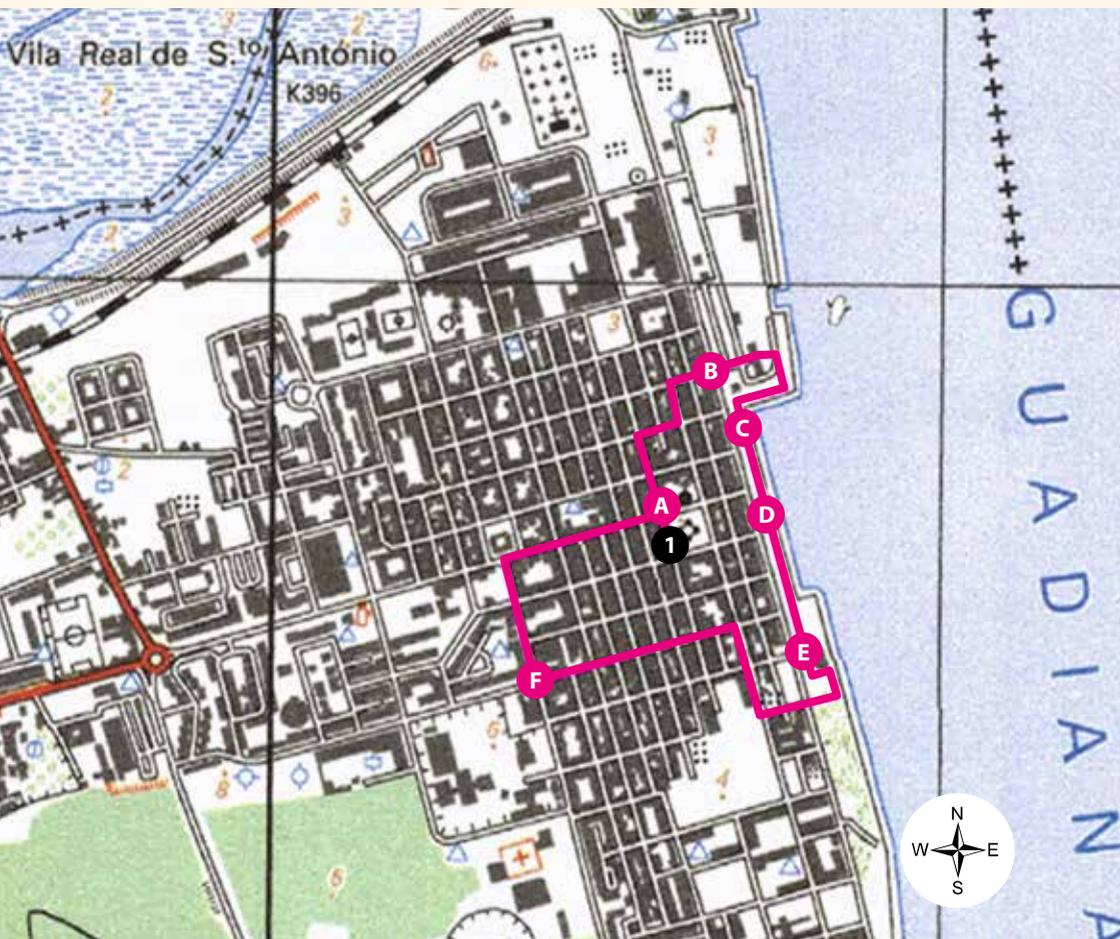
e as fachadas da avenida são a face visível da cidade, sendo o espaço urbanístico mais ostensivo, edificado com dois andares e janelas de sacada.

**D** - O Hotel Guadiana, classificado como imóvel de interesse público, foi projetado pelo arquiteto Korrodi no início do séc. XX, cortando as linhas pombalinas com o seu estilo eclético. Considera-se hoje uma expressão de modernidade, no contexto da evolução histórica urbana.

**E** - As doze unidades que constituíam as Sociedades de Pescarias alinham-se simetricamente ao longo da avenida. Acumulavam a função industrial e a residencial, sendo constituídas por um pavilhão de dois pisos virado para o rio e um telheiro traseiro em forma de U, onde se processava a transformação do pescado.

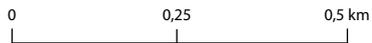
**F** - A Casa Parodi, antiga habitação e fábrica de uma família pioneira da indústria conserveira, acolhe agora o Conservatório Regional. Olhando para sul, ao atravessar o reticulado das ruas, vislumbra-se o Farol da cidade.

# Passeio Pombalino

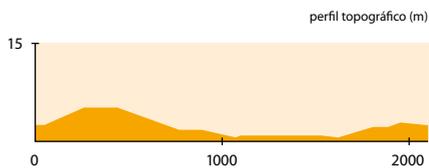


## 1 Início do percurso

37° 11' 40.36" N 7° 24' 56.91" W



 Percurso







## 6. Grandes Rotas

# Mapa Grandes Rotas



## Legenda

-  Rota Vicentina 
-  Via Algarviana
-  Ligações à Via Algarviana 



- Percurso Descoberta


- Grande Rota do Guadiana


- Rede Natura 2000

# Via Algarviana



Barragem do Funcho

A Via Algarviana é um percurso de longa distância (300 km), pedestre e ciclável, classificado como Grande Rota (GR13). A rota que se inicia em Alcoutim e termina no Cabo de S. Vicente - pode também ser efetuada no sentido inverso - atravessa todo o interior algarvio do barrocal à serra, passando por aldeias e montes onde ainda persistem muitos dos usos, costumes e tradições culturais da região. Pelas características do terreno e necessidades logísticas, obstáculos naturais, vedações, alojamento, restauração, entre outros, a rota encontra-se dividida em 14 setores. Os setores não pretendem ser estanques podendo por isso ser efetuados de forma autónoma e mediante a capacidade física de

cada um. A Via Algarviana possui ainda um conjunto de equipamentos de sinalética que contribuem para auxiliar quem a percorre, postes, setas de direção e informativas, painéis interpretativos e pinturas que indicam pontos de interesse, património cultural e natural, locais de apoio, direção a seguir ou o sentido do percurso. Nas pinturas é sempre utilizado o código de cor/identificação de Grande Rota – GR, nas cores branco e vermelho.

Ao percorrer a Via Algarviana o viajante irá deparar-se com diferentes paisagens, locais de interesse, património, tradições culturais, fauna e flora diversificadas. À medida que se atravessam os 11 municípios por onde a rota passa podem ser identificados cinco



locais pertencentes à Rede Natura 2000, dois Sítios Classificados e um Parque Natural. Nestes locais ocorrem diversas espécies animais e vegetais ameaçadas e protegidas, águia-de-Bonelli (*Hieraetus fasciatus*), bufo-real (*Bufo bufo*), lontra (*Lutra lutra*), gato-bravo (*Felis silvestris*), orquídeas, narcisos. Podemos também encontrar importante comunidade de flora autóctone, incluindo endemismos como *Bellevalia hackelii*, *Linaria algarviana*, *Thymus camphoratus*, entre outros. Estão presentes ao longo da rota numerosas espécies aromáticas ou de uso medicinal como tomilho, rosmaninho, funcho, alecrim, etc. A vegetação natural é maioritariamente mediterrânica sendo visíveis densos bosques de sobreiro sob



Esteval próximo de Silves



Vista da encosta norte da serra de Monchique

os quais desenvolvem estevais (*Cistus ladanifer*); encontramos ainda medronhais, pomares de sequeiro, pomares de citrinos, pinhais, entre outros.

A rota atravessa diversas ribeiras com predominância de vegetação ribeirinha, cerros, miradouros, e alguns locais com particular interesse geológico como é o caso de Silves com a *Grés de Silves*, Monchique com o maciço eruptivo subvulcânico de sienitos e Bensafrim com os calcários do Jurássico.

A Via Algarviana é um percurso rico em património histórico, arqueológico e religioso onde ainda persistem muitos dos valores culturais do interior algarvio, desde igrejas centenárias, fontes, ermidas, noras, moinhos de vento, menires, museus, fornos comunitários, até feiras e mercados tradicionais e de artesanato, festas populares e religiosas que decorrem durante todo



Rosa-albardeira

o ano. Pode ainda ser visto artesanato elaborado com diferentes produtos locais, lã, linho, algodão, cana, vime, cerâmica, medronho, mel, entre muitos outros, que fazem deste percurso um dos que não será certamente esquecido.

Complementares a esta rota encontram-se disponíveis 7 ligações ou derivações da Via Algarviana a Aljezur, Parises, Ameixial, Albufeira e às estações de comboio de Loulé, Mexilhoeira Grande e de Lagos assim como 12 pequenas rotas, que intercetam ou partilham caminhos com o eixo principal. Encontram-se ainda disponíveis 4 rotas temáticas: a Rota do Contrabandista, em Alcoutim, a Rota da Água, em Loulé, e a Rota das Árvores Monumentais e a Rota da Geologia, em Monchique. Estão também associados ao projeto 12 percursos pedestres de pequena rota, denominados complementares, que intercetam ou partilham caminhos com o eixo principal ou derivações da Via Algarviana.



Rebanho de cabra-alvarvia nas Furnazinhas

**Nome do Percurso:** Via Algarviana (GR13)  
**Concelhos abrangidos:** Alcoutim, Aljezur, Castro Marim, Tavira, São Brás de Alportel, Loulé, Silves, Monchique, Lagos, Portimão e Vila do Bispo.

**Localização:** região do Algarve

**Acessos e pontos de partida e chegada:** o percurso é dividido em 14 setores, todos eles iniciando e terminando em localidades que possuem alojamento e restauração. Assim, os acessos fazem-se pelas Estradas Nacionais que existem até essas localidades (Alcoutim, Balurcos, Furnazinhas, Vaqueiros, Cachopo, Barranco do Velho, Salir, Alte, São Bartolomeu de Messines, Silves, Monchique, Marmeleite, Bensafirim, Vila do Bispo e Sagres - Cabo de São Vicente).

**Tipo de percurso:** percurso pedestre e de BTT. Linear.

**Distância:** 300 km

**Duração média:** um setor por dia (14 setores com distâncias entre 14,30 km e 30,19 km, correspondente a cerca de 4 a 8 horas de caminhada por dia).

**Altitude máxima:** 850 m, próximo da Fóia (setor 11).

**Altitude mínima:** 12 m, próximo da Vinha Velha (setor 13).

**Época aconselhada:** primavera e outono.

**Homologado:** em processo de homologação.

**Sinalizado:** sim

**Entidade responsável:** Almargem - Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve

**Observações:** mais informação na página [viaalgarviana.org](http://viaalgarviana.org), onde, para além de notícias e informação variada, pode descarregar o guia de todo o percurso e ficheiro para leitura em sistema GPS.

# Rota Vicentina



Caminho rural na Bordeira

A Rota Vicentina é uma grande rota pedestre entre Santiago do Cacém e o Cabo de São Vicente, com cerca de 450 km de trilhos marcados, e composta pelo Caminho Histórico, Trilho dos Pescadores e vários Percursos Circulares.

O Caminho Histórico (percurso integrado na GR 11, E9), com cerca de 230 km, pode ser feito a pé ou de BTT, e liga Santiago do Cacém ao Cabo de São Vicente. Esta Grande

Rota procura recuperar aquele que teria sido o caminho usado por peregrinos, viajantes e habitantes nas suas deslocações pela região, sendo que passa por várias vilas e aldeias. O Trilho dos Pescadores vai de Porto Covo ao Cabo de São Vicente, sendo que se prevê, para a primavera de 2019, a sua extensão até Lagos, no Algarve. Atualmente o Trilho dos Pescadores está totalmente integrado no Parque Natural do Sudoeste



Alentejano e Costa Vicentina. Este parque natural apresenta uma notável diversidade de paisagens naturais e seminaturais e estende-se por 2 km mar a dentro, sendo caracterizado por praias arenosas e de calhau rolado, por arribas na linha de costa e por um planalto costeiro interrompido pontualmente por barrancos. As paisagens costeiras sustentam uma diversidade notável de associações

florísticas raras e endemismos. Das cerca de 700 espécies de plantas, 100 são endémicas, raras ou localizadas. As árvores mais representativas desta região são as quercinas, em particular o sobreiro e o carvalho-cerquinho, tendo também relevância o medronheiro, um arbusto ou árvore pequena normalmente associado àqueles carvalhos.

Alguns cursos de água deste parque são essenciais para espécies de peixes endémicos e como pontos de paragem durante a migração de passeriformes. Os estuários de alguns desses cursos de água fornecem condições para a criação de juvenis peixes marinhos e são importantes pontos de descanso e alimentação durante a migração de aves. É no extremo sudoeste, nas proximidades de Sagres e do Cabo de São Vicente que anualmente, entre o final do verão e o princípio do outono, se concentra nesta zona uma grande variedade de aves em migração para África. Durante esses dias, águias, milhafres, abutres, cegonhas, entre outras espécies, podem ser aqui observadas em grandes quantidades, à espera de ventos favoráveis para fazerem a travessia para sul.

As atividades humanas existentes no território são essencialmente a agricultura, pecuária, pesca e o turismo. Os campos agrícolas apresentam sistemas e culturas tradicionais, com a exceção de uma área crescente no Perímetro de Rega do Mira, de agricultura intensiva. Também o património cultural é bastante diversificado, com destaque para a Fortaleza de Sagres, um lugar de forte carga mítica.



Chegada ao Cabo de São Vicente



Bosque mediterrânico próximo da Carrapateira

**Nome do Percurso:** Rota Vicentina – Caminho Histórico (GR11)

**Concelhos abrangidos:** Santiago do Cacém, Sines, Odemira, Aljezur, Vila do Bispo

**Localização:** regiões do Alentejo e Algarve

**Acessos e pontos de partida e**

**chegada:** cada um dos 12 setores começa e termina em localidades com acesso por Estradas Nacionais (Santiago do Cacém, Vale Seco, Cercal do Alentejo, Porto Covo, S. Luís, Odemira, São Teotónio, Odeceixe, Aljezur, Arrifana, Carrapateira, Vila do Bispo, Cabo de São Vicente).

**Tipo de percurso:** percurso linear integrado na Grande Rota 11 (GR 11, E9), que liga Sagres a São Petersburgo (Rússia).

**Distância:** 230 km

**Duração média:** um sector por dia (12 sectores com distâncias entre 12 km e 25 km).

**Época aconselhada:** todo o ano exceto na época estival ou dias muito quentes, usualmente entre julho e agosto.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim, com sinalética intuitiva para poder fazer o percurso nos dois sentidos.

**Entidade responsável:** Rota Vicentina - Associação para a Promoção do Turismo de Natureza na Costa Alentejana e Vicentina.

**Observações:** mais informações na página [pt.rotavicentina.com](http://pt.rotavicentina.com), incluindo notícias e possibilidade de descarregar mapas e folhetos dos percursos assim como ficheiros para leitura e navegação com sistema GPS.

# Grande Rota do Guadiana

A Grande Rota do Guadiana (GR15), com uma extensão de aproximadamente 65 km, interliga Alcoutim a Vila Real de António. O percurso que atravessa zonas serranas, assim como troços do barrocal e litoral do Algarve, desenvolve-se no território do Baixo Guadiana, passando por algumas das suas povoações e caminhos ancestrais. Esta grande rota pode ser completada por uma rede de 19 percursos pedestres de pequena rota, com distâncias entre os 3 km e os 15 km. São os “Caminhos do Guadiana” que totalizam cerca de 135 km e permitem conhecer em pormenor toda esta região. A paisagem cultural desta GR é muito interessante devido às atividades tradicionais da região, muito associadas ao Guadiana, nomeadamente a pesca artesanal e navegação. Este percurso passa por dezasseis localidades, algumas com forte ligação ao rio. É o caso, por exemplo, dos portos fluviais de Vila Real de Santo António e Alcoutim, das salinas de Castro Marim, ou das várias povoações piscatórias ao longo do rio, como a Foz de Odeleite e Guerreiros do Rio, onde se situa o Museu do Rio. No património histórico, destaque para o castelo de Alcoutim, local estratégico de apoio à navegação no rio pois era neste local que antigamente as embarcações tinham de esperar até a maré baixar para poder descer o rio, e também o castelo de Castro Marim, com elevado valor na defesa do território, tendo sido a 1ª sede da Ordem de Cristo. A paisagem é genericamente caracterizada por grandes áreas de estevais e azinhais



Barcos junto ao cais de Alcoutim

e por plantações de pinheiro-manso. Os vales junto ao Guadiana e seus principais tributários apresentam pequenas hortas de cultivos tradicionais junto das povoações, alguns com os típicos pomares de sequeiro, com figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras. Também a produção de mel, de plantas aromáticas e medicinais, a criação de gado ou as diversas formas de turismo de



natureza são outras das atividades que se podem presenciar ou vivenciar durante o percurso.

A riqueza piscícola do Rio Guadiana é muito considerável. Trata-se da bacia com maior diversidade de peixes de Portugal e, como a maré faz-se sentir até Mértola, espécies tipicamente marinhas e estuarinas penetram até zonas interiores do rio. As

ribeiras que desaguam no Guadiana para além de sustentarem populações piscícolas relevantes, incluindo algumas espécies endémicas, funcionam como corredores ecológicos fundamentais a uma grande variedade de espécies, como a lontra e, quem sabe, num futuro próximo, também o linco-ibérico possa voltar a usar estes vales.



Chegada ao Miradouro do Pontal



Ribeira de Odeleite

**Nome do Percurso:** Grande Rota do Guadiana (GR15).

**Concelhos abrangidos:** Vila Real de Santo António, Castro Marim, Alcoutim.

**Localização:** território do Baixo Guadiana na Região do Algarve.

**Acessos e pontos de partida e chegada:** Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António.

**Tipo de percurso:** percurso pedestre e de BTT. Linear.

**Distância:** 65 km

**Duração média:** 3 dias

**Época aconselhada:** todo o ano exceto no verão

**Homologado:** em processo de homologação.

**Sinalizado:** sim, com sinalética para poder fazer o percurso em ambos os sentidos.

**Entidade responsável:** Odiana – Associação para o Desenvolvimento do Baixo Guadiana.

**Observações:** mais informações no site [www.baixoguadiana.com](http://www.baixoguadiana.com), incluindo a possibilidade de descarregar folhetos dos percursos.

# Percurso Descoberta



Chegada a Casas Novas

O Percurso Descoberta é uma Grande Rota (GR23) circular, implementada em plena Serra do Caldeirão.

Esta GR passa pelas povoações de Casas Baixas, Feiteira e Mealha. Os caminhantes podem fazer os diferentes troços da GR23 que ligam estas três localidades de modo

independente ou optar por fazer todo o circuito. Nestas três povoações existem infraestruturas de apoio para estadia, denominadas Centros de Descoberta do Mundo Rural (antigas escolas primárias recuperadas), que os visitantes podem reservar com antecedência e, deste modo,



ter mais tempo para conhecer o modo de vida das suas populações e descobrir o património local.

A paisagem é marcada por um extenso maciço de xisto de formas arredondadas, entrecortado por ribeiras, algumas de carácter temporário. Nesta Grande Rota

atravessam-se dois dos principais afluentes da margem esquerda do Rio Guadiana, as ribeiras da Foupana e de Odeleite.

A vegetação caracteriza-se por extensas áreas de esteval, em resultado do passado uso intensivo dos solos para produção de cereais. Atualmente a agricultura é essencialmente de subsistência, sendo também de assinalar a existência de projetos de florestação (pinhal e azinhal) e de plantação de pomares, sobretudo de sobro e medronheiro. Em alguns locais resistem azinhais e sobreirais, alguns em processo de formação de floresta, com cobertos subarbóreos povoados de medronheiro, estevão e urze-branca, entre outros, em resultado da ausência de pastorícia e de atividades agrícolas no sob coberto.

Em resultado da baixa pressão humana e das condições naturais do coberto vegetal, este território é especialmente interessante para a observação de aves de presa, como a águia-de-Bonelli, a águia-cobreira ou o bufo-real, e ainda para uma diversificada comunidade de passeriformes.

O património construído que caracteriza este percurso é particularmente interessante e diversificado. A arquitetura tradicional da serra algarvia, as noras, os muros de pedra seca, os palheiros, as poldras para passar os ribeiros ou os antigos moinhos de vento, constituem testemunhos de tempos passados que preservam a autenticidade e originalidade destas povoações.



Centro de Descoberta do Mundo Rural da Mealha



Pinhal e matos na Felteira



**Nome do Percurso:** Percurso  
Descoberta (GR23)

**Concelhos abrangidos:** Tavira

**Localização:** região do Algarve

**Acessos e pontos de partida e chegada:** Casas Baixas, Feiteira, Mealha (povoações da freguesia de Cachopo).

**Tipo de percurso:** percurso pedestre e de BTT. Circular.

**Distância:** 45 km

**Duração média:** percurso dividido em 3 troços, com 12 km, 16 km e 17 km. A duração estimada de cada troço varia entre 4 a 8 horas.

**Época aconselhada:** todo o ano exceto na época estival ou dias muito quentes, usualmente entre julho e agosto.

**Homologado:** sim

**Sinalizado:** sim, com sinalética intuitiva para poder fazer o percurso nos dois sentidos.

**Entidade responsável:** Associação In-Loco

**Observações:** mais informações na página [in-loco.pt](http://in-loco.pt), incluindo notícias e possibilidade de descarregar folhetos dos percursos.

# lista de espécies

## FAUNA

Nome comum - Nome científico

Águia-cobreira - *Circaetus gallicus*

Abelharuco - *Merops apiaster*

Águia-de-Bonelli ou águia-perdigueira -  
*Hieraetus fasciatus*

Alfaiate - *Recurvirostra avosetta*

Alvéola-branca - *Motacilla alba*

Ameijoa-boia - *Ruditapes decussatus*

Andorinha-do-mar-anã ou chilreta - *Sterna  
albifrons*

Atum - *Thunnus albacares*

Berbigão - *Cerastoderma edule*

Boca-cava-terra - *Uca tangeri*

Boga-de-boca-arqueada - *Chondrostoma  
lemmingii*

Bordalo - *Rutilus alburnoides*

Borrelho-de-coleira-interrompida - *Charadrius  
alexandrinus*

Bufo-real - *Bubo bubo*

Burro - *Equus asinus*

Búteo-comum ou águia-de-asa-redonda -  
*Buteo buteo*

Cágado-de-carapaça-estriada - *Emys orbicularis*

Cágado-mediterrânico ou cágado-comum -  
*Mauremys leprosa*

Camaleão - *Chamaeleo chamaeleon*

Camão - *Porphyrio porphyrio*

Cartaxo - *Saxicola torquata*

Cegonha-branca - *Ciconia ciconia*

Chapim-azul - *Parus caeruleus*

Chapim-real - *Parus major*

Chilreta - *Sterna albifrons*

Cia - *Emberiza cia*

Cobra-de-água - *Natrix sp.*

Cobra-de-água-viperina - *Natrix maura*

Cobra-de-escada - *Elaphe scalaris*

Cobra-rateira - *Malpolon monspessulanus*

Codorniz - *Coturnix coturnix*

Coelho-bravo - *Oryctolagus cuniculus*

Colhereiro - *Platalea leucorodia*

Corvo - *Corvus corax*

Corvo-marinho - *Phalacrocorax carbo*

Cotovia-escuro ou cotovia-montesina -  
*Galerida theklae*

Doninha - *Mustela nivalis*

Escalo-do-Arade - *Squalius aradensis*

Falcão-peregrino - *Falco peregrinus*

Felosa-do-mato - *Sylvia undata*

Flamingo - *Phoenicopterus ruber*

Fuinha - *Martes foina*

Gaio - *Garrulus glandarius*

Gaivota-de-cabeça-preta - *Larus  
melanocephalus*

Gaivota-de-patas-amarelas - *Larus cachinnans*

Galeirão - *Fulica atra*

Galinha-d'água - *Gallinula chloropus*

Ganso-patola - *Morus bassanus*

Garça-boeira - *Bubulcus ibis*

Garça-branca - *Egretta garzetta*

Garça-pequena - *Ixobrychus minutus*

Garça-real ou garça-cinzenta - *Ardea cinerea*

Garça-vermelha - *Ardea purpurea*

Gato-bravo - *Felis silvestris*

Geneta - *Genetta genetta*

Gralha-de-nuca-cinzenta - *Corvus monedula*

Guarda-rios - *Alcedo atthis*

Guincho - *Larus ridibundus*

Javali - *Sus scrofa*

Lagartixa-do-mato-ibérica - *Psammodromus  
hispanicus*

Lagarto-de-água - *Lacerta schreiberi*

Lebre - *Lepus granatensis*

Lince-ibérico - *Lynx pardinus*

Lontra - *Lutra lutra*

Maçarico-de-bico-direito - *Limosa limosa*

Maçarico-real - *Numenius arquata*

Melro - *Turdus merula*

Melro-azul - *Monticola solitarius*

Mergulhão-pequeno - *Tachybaptus ruficollis*

Mocho-galego - *Athene noctua*

Morcego-de-peluche - *Miniopterus schreibersii*

Morcego-rato-pequeno - *Myotis blythii*

Ostra - *Crassostrea spp.*

Ouriço-cacheiro - *Erinaceus europaeus*

Papa-amoras - *Sylvia communis*

Papa-figos - *Oriolus oriolus*

Pato-real - *Anas platyrhynchos*

Pato-trombeteiro - *Anas clypeata*

Pega-azul - *Cyanopica cyanus*

**Peneireiro** - *Falco tinnunculus*  
**Perdiz** - *Alectoris rufa*  
**Perna-vermelha** - *Tringa totanus*  
**Pernilongo** - *Himantopus himantopus*  
**Peto-verde** - *Picus viridis*  
**Piadeira** - *Anas penelope*  
**Pica-pau-malhado** - *Dendrocopos major*  
**Pica-pau-malhado-pequeno** - *Dendrocopos minor*  
**Picanço-de-dorso-ruivo** - *Lanius collurio*  
**Pilrito-comum** - *Calidris alpina*  
**Pintaroxo** - *Carduelis cannabina*  
**Pintassilgo** - *Carduelis carduelis*  
**Pombo-das-rochas** - *Columbia livia*  
**Poupa** - *Upupa epops*  
**Rã-verde** - *Rana perezi*  
**Raposa** - *Vulpes vulpes*  
**Rato-de-Cabrera** - *Microtus cabreræ*  
**Rela-meridional** - *Hyla meridionalis*  
**Rola-brava** - *Streptopelia turtur*  
**Rola-do-mar** - *Arenaria interpres*  
**Rolieiro** - *Coracias garrulus*  
**Sacarrabos** - *Herpestes ichneumon*  
**Salamandra-de-costas-salientes** - *Pleurodeles waltl*  
**Salamandra-de-pintas-amarelas** - *Salamandra salamandra*  
**Sapo-corredor** - *Bufo calamita*  
**Sapo-parteiro-ibérico** - *Alytes cisternasii*  
**Saramugo** - *Anaelypris hispanica*  
**Sardão** - *Lacerta lepida*  
**Seixoeira** - *Calidris canutus*  
**Tentilhão** - *Fringilla coelebs*  
**Texugo** - *Meles meles*  
**Toutinegra-de-cabeça-preta** - *Sylvia melanocephala*  
**Trepadeira-azul** - *Sitta europaea*  
**Trepadeira-comum** - *Certhia brachydactyla*  
**Trigueirão** - *Miliaria calandra*  
**Verdilhão** - *Carduelis chloris*  
**Zarro-castanho** - *Aythya nyroca*

## FLORA

**Nome comum** - Nome científico

**Acácia** - *Acacia* spp.  
**Adelfeira** - *Rhododendron ponticum* subsp. baeticum  
**Alecrim** - *Rosmarinus officinalis*  
**Alfarrobeira** - *Ceratonia siliqua*  
**Alcar-do-Algarve** - *Tuberaria major*  
**Amendoeira** - *Prunus dulcis*  
**Amieiro** - *Alnus glutinosa*  
**Araucária-de-Norfolk** - *Araucaria heterophylla*  
**Arenária** - *Arenaria montana*  
**Aroeira** - *Pistacia lentiscus*  
**Azevinho** - *Ilex aquifolium*  
**Azinheira** - *Quercus rotundifolia*  
**Bunho** - *Scirpus* spp.  
**Camarinha** - *Corema album*  
**Cana** - *Arundo donax*  
**Caniço** - *Phragmites australis*  
**Cardo-marítimo, cardo-rolador** - *Eryngium maritimum*  
**Castanheiro** - *Castanea sativa*  
**Carrasco** - *Quercus coccifera*  
**Carvalho** - *Quercus* spp.  
**Cerejeira** - *Prunus avium*  
**Choupo** - *Populus* spp.  
**Couve-das-praias** - *Calystegia soldanella*  
**Cravo-das-areias** - *Armeria pungens*  
**Campinha** - *Digitalis purpurea*  
**Eruca-marítima** - *Cakile maritima*  
**Esteva** - *Cistus ladanifer*  
**Esteva-de-Sagres** - *Cistus palhinhae*  
**Estevão** - *Cistus populifolius*  
**Estorno** - *Ammophila arenaria*  
**Eucalipto** - *Eucalyptus globulus*  
**Feno-das-areias** - *Elymus farctus*  
**Feto-do-monte** - *Pteridium aquilinum*  
**Figueira** - *Ficus carica*  
**Folhado** - *Viburnum tinus*  
**Freixo** - *Fraxinus angustifolia*  
**Funcho** - *Foeniculum vulgare*  
**Gramata-branca** - *Halimione portulacoides*  
**Gilbardeira** - *Ruscus aculeatus*  
**Hortelã-da-ribeira, menta-da-ribeira** - *Mentha cervina*

**Joina-das-praias** - *Ononis natrix* ssp. *ramosissima*  
**Junco** - *Juncus* spp.  
**Junco-agudo** - *Juncus acutus*  
**Lentisco-bastardo** - *Phillyrea angustifolia*  
**Loendro** - *Nerium oleander*  
**Loureiro** - *Laurus nobilis*  
**Madressilva** - *Lonicera implexa*  
**Malmequer-das-praias** - *Anthemis maritima*  
**Marioila** - *Phlomis purpurea*  
**Mato-branco** - *Halimium ocyroides*  
**Medronheiro** - *Arbutus unedo*  
**Murta** - *Myrtus communis*  
**Narciso-das-areias** - *Pancratium maritimum*  
**Oliveira** - *Olea europaea* var. *europaea*  
**Palmeira-anã, palmeira-das-vassouras** -  
*Chamaerops humilis*  
**Pereira-brava, catapereiro** - *Pyrus bourgaeana*  
**Perpétuas-das-areias** - *Helichrysum italicum*  
**Pinheiro-de-Alepo** - *Pinus halepensis*  
**Pinheiro-bravo** - *Pinus pinaster*  
**Pinheiro-manso** - *Pinus pinea*  
**Pilriteiro, espinheiro-alvar** - *Crataegus*  
*monogyna*  
**Plátano** - *Platanus* spp.  
**Poejo** - *Mentha pulegium*  
**Queiró** - *Caruma vulgaris*  
**Ranúnculo-aquático** - *Ranunculus peltatus*  
**Rosa-albardeira** - *Paeonia broteroi*  
**Roseira-brava** - *Rosa sempervirens*  
**Roselha** - *Cistus crispus*  
**Roselha-grande** - *Cistus albidus*  
**Retama** - *Retama monosperma*  
**Rosmaninho-comum** - *Lavandula stoechas*  
**Rosmaninho-verde** - *Lavandula viridis*  
**Salgadeira** - *Atriplex halimus*  
**Salgueiro** - *Salix* spp.  
**Sanganho-mouro** - *Cistus salvifolius*  
**Sargaça-amarela** - *Halimium halimifolium*  
**Sargaço** - *Cistus monspeliensis*  
**Silva** - *Rubus ulmifolius*  
**Sobreiro** - *Quercus suber*  
**Soda-espinhosa** - *Salsola kali*  
**Tabúa** - *Typha* spp.  
**Tamargueira** - *Tamarix africana*  
**Tamujo** - *Flueggea tinctoria*

**Tojo-do-Sul** - *Genista hirsuta* subsp. *algarbiensis*  
**Tojo-gatum** - *Stauracanthus boivinii*  
**Tojo-prateado** - *Ulex argenteus*  
**Tojo-de-Sagres** - *Ulex erinaceus*  
**Tojo-molar** - *Ulex minor*  
**Tomilho-canforado, tomilho-de-Sagres** -  
*Thymus camphoratus*  
**Tomilho-carnudo** - *Thymus carnosus*  
**Tomilho-de-creta** - *Thymbra capitata*  
**Trovisco** - *Daphne gnidium*  
**Urze-branca** - *Erica arborea*  
**Urze-vermelha** - *Erica australis*  
**Valverde-dos-sapais** - *Suaeda vera*  
**Zambujeiro, zambujo, oliveira-brava** - *Olea*  
*europaea* var. *sylvestris*  
**Zimbro** - *Juniperus turbinata*

# glossário

**Açude** - Pequena barragem construída em pedra que serve para reter, elevar e desviar a água dos rios e ribeiros, e para a conduzir, através da levada, ao moinho.

**Afloramento rochoso** – Exposição de rocha na superfície do terreno.

**Anta** - Monumento pré-histórico constituído por uma grande laje colocada sobre pedras verticais que a sustentam.

**Apicultura** – Criação de abelhas para exploração do mel.

**Arvense** - Planta que cresce ou vive em terras semeadas; culturas herbáceas produtoras de grãos e forragens.

**Azenha** - Moinho de rodízio movido a água.

**Barrocal Algarvio** - Faixa de terrenos carbonatados localizados na parte central da Orla Algarvia, entre a Serra e o Litoral, colonizados por um coberto vegetal típico, em parte exclusivo deste território.

**Biodiversidade** - Inclui a diversidade dentro da espécie, entre espécies e a diversidade comparativa entre ecossistemas.

**Bosque mediterrânico** – Zona densamente arborizada que no seu máximo desenvolvimento é dominado pela azinheira, sobreiro e pinheiro.

**Brecha calcária** - Fragmentos de calcário cimentados por cimento de carbonato de cálcio.

**Carnívoro** - Animal que se alimenta predominantemente de outros animais.

**Carreiro** - Caminho estreito criado pela passagem de pessoas e animais.

**Cavernícola** – Que vive nas cavernas ou nela se refugia.

**Culturas de sequeiro** – culturas que não necessitam de rega.

**Duna** – Acumulação de areia depositada pela ação do vento e do mar.

**Endemismo** – Organismo exclusivo de uma determinada região geográfica.

**Escrita do Sudoeste** – Também chamada escrita Tartéssica ou Sudlúsitana, é uma escrita datada da Idade do Ferro e circunscrita ao sul de Espanha e Portugal. A maior parte das inscrições conhecidas foram descobertas na zona entre o Alentejo e Algarve, em particular na Serra do Caldeirão.

**Esteiro** - Braço estreito de rio ou mar que se estende pela terra dentro.

**Geoponto** - Ponto de interesse geológico.

**Habitat** – Local e condições associadas onde vive uma determinada espécie ou conjunto de espécies.

**Hibernação** – Estado letárgico como mecanismo de adaptação ao excesso de frio e falta de alimento que alguns animais utilizam, durante o inverno, com o objetivo de poupar energia.

**Laguna** – Bacia litoral separada do mar por um cordão dunar.

**Lentiscal** – Área coberta maioritariamente por aroeiras (*Pistacia lentiscus*).

**Limícola** – Grupo de aves que compreende várias famílias, normalmente associadas a zonas húmidas (p. ex. pilritos, maçaricos, tarambolas).

**Maciço ígneo** – Zona montanhosa resultante do arrefecimento de magma.

**Matagal mediterrânico** – Zona de mato muito denso dominado por espécies arbustivas típicas do clima mediterrânico (p. ex. dos géneros *Cistus*, *Erica*, *Rosmarinus* e *Lavandula*).

**Mato halófito** – Vegetação associada a ambientes de elevada salinidade.

**Menir** - monumento pré-histórico formado por pedras, cravadas verticalmente no solo (ortóstatos), às vezes de tamanho bem elevado.

**Montado** – Floresta seminatural caracterizada por um estrato arbóreo pouco denso e por um estrato herbáceo de pastagens naturais e seminaturais. As espécies arbóreas são, sobretudo, sobreiros e azinheiras.

**Monte** – Pequena aldeia típica.

**Nora** – Engenho para tirar água dos poços.

**Paisagem cársica** – Paisagem que possui áreas carbonatadas caracterizadas por uma fraca drenagem superficial, depressões incluídas abundantes e um sistema de drenagem subterrânea bem desenvolvido, com cavernas.

**Passeriforme** – Ave, normalmente de reduzidas dimensões, pertencente à ordem dos passeriformes (p. ex. pardal, pintassilgo, chapim).

**Paul** – Terreno alagadiço.

**Pequena Rota** – É identificada pela sigla PR, seguida pelo número de registo do respetivo concelho. É sinalizada no terreno com marcas de cores vermelho e amarelo, demora menos de um dia a percorrer e tem menos de 30 Km de extensão.

**Plantas pioneiras** – As que principiam a colonização de um determinado ecossistema, iniciando o processo de sucessão ecológica. São consideradas espécies mais resistentes a fatores abióticos extremos (temperatura, humidade ou salinidade).

**Plantas suculentas** – Plantas com raiz, talo ou folhas modificadas para permitir armazenar maior quantidade de água e resistir a longos períodos de seca no ambiente.

**Poldras** – Pedras dispostas em linha num curso de água para permitir passagem de pessoas entre as margens.

**Pomar de sequeiro** – Arvoredo frutífero. Pode ser constituído por várias espécies de árvores (amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e oliveiras).

**Rede Natura 2000** – Rede ecológica de âmbito Europeu que tem por objetivo contribuir para assegurar a biodiversidade através da conservação dos *habitats* naturais e da fauna e da flora selvagens no território da União Europeia.

**Retamal** – Área com domínio da espécie *Retama monosperma*, arbusto típico das dunas secundárias (onde chega a formar matagais mais ou menos densos) ou do subcoberto de pinhais litorais.

**Ripícola** – Referente à vegetação existente nas margens dos cursos de água.

**Sapal** – Zona húmida com vegetação característica que tolera solo salino.

**Subcoberto** (vegetal) – Estrato de vegetação abaixo do estrato do coberto arbóreo.

**Taipa (construção)** – Técnica construtiva que consiste em compactar terra, num estado seco/húmido, entre taipais e em camadas, com o auxílio de um maço ou pilão.

**Umbria** – Encostas com orientação a norte; espaços sombrios.

**Vasa** – Fundo lodoso.

**Vegetação nativa** – Vegetação originária de um ecossistema ou região geográfica.

**Vegetação palustre** – Vegetação de águas paradas (pauis, charcos) e de zonas alagadiças.

**Zona húmida** – Qualquer área litoral ou interior dominada, permanente ou temporariamente, pela água.

# contactos úteis

## POSTOS DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA

### Aeroporto Internacional de Faro

Aeroporto Internacional de Faro  
8001 – 701 Faro  
37.019939, -7.967821  
Tel.: 289 818 582  
turismo.aeroporto@turismodoalgarve.pt

### Albufeira

Rua 5 de Outubro  
8200 – 109 Albufeira  
37.087416, -8.252978  
Tel.: 289 585 279  
turismo.albufeira@turismodoalgarve.pt

### Alcoutim

Rua 1.º de Maio  
8970 – 059 Alcoutim  
37.471423, -7.471447  
Tel.: 281 546 179  
turismo.alcoutim@turismodoalgarve.pt

### Aljezur

Rua 25 de Abril, n.º 62  
8670 – 054 Aljezur  
37.315685, -8.803803  
Tel.: 282 998 229  
turismo.aljezur@turismodoalgarve.pt

### Alvor

Rua Dr. Afonso Costa, n.º 51  
8500 – 016 Alvor  
37.130530, -8.593432  
Tel.: 282 457 540  
turismo.alvor@turismodoalgarve.pt

### Armação de Pêra

Avenida da Beira Mar  
8365 - 101 Armação de Pêra  
37.101578, -8.363360  
Tel.: 282 312 145  
turismo.armacaodepera@turismodoalgarve.pt

### Carvoeiro

Largo da Praia  
8400 – 517 Carvoeiro LGA  
37.097017, -8.471279  
Tel.: 282 357 728  
turismo.carvoeiro@turismodoalgarve.pt

### Castro Marim

Mercado Local  
Rua de São Sebastião  
8950 – 121 Castro Marim  
37.217257, -7.443782  
Tel.: 281 531 232  
turismo.guadiana@turismodoalgarve.pt

### Faro

Rua da Misericórdia, n.º 8 – 11  
8000 – 269 Faro  
37.014739, -7.934715  
Tel.: 289 803 604  
turismo.faro@turismodoalgarve.pt

### Lagos

Praça Gil Eanes (Antigos Paços do Concelho)  
8600 - 668 Lagos  
37.102775, -8.672714  
Tel.: 282 763 031  
turismo.lagos@turismodoalgarve.pt

### Loulé

Avenida 25 de Abril, n.º 9  
8100 – 506 Loulé  
37.139073, -8.021448  
Tel.: 289 463 900  
turismo.loule@turismodoalgarve.pt

### Monchique

Largo S. Sebastião  
8550 – 000 Monchique  
37.316494, -8.555302  
Tel.: 282 911 189  
turismo.monchique@turismodoalgarve.pt

### Olhão

Largo Sebastião Martins Mestre, n.º 8 A  
8700 – 349 Olhão  
37.025187, -7.841989  
Tel.: 289 713 936  
turismo.olhao@turismodoalgarve.pt

### Ponte Internacional do Guadiana

A22 – Monte Francisco  
8950 - 206 Castro Marim  
37.236831, -7.437635  
Tel.: 281 531 800  
turismo.guadiana@turismodoalgarve.pt

### **Praia da Rocha**

Avenida Tomás Cabreira  
8500 – 802 Praia da Rocha  
37.118968, -8.538511  
Tel.: 282 419 132  
turismo.praiadarocha@turismoalgarve.pt

### **Quarteira**

Praça do Mar  
8125 - 193 Quarteira  
37.068110, -8.104187  
Tel.: 289 389 209  
turismo.quarteira@turismoalgarve.pt

### **Sagres**

Rua Comandante Matoso  
8650 – 357 Sagres  
37.007772, -8.940281  
Tel.: 282 624 873  
turismo.sagres@turismoalgarve.pt

### **São Brás de Alportel**

Largo de São Sebastião, n.º 23  
8150 – 107 São Brás de Alportel  
37.152438, -7.888509  
Tel. 289 843 165  
turismo.saobras@turismoalgarve.pt

### **Silves**

E. N. 124 (Parque das Merendas)  
8300 – 000 Silves  
37.185663, -8.440556  
Tel.: 282 098 927  
turismo.silves@turismoalgarve.pt

### **Tavira**

Praça da República, n.º 5  
8800 – 329 Tavira  
37.125805, -7.650282  
Tel.: 281 322 511  
turismo.tavira@turismoalgarve.pt

## **POSTOS MUNICIPAIS DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA**

### **Albufeira**

Estrada de Santa Eulália  
8200 Albufeira  
Tel.: 289 515 973  
posto.turismo@cm-albufeira.pt

Estrada Nacional 395 (entrada da cidade)  
8200 Albufeira  
Tel.: 289 599 502  
posto.turismo2@cm-albufeira.pt

### **Alte**

Pólo Museológico Cândido Guerreiro e Condes  
de Alte  
8100 Alte  
Tel.: 289 478 060

### **Portimão**

(Ed. do TEMPO – Teatro Municipal)  
Largo 1.º Dezembro  
8500-581 Portimão  
Tel.: 282 402 487  
info@visitportimao.com

### **Querença**

Largo da Igreja  
8100 - 495 Querença  
Tel.: 289 422 495

### **Salir**

Antiga Escola Primária  
8100 Salir  
Tel.: 289 489 137

### **Silves**

Centro de Interpretação do Património Islâmico  
Praça do Município  
8300-117 Silves  
Tel.: 282 440 800  
turismo@cm-silves.pt

### **Vila Real de Santo António**

Manta Rota  
Praça da Manta Rota, n.º 1, Manta Rota  
8900-074 Vila Nova de Cacela  
Tel.: 281 952 750  
postoturismomr@cm-vrsa.pt

Rua 5 de Outubro, n.º 16  
8900-241 Vila Real de Santo António  
Tel.: 281 510 000 (Ext. 4210)  
postoturismovrsa@cm-vrsa.pt

# referências bibliográficas

- Alves J., Santos M., Costa J., Gonçalves J. e Lousã M. (1998). *Habitats naturais e seminaturais de Portugal Continental. Tipos de habitats mais significativos e agrupamentos vegetais característicos*. Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa.
- Cabral F.C. e Telles G.R. (1999). *A árvore em Portugal*. Assírio e Alvim, Lisboa.
- Cabral M.J. (Coord), Almeida J., Almeida P.R., Dellinger T., Ferrand de Almeida N., Oliveira M.E., Palmeirim J.M., Queiroz A.I., Rogado L. e Santos-Reis M. (eds.) (2005). *Livro vermelho dos vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Cancela d'Abreu A., Correia T. e Oliveira R. (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*. DGOTDU / Universidade de Évora.
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (2003). *Relatório do estado do ambiente do Algarve – 2003*. CCDR-Algarve, Faro.
- Costa H., Araújo A., Farinha J.C., Poças M.C. e Machado A.M. (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Paleártico Ocidental*. Assírio e Alvim, Lisboa.
- Costa L.T., Nunes M., Gerales P. e Costa H. (eds.) (2003). *Zonas Importantes para as Aves em Portugal*. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.
- Farinha J.C., Castro-Henriques P. e Neves R. (2000). *Percursos, paisagens & habitats de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza. Assírio e Alvim, Lisboa
- Ferrand de Almeida N., Ferrand de Almeida P., Gonçalves H., Sequeira F., Teixeira J. e Ferrand de Almeida F. (2001). *Anfíbios e répteis de Portugal*. Guia Fapas – Fundo para a Proteção dos Animais Selvagens, Porto.
- Pessoa F. (1999). *Algarve, paisagens e espaços naturais*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, Faro.
- Pinho, R., Lopes L., Leão F. e Morgado F. (2003). *Conhecer as plantas nos seus habitats*. Ed Plátano, Lisboa.
- Pinto Gomes C. e Ferreira R. (2005). *Flora e vegetação do Barrocal Algarvio. Tavira-Portimão*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, Faro.
- Rocha F. (1996). *Nomes vulgares de plantas existentes em Portugal*. Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas. Direção Geral de Proteção das Culturas.
- Mullarney K., Svensson L., Zetterstrom D., Grant P.J., (2003). *Guia de Aves*. Assírio e Alvim, Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.



## **FICHA TÉCNICA**

### **Edição e Propriedade**

Região de Turismo do Algarve

Sede: Av. 5 de Outubro, 18, 8000-076 Faro, Algarve, Portugal

Telefone: 289 800 400

Fax: 289 800 489

turismoalgarve@turismoalgarve.pt

www.turismoalgarve.pt

www.visitalgarve.pt

### **Coordenação**

Área de Comunicação e Imagem

marketing@turismoalgarve.pt

### **Textos**

Paula Gaspar, João Eduardo Pinto

### **Fotografia**

João Eduardo Pinto e arquivo da Região de Turismo do Algarve

### **Colaboração**

Associação Almargem (Via Algarviana), Associação Odiana (Grande Rota do Guadiana), Associação Rota Vicentina (Rota Vicentina), Associação In Loco e Junta de Freguesia de Cachopo (percurso Descoberta)

### **Base Cartográfica**

Instituto Geográfico do Exército

### **Conceção Gráfica e Paginação**

Nata Design

### **Impressão**

...

### **Tiragem**

... exemplares

### **Distribuição**

Gratuita

### **Depósito legal**

3.ª edição

2019

Financiamento



algarve.  
o segredo  
mais famoso  
da europa

